

UNIVERSIDADE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E A TECNOLOGIA DE
PRODUÇÃO DE SUJEITOS: SUBJETIVIDADES
HETERONORMATIVAS E PERFORMATIVIDADE FAMILIAR**

VALÉRIA BARROS DOS SANTOS MARCHESI

**VILA VELHA
JANEIRO / 2020**

UNIVERSIDADE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E A TECNOLOGIA DE
PRODUÇÃO DE SUJEITOS: SUBJETIVIDADES
HETERONORMATIVAS E PERFORMATIVIDADE FAMILIAR**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

VALÉRIA BARROS DOS SANTOS MARCHESI

VILA VELHA
JANEIRO / 2020

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

M316i

Marchesi, Valéria Barros dos Santos.

A Igreja Universal do Reino de Deus e a tecnologia de produção de sujeitos: subjetividades heteronormativas e performatividade familiar / Valéria Barros dos Santos Marchesi. – 2020.

138 f. : il.

Orientador: Pablo Ornelas Rosa.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) –
Universidade Vila Velha, 2020.

Inclui bibliografias.

1. Sociologia política. 2. Identidade de gênero. 3. Sexo – aspectos religiosos. 4. Heterossexualidade – aspectos religiosos. 5. Igrejas pentecostais – Brasil. 6. Famílias - Aspectos religiosos - Igreja Universal do Reino de Deus. I. Rosa, Pablo Ornelas. II. Universidade Vila Velha. III. Título.

CDD 289

VALÉRIA BARROS DOS SANTOS MARCHESI

**A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E A TECNOLOGIA DE
PRODUÇÃO DE SUJEITOS: SUBJETIVIDADES
HETERONORMATIVAS E PERFORMATIVIDADE FAMILIAR**

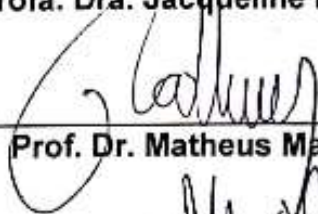
Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, para a obtenção do grau de Mestre de Mestre em Sociologia Política.

Aprovada em 27 de janeiro de 2020,

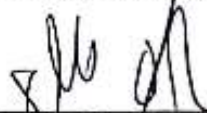
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Jacqueline Moraes Teixeira (USP)



Prof. Dr. Matheus Mazzilli Pereira (UVV)



Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV)
Orientador

AGRADECIMENTOS

Há inúmeras pessoas especiais ao longo desses trinta meses de pesquisa a quem eu tenho apreço e aos quais sou grata, mas que infelizmente não serei capaz de enunciar todos pela quantidade que perfazem. Assim inicio pelo meu companheiro, exímio pesquisador e intelectual, Paulo Edgar da Rocha Resende. Quantas noites imersos em elucubrações sobre nossas concepções políticas, micropolíticas e sociológicas da conjuntura atual, que me levaram a delongadas meditações. O companheirismo partilhado na conduta acadêmica foi basilar para me desfazer de juízos de valores e me assentar em fatos da própria pesquisa. Ao amor sem medidas demonstrados em pequenos gestos, todavia essenciais para a fase solitária em que se dá a produção do texto e das análises etnográficas. Às produções acadêmicas que já realizamos no eixo de confluência das nossas áreas de pesquisa. As primeiras de muitas que virão, porque é uma honra em tê-lo como colega de trabalho, além de ser meu amor.

Aos meus filhos, o agradecimento de uma mãe apaixonada que por muitas vezes esteve ausente, mergulhada neste trabalho. Ainda assim, em todo esse tempo me fiz presente em fins de semana enleados de amor e fui alvo de demonstrações de afeto inenarráveis. À minha filha primogênita Letícia, que se fez presente em cada etapa desta jornada, me apoiando com seu jeito singular, se estampando vivamente como incentivadora do meu mestrado. À Melissa e Daniel, que perfilaram com doçura e gestos de afago. Aos três conjuntamente, pelas cartinhas e desenhos que até hoje estão postos sobre a minha estação de trabalho. Ao meu ex- companheiro José Cleocir, que assume o lugar de um verdadeiro amigo, sendo suporte junto aos nossos filhos e a mim desde o dia em que nos conhecemos. Você é excepcional!

À minha amiga Amanda Degobi! Quanta parceria, quantas noites de conversas, risos frouxos e compartilhamento de ideias. Quantas vezes recorri à sua postura singular ante aos desafios, à sua positividade quanto ao futuro, à garra com que lida com a vida. Quanto amparo no decurso desta pesquisa!

Ao meu orientador e amigo, professor Pablo Ornelas Rosa, que assume a posição fulcral do meu engajamento em ler minha etnografia por um viés pós-estruturalista. Desde o início mergulhamos juntos em partilhamentos de ideias e concepções, na troca de experiências de leituras e percepções etnográficas que nos levavam a uma imersão dentro do contexto hodierno político, econômico e

religioso.Quanto conhecimento e amor pela pesquisa! Tudo isso foi e tem sido impulsionador de novos empreendimentos acadêmicos, sendo estes, meu anelo de realizá-lo ao seu lado.

À professora Jacqueline Teixeira por inúmeras razões cujo espaço neste pequeno texto, não seria capaz de contemplar. Uma referência na área de pesquisa a que me dedico, uma pesquisadora de expressão e ao mesmo tempo acessível, com seu amor, encorajamento e sua personalidade maravilhosa. Muito amor, sensibilidade e conhecimento a ser partilhado no âmbito acadêmico! Obrigada pela força!

Àquela que me influenciou desde a minha graduação, professora Márcia Valéria. Obrigada pelo fomento à inserção no Programa de Pós-Graduação Sociologia Política. Obrigada por todo incentivo, pelas críticas, pelos dias em que sorrimos e ventilamos sobre assuntos que convergem com nossa atuação acadêmica. Sua presença assume atributos de mentora da minha vida acadêmica, profissional e pessoal. Também pelos mergulhos no mar, trazendo a força da natureza para nossa amizade orgânica.

À minha mãe, que também se posiciona como central, não só neste, mas em todos os empreendimentos da minha vida. Sempre longânima e companheira, atuou com um suporte e descanso para minha mente inquieta e questionadora, com o amor intenso demonstrado em gestos simples. Você me fortalece com seus abraços de amor e força, mamãe!

Agradeço singularmente à professora Teresa da Silva Rosa, que assumiu mais do que o papel de uma célebre intelectual, mas se fez presente em uma fase decisiva neste decurso. Seu cariz leve e dócil e por vezes engraçado no arrolamento sobre coisas profundas, me proporcionou ampliar minha visão, culminando em uma melhor leitura das inúmeras referências que se inserem em meu campo de análise.

À todos os que não citei, mas que sabem que fazem parte deste processo, muito obrigada por tornarem essa fase tão importante da vida, em um aprendizado de múltiplos resultados sobre a minha existência, sobre a minha reescrita no contexto social, sobre a garra com que conduzo minha opção de atuação na sociedade, a saber, à resistência!

SUMÁRIO

Lista de quadros, figuras e gráficos:.....	XIII
Resumo.....	IX
Abstract.....	X
Introdução	11
Roteiro dos capítulos.....	16
Da escolha do objeto de pesquisa	17
Ferramentas metodológicas de pesquisa.....	19
Capítulo 1 – Foucault e os tensionamentos dos dispositivos e tecnologias operados sobre os sujeitos	23
Capítulo 2- A Igreja Universal do Reino de Deus	35
2.1. Do Surgimento do pentecostalismo e suas três concepções ao longo do século XX: A eclosão neopentecostal.....	35
2.2. Contexto histórico do fenômeno do neopentecostalismo no Brasil: do surgimento e expansão da Igreja Universal do Reino de Deus até a contemporaneidade	42
2.3. A Igreja Universal Do Reino De Deus: representatividade do expansionismo midiático e radiofônico e a consequente contribuição efusiva na IURD	49
2.4. A Igreja Universal e a guerra contra o Diabo.....	52
2.5 A Universal e a política.....	56
2.5.1. A Instauração da religião e a família como sujeitos civis pelas Constituições Brasileiras.....	57
2.5.2. A presença do religioso na arena pública e a laicidade	59
2.5.3. A emergência de um neoconservadorismo	63
2.6 A Teologia Da Prosperidade	70
2.6.1. A Teologia Da Prosperidade e o seu encadeamento com a família tradicional, monogâmica e heterossexual.....	75
2.6.1.1. A centralidade da mulher na família de deus iurdiana.....	78
Capítulo 3 – A Terapia do Amor: a equipagem constitutiva da gramática da família de deus	82
3.1 A representação do eu na vida iurdiana.....	82

3.2 A Terapia do Amor na Catedral de Vitória.....	83
3.2.1 Os frequentadores.....	83
3.2.2 O Rito	84
3.3 A Terapia Do Amor No Tempo De Salomão	85
3.3.1 Os Frequentadores	85
3.3.2 O Rito	86
Capítulo 4 – Dos discursos e convenções normativas sobre o modelo de mulher de Deus Iurdiana.....	90
4.1 A ética do empreendedorismo familiar	90
4.2. A família de deus e o Casamento Blindado: a pugna contra o divórcio, adultério e a “mulher Ideal”	96
4.2.1 O cuidado de si na conjugalidade iurdiana.....	107
Capítulo 5 – As prédicas e práticas contemporâneas da iurd correlatas ao neoconservadorismo hodierno como equipagem da pedagogia do voto	112
5.1 A IURD e o feminismo	112
5.2. O Neoconservadorismo Iurdiano e sua confluência com Movimento Escola Sem Partido e Ideologia De Gênero	119
5.3. A Homossexualidade instigada pelo “kit gay” e a proposição da “cura gay”	122
Considerações Finais.....	127
Referências Bibliográficas.....	130

LISTA DE QUADROS, FIGURAS E GRÁFICOS:

Quadro 1: Tipologias binárias do Pentecostalismo no Brasil	39
Quadro 2: Estados e emissoras da Rede Record	49
Gráfico 1: Número de parlamentares integrantes da Bancada Evangélica eleitos em 2018, por denominação	65
Figura 1: A Catedral de Vitória	83
Figura 2: O Templo de Salomão	87

RESUMO

MARCHESI, Valéria Barros dos Santos, Msc., Universidade Vila Velha - ES, janeiro de 2020. **A Igreja Universal do Reino de Deus e a tecnologia de produção de sujeitos: subjetividades heteronormativas e performatividade familiar.** Orientador: Pablo Ornelas Rosa.

Esta pesquisa se lança sobre os discursos e práticas pastorais da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) na produção de sujeitos generificados, em uma trama na qual a mulher assume o fulcro familiar, se constituindo como principal alvo de agenciamento. Diante disso, problematizo: estariam e em que medida as técnicas de constituição do comportamento sexual e de modelação do arranjo familiar servindo a uma estratégia de poder que transcende objetivos religiosos? O objetivo é compreender como a IURD orienta seus fiéis, e essencialmente as mulheres, em questões acerca de gênero, sexualidade e a preservação da família heterossexual. A hipótese que tenciono é: a IURD opera como uma tecnologia de poder produtora de sujeitos politicamente dóceis e economicamente úteis, com fins de fortalecer seu projeto de hegemonia conservadora nos costumes, marcada pela família tradicional patriarcal, na política, pela orientação do voto, e no campo econômico, pela TP de orientação neoliberal. Como base teórica metodológica utilizei as noções de Michel Foucault que tencionam acerca dos múltiplos dispositivos e tecnologias de poder que incidem sobre os sujeitos, com fim de modelagem subjetiva dos mesmos, adotando o método etnográfico da observação participante no Templo de Salomão em São Paulo-SP, bem como na maior sede da IURD no Espírito Santo-ES, a Catedral de Vitória. Verificamos que o homem e a mulher têm suas subjetividades definidas como alvo de seus dispositivos pastorais de dominação e imposição de verdades. Assim, a IURD desloca-se de um lugar meramente inscrito na esfera religiosa e emerge como uma tecnologia produtora de sujeitos. A família aqui descrita emerge como modelo de arranjo assaz favorável a um cenário neoconservador e neoliberal, bem como, pelo que tenciono como “pedagogia do voto”, os sujeitos religiosos convertem-se para atuarem também como sujeitos políticos.

PALAVRAS-CHAVE: Família Tradicional, Neoconservadorismo, Neopentecostalismo, Heteronormatividade.

MARCHESI, Valéria Barros dos Santos, Msc., Vila Velha University- ES, January 2020. **The Universal Church of the Kingdom of God and the technology of subject production: heteronormativity subjectivities and family performativity.** Advisor: Pablo Ornelas Rosa.

ABSTRACT

This research aims to study the pastoral discourses and practices of the Universal Church of the Kingdom of God (IURD) in the production of gendered subjects, in a scheme in which the woman assumes the core of the family, becoming the main target of agency. In view of this, I question: are they and to what extent are the techniques for constituting sexual behavior and shaping the family arrangement serving a power strategy that transcends religious purposes? The objective of the research is to understand how the IURD guides its faithful, and essentially women, in questions about gender, sexuality and the preservation of the heterosexual family. The hypothesis that I adopt is: the IURD operates as a technology of power that produces politically docile and economically useful subjects, in order to strengthen its project of conservative hegemony in customs, evidenced by the traditional patriarchal family, in politics by the orientation of the vote, and in the economic field by the neoliberal oriented PT. As a methodological theoretical basis, I used the notions of Michel Foucault who discuss the multiple devices and technologies of power that affect the subjects, in order to subjectively model them, adopting the ethnographic method of participant observation in the Temple of Solomon in São Paulo-SP , as well as in the largest IURD headquarters in Espírito Santo-ES, the Vitória Cathedral. We found that men and women have their subjectivities defined as the target of their pastoral devices of domination and imposition of truths. Thus, the IURD moves from a place merely framed in the religious sphere and emerges as a technology that produces subjects. The family described here emerges as a model of arrangement quite favorable to a neoconservative and neoliberal scenario, as well as, for what I intend as a “voting pedagogy”, religious subjects are converted to also act as political subjects.

KEYWORDS: Traditional Family, Neoconservatism, Neopentecostalism, Heteronormativity.

INTRODUÇÃO

Início esta narrativa trazendo a lume a figura pública de Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que tem sido alvo do interesse da mídia por seu comprometimento com o atual governo do Presidente Jair Bolsonaro¹. Faço oportuno essa diegese para propor uma observância da consonância do atual presidente da república, que alicerçou sua campanha sob o lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!”, com as igrejas evangélicas. Para além disso, vários discursos acerca da preservação da “família tradicional” têm circundado o país nos últimos anos. Essa família, entendida aqui, como aquela monogâmica e heterossexual. Sobre esse assente, têm sido instauradas formas de existir, de ser político, de performatizar sexualidades, fortalecendo o paradigma de uma sociedade conservadora nos costumes, levando-se em conta que o Brasil é majoritariamente cristão, remontando um regresso inexprimível no que tange aos às diversidades e liberdades individuais.

O modelo de família engendrado por Edir Macedo fixa normas que se projetam para além da heterossexualidade e da monogamia, pois circundam sobre o homem e a mulher um vivaz código de conduta que coaduna com os planeamentos dos ditames da IURD que tem, no limite, a família como fulcro, sendo a mulher o principal sujeito de agenciamento. Segundo o próprio Edir Macedo, “porque sobre seus ombros pesa mais a responsabilidade de estabelecer o seu lar. Para onde pender a mulher, penderá toda a sua família” (MACEDO, 2017, p.27). Enuncio também, oportunamente, a manchete de capa do Jornal Folha de São Paulo, no dia nove de junho de 2019: “Justiça condena Universal por esterilização de pastores”. A matéria diz respeito a uma das práticas constitutivas do planejamento familiar² proposto por Edir Macedo, que diz respeito à incitação dos sujeitos religiosos à vasectomia.

Avento sobre o neoconservadorismo que emerge na contemporaneidade como resultado das práticas e ditames episcopais de inúmeras denominações cristãs, fazendo com que o agrupamento de sujeitos inscritos no movimento religioso

¹ Para citar alguns exemplos: “*Bolsonaro é abençoado no Templo de Salomão, e Edir Macedo fala em ‘inferno da mídia’*” (Folha de São Paulo, 1 de setembro de 2019); “*Edir Macedo pede que Deus ‘remova’ quem se opõe a Bolsonaro*” (Revista Veja, dia 21 de maio de 2019); “*Gasto federal com publicidade cresce, e Record supera Globo*” (Folha de São Paulo, 16 de abril de 2019); “*Itamaraty retoma prática do governo Lula e concede passaporte diplomático a Edir Macedo e sua Mulher*” (Folha de São Paulo, 15 de abril de 2019).

² Explanarei a respeito ao longo desta dissertação.

engendre a pugna contra as concepções de sexualidade não coadunantes com a heteronormatividade, instaurando a performatividade familiar que contemple a gramática de gênero na contemporaneidade.

Isto posto, Butler (2015) postula que a identidade de gênero assume um caráter performático a partir de discursos: “no contexto do discurso herdado da metafísica da substância, o gênero demonstra ser performativo, quer dizer, constituinte da identidade que pretende ser”(ibid, p.24-25). Salih (2017) corrobora com a afirmação de Butler ao afirmar que: “o gênero é um ato que faz existir aquilo que ele nomeia: neste caso, um homem “masculino” ou uma mulher “feminina”(ibid, p.91). Deste modo, distintamente da performance, o sujeito é preexistente e seu gênero construído socialmente, na performatividade o gênero é resultado do discurso e linguagem.

No que toca à performatividade familiar, tenciono que os sujeitos são generificados a partir de discursos que os posicionam nos moldes da heterossexualidade, estabelecendo uma heteronormatividade que permeia a sociedade contemporânea neoconservadora como norma, onde a família heterossexual assume a conjuntura ideal de arranjo familiar.

Acerca do conceito de conservadorismo³ que aciono, pontuo que o interesse neste trabalho não se limita somente arrolar acerca da sua concepção, propostos por estudiosos da Antropologia, Sociologia, Filosofia ou Ciência Política, mas é precipuamente o tencionamento de uma noção de neoconservadorismo que emerge na prática e no tempo presente. Essa noção tem sido acionada na contemporaneidade por ativistas digitais, pelo poder político-partidário, por sujeitos civis e religiosos, em especial os evangélicos, sendo esta última categoria a que selecionei como foco, mais precisamente os neopentecostais, elegendo a Igreja Universal do Reino de Deus como campo de pesquisa e análise.

É factível aventar que paradigma neoconservador assentado sobre a família heterossexual, dispõe dicotomicamente os que são tributários desta gramática de gênero e os que não se enquadram neste cenário, como os já supracitados, homossexuais e lésbicas. Dito isto, trago a lume o que Stanley (2019) postula sobre uma segmentação entre “nós” e “eles”, que engloba as especificidades no que toca à etnia, religião e a própria política. Deste modo, essa dicotomia, que

³ Cf: BURKE, Edmund. Reflexões sobre a revolução na França. São Paulo: Vide Editorial, 2017; ROSA, Pablo Ornelas. Fascismo Tropical: Uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras. Vitória: Editora Milfontes, 2019; ROLNIK, Suely. Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

perpassa por práticas políticas, além das eclesiásticas, reverbera na aspiração sexual e na hierarquização patriarcal, que é ameaçada pela florescente paridade de gênero. À vista disso, Rosa (2019) postula acerca de uma fragmentação social no país neste século, e que essa fratura:

potencializou a polarização das distintas perspectivas políticas, dificultando ou mesmo impossibilitando debates, em que de um lado estão “eles”, os inimigos, e de outro, “nós”, “os cidadãos de bem”, que compartilham certo entendimento sobre configurações familiares, sexualidade, questões raciais, de gênero e, principalmente, direcionadas a um comportamento persecutório para com a dissidência política (...) (*ibid*, p.35).

Rolnik (2018) sugere uma relação, a princípio paradoxal, entre o neoliberalismo e o neoconservadorismo, a partir de um capitalismo financeirizado. Para Rolnik, o capitalismo financeirizado precisa de uma forma mais intensa para seu crescimento. A proposição é que o neoconservadorismo religioso potencializa o neoliberalismo, na medida em que é dotado de poder de determinar as condutas dos sujeitos, indispensável para o fortalecimento da economia neoliberal. Acerca do poder religioso aventado por Rolnik (2018):

A torpe subjetividade dos neoconservadores é arraigadamente classista e racista, o que os leva a cumprir seu papel nessa cena sem qualquer barreira ética e numa velocidade vertiginosa. Quando nem bem nos damos conta de uma de suas tacadas, uma ou outra já está em vias de acontecer, geralmente decidida pelo Congresso na calada da noite (*ibid*, p.101).

Proponho uma observância de que, na contemporaneidade os sujeitos religiosos têm acionado a categoria do neoconservadorismo não só para produzir sentido religioso, mas também sentido político. A exemplo disso proponho a noção da ‘pedagogia eleitoral’ que verifiquei em campo, onde os partícipes, aqui nomeados sujeitos religiosos, eram fomentados em tempos de eleições a votarem em Jair Bolsonaro e outros candidatos que possuíam em sua campanha, o discurso sobre a preservação da família heterossexual, fortalecendo o estabelecimento de uma nação de cariz que apraz ao neoconservadorismo.

Tal pedagogia que tenciono e sinalo por meio de transcrições literais ao longo do trabalho, fica bem evidente com o enunciado por Almeida (2019, p.202): “Em relação aos evangélicos, as lideranças religiosas declararam apoio a Bolsonaro, como fez o bispo Edir Macedo a uma semana da votação no primeiro turno, os fiéis já haviam migrado para sua candidatura”.

Sobre um incontestável viés moral, igrejas são locais de discursos voltados para a preservação da família tradicional e a demonização de outras formas de arranjos familiares e sexualidades. Isto posto, sinalizo que tenho por objetivo

geral nesta pesquisa compreender como a Igreja Universal do Reino de Deus orienta questões acerca de gênero, sexualidade e a preservação da família nuclear heterossexual, como tecnologia difusora do modelo de arranjo familiar que atenda ao cenário político-religioso “neoconservador”. Especificamente, me interessa saber como o homem e a mulher que compõem a família tradicional defendida pela igreja, são alvos de dispositivos e tecnologias de poder orientados à captura e modelagem subjetiva dos mesmos, através de discursos e práticas pastorais.

Ainda acerca da pedagogia do voto que sinalo, sobrelevo o que Giumbelli (2002) propôs como observância na relação entre a religião e a política, ao que ele nomeia como “politização do movimento religioso”. Tal movimento ocorre na medida em que atores políticos que não contrariam a percepção religiosa ou a esfera da moralidade dos sujeitos religiosos recorrem às igrejas para captar votos e apoio eleitoral. Assim, a politização se dá no momento em que os sujeitos religiosos são alvo do gerenciamento das religiões em atuações políticas, convertendo tais religiões em “vetores importantes na formação de **‘sujeitos políticos’**” (*ibid*, p.48, grifo meu). Nessa direção, Butler (2015) propõe uma importante asserção no que toca à relação entre os sujeitos e as comunidades religiosas, já que essas instituições podem se traduzir em verdadeira **“tecnologia produtora de sujeitos”**⁴, na medida em que conduzem os sujeitos a práticas e à reelaboração de conceitos próprios, que resultam em uma ‘nova retórica de si’(grifo meu).

Isto posto, proponho como hipótese: a IURD opera como uma tecnologia de poder produtora de sujeitos politicamente dóceis e economicamente úteis, com fins de fortalecer seu projeto de hegemonia conservadora nos costumes, marcada pela família tradicional patriarcal, na política, pela orientação do voto, e no campo econômico, pela teologia da prosperidade, de orientação neoliberal.

Essa tecnologia de poder opera por meio de uma concatenação de dispositivos micropolíticos e macropolíticos. Os primeiros orientados na formação da subjetividade e no assujeitamento de seus fiéis a códigos de conduta sexuais, de orientação familiar e empreendedorismo econômico, estabelecido e orientado pelos bispos; os segundos pela busca de controle das instituições políticas estatais, por meio da composição partidária e alianças com atores políticos que propiciem apoio a sua agenda neoconservadora. Na esteira do pensamento desenvolvido por Deleuze

⁴ Tensiono, enquanto comunidade religiosa, A Igreja Universal como tecnologia produtora de sujeitos (como consta no título desta pesquisa), a partir da “arte de governar a si mesmo”, proposta por Foucault (1985) que se enleia ao governo por individualização e às práticas de si e a manifestação do que é mais íntimo do sujeito.

e Guattari (1995) a micropolítica perpassa o nível molecular, de forma que o poder transita entre os indivíduos em seus hábitos, discursos, formas de pensar e sentir, reproduzindo as diretrizes dominantes dos poderes que os compuseram enquanto sujeitos. Já a macropolítica, no campo molar, das grandes estruturas e institucionalidades, atuam estabelecendo leis, regulando direitos, liberdades e privilégios. Ambas são complementares e em determinadas formas de dominação se apresentam como estruturas dependentes uma da outra⁵.

Saliento, oportunamente, que, segundo Foucault (2016), as subjetividades são produzidas e enviesadas a partir da apreensão de determinados discursos exercidos como “verdades”. Deste modo, os sujeitos religiosos concebem os discursos pastorais como atribuídos de veracidade e têm, conseqüentemente, suas subjetividades moduladas a partir de tais discursos. Ressaltando que nos dias atuais tais discursos pastorais se lançam precipuamente no fortalecimento político, cultural e religioso da heteronormatividade para que a individualidade, bem como a relação com outros, sejam atravessadas, transformadas e arquitetadas a partir de discursos ‘ditos verdadeiros’, que têm como resultado a constituição de obrigações impostas bem como as promessas que sugerem.

Diante de tais tramas problematizo: estariam e em que medida as técnicas de constituição do comportamento sexual e de modelação de uma forma específica de arranjo familiar servindo a uma estratégia de poder que transcende objetivos religiosos, para compor sujeitos politicamente dóceis e economicamente úteis? Essa indagação atravessa esta pesquisa, pois direcionei minhas inserções em campo voltadas para os ritos onde os discursos pastorais tinham por base a preservação da família, o combate à “ideologia de gênero” e do Movimento Escola Sem Partido. Estes últimos, enfatizados sistematicamente nos diversos ritos da Terapia do Amor e no Culto da Família, etnografados tanto no Templo de Salomão-SP quanto na Catedral de Vitória-ES, substancialmente no período que antecedeu as eleições de 2018. Para além dessas questões, a pugna contra o divórcio, a homossexualidade e a proposição de uma blindagem familiar sublinhada pelo projeto do “Casamento Blindado” foram reiteradamente sinalados nos ritos etnografados entre o mês de agosto de 2018 a novembro de 2019, decurso da produção de dados.

⁵ É importante salientar que tanto na micro quanto na macropolítica se localizam não somente formas de poder e dominação, mas também de resistência, de não adaptação e de rejeição do poder ora exercido. Neste trabalho, no entanto, enfoco no exercício de poder e dominação.

Roteiro dos capítulos

No primeiro capítulo explano acerca da episteme adotada nesta pesquisa como ferramenta teórico metodológica de análise dos dados produzidos em campo. Trata-se de pôr em movimento as noções dos dispositivos e tecnologias discursivas sobre os sujeitos, aludidas pelo filósofo Michel Foucault que, a seu turno, fornece leituras de diversos mecanismos que se perfazem no plexo entre religião, sexualidade e política, tendo como centralidade o sujeito, seja na esfera familiar, eclesial, política e sobre si mesmo.

No segundo capítulo pretendo percorrer sobre a historicidade da IURD, desde a irrupção pentecostal no início do século XX até a contemporaneidade, para proporcionar uma observação mais atual sobre a Igreja Universal que, de acordo com pesquisa Datafolha⁶ figura como a quinta instituição de maior prestígio do país, e se insere na sociedade na esfera pública, midiática e partidária. Circundo também sobre os motes sobre as quais se assenta, a saber, a mídia efusiva, a prédica dos ritos mágico-milagrosos que se baseia em ritos de religiões de matriz africana, a instituição constitucional da família e igreja como sujeitos civis, a Teologia da Prosperidade, ressaltando como a família se localiza na lógica iurdiana da prosperidade, salientando que a mulher iurdiana é o fulcro da família que, a seu turno, logra centralidade na Teologia da Prosperidade.

No terceiro capítulo intento contextualizar o rito da Terapia do Amor nos campos da Catedral de Vitória, Espírito Santo e Templo de Salomão, em São Paulo. Tal contextualização tem por objetivo descrever sobre os ritos em ambos os campos, os frequentadores dos mesmos, dado que, por questão de regionalidade, apesar de se tratar de um mesmo rito, os frequentadores, a liturgia e os atores neles inscritos possuem características próprias, como classe, etnia, faixa etária e forma de atuação no ambiente eclesiástico.

No quarto capítulo pretendo sinalar sobre as práticas discursivas impostas à mulher e que são engendradas através de discursos, a disciplina do casamento que enleva à lógica dessa locução, tendo como alvo a produção da subjetividade da mulher iurdiana que apraz a prédica Universal conservadora. Circundo também sobre os ditames e múltiplos projetos dirigidos à mulher, no intuito de modelagem comportamental, sexual e ao cuidado de si no âmbito da conjugalidade.

⁶ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1604544-imprensa-e-redes-sociais-sao-as-instituicoes-de-maior-prestigio-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em 12 de setembro de 2018.

No quinto capítulo focalizarei sobre as questões contemporâneas que contemplam a convergência do neoconservadorismo vigente que se alicerçam sobre a família tradicional e as diferentes formas de ser, a saber, o feminismo, a chamada “Ideologia de Gênero” e o Movimento Escola Sem Partido, o projeto Namoro Blindado, entendendo que todas essas questões, em grande medida, se remetem à proporcionar a consolidação da pedagogia do voto, a partir da preservação da erigida e sublimada família tradicional heterossexual e que zela pelos “bons costumes”.

Da escolha do objeto de pesquisa

Não proponho uma discussão acerca da subjetivação da mulher iurdiana como algo que me seja totalmente externo, neutro. Pelo contrário, como partícipe fiel ao Metodismo, igreja pertencente ao protestantismo histórico, atuei do ano de 1999 até 2015 como líder influente junto a casais e mulheres, tendo como centralidade nas minhas orientações a “sexualidade saudável” no âmbito familiar, compreendida dentro dos ditames da monogamia e da heterossexualidade, tal como são propostas pelo protestantismo puritano no que concerne à busca de santidade. Todavia, era comum o enfrentamento da minha concepção sobre a sexualidade e os que são propostos pelos ditames da Igreja. Tendo minha formação em canto custeada pela igreja em uma das melhores escolas da região e sendo ministra de louvor desde o início de minha inclusão na igreja, me escandalizava com o conteúdo de algumas músicas que me eram solicitadas, de cariz vingativo e punitivo. Essas conflagrações eram constantemente motivo de minha inquietação e resultou em muitas repreensões eclesíásticas, pois expunha minhas concepções em horários agendados com os líderes. Por fim, deixei a denominação.

Cumprir dizer que não intento através da pesquisa acadêmica enxovalhar o cristianismo ou a figura de Deus, até porque acredito em sua existência. A minha inquietação se deu na medida em que vi a instrumentalização do discurso que apresentava uma imagem de Deus que me parecia contraditória com os preceitos bíblicos. Após ter lido a Bíblia algumas vezes e ter me pautado nela em minhas concepções de amor, piedade, solidariedade e de concepção do “outro”, sem prejulgamentos, sejam eles no que tange à sexualidade, etnia, classe, fé ou à diversidade de formas de existir.

A partir da compreensão de uma certa “lógica no discurso” com o intuito de normatizar o comportamento da mulher e o modelo de família que apraz objetivos obductos da igreja, fui impulsionada a acarear se e como tal processo se dá em outras denominações. Optei como objeto de análise outra igreja evangélica, com maior projeção política e midiática. A escolha do tema de pesquisa se deu em concomitância com o fortalecimento dos movimentos neoconservadores no país, já bem atuantes no início do mestrado (março de 2017).

Em que pese aludir sobre a escolha da denominação e a sua relevância acadêmica, destaco que em pesquisa Datafolha⁷ realizada em março de 2015, a IURD logrou a quinta posição de instituição de maior prestígio para a população brasileira. No levantamento feito pelo centro de pesquisa, a instituição eclesiástica é citada por 35% dos entrevistados, conquistando mais prestígio que o Poder Judiciário, a Presidência da República e os Ministérios, os sindicatos de trabalhadores, o Congresso Nacional e os partidos políticos. Foi superada apenas pela Imprensa, Redes sociais na internet, a Igreja Católica e as Forças Armadas.

A escolha se deu também sincronicamente com a observação da opulência que a IURD adquire desde sua criação em 1977, logrando uma expansão numérica de seus partícipes de forma avultante em menos de duas décadas, pois se espalhou por todos os Estados do país e em mais de oitenta países nesse ínterim, configurando-a como o “mais surpreendente e bem-sucedido fenômeno religioso do país” (MARIANO, 2004, p. 125), principalmente no que concerne a crescimento institucional eclesiástico. Segundo o Censo demográfico do IBGE no ano de 2000, a IURD contava com 2.101.884 de devotos⁸ (MARIANO, 2008)

Mariano (2004) aponta que a Universal do Reino de Deus assume visibilidade pública e êxito na política partidária, sendo que essa última se constitui em um abrupto e extraordinário fenômeno religioso da história do Brasil, dado seu estrondoso crescimento em menos de três décadas. O autor assinala ainda que nenhuma outra instituição eclesiástica da vertente evangélica cresceu tanto em tão

⁷ Divulgação sob o Título “Imprensa e redes sociais são as instituições de maior prestígio, diz Datafolha”. Divulgado em 18/03/2015. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1604544-imprensa-e-redes-sociais-sao-as-instituicoes-de-maior-prestigio-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em 12 de setembro de 2018.

⁸ Em 1985, com oito anos de existência, já contava com 185 templos em catorze Estados e no Distrito Federal. Dois anos depois, eram 365 templos em dezoito Estados. Em 1989, ano em que começou a negociar a compra da Rede Record, somava 571 locais de culto. Entre 1980 e 1989, o número de templo cresceu 2.600%. [...] Na década de 1990, passou a cobrir todos os Estados do território brasileiro, período no qual logrou taxa de crescimento anual de 25,7%, saltando de 269 mil (dado certamente subestimado) para 2.101.887 adeptos no Brasil, de onde se espalhou para mais de 80 países (MARIANO, 2004, p.125).

pouco tempo. Por fim, amparo a escolha pelos dados estatísticos do último Censo (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apresentam o Estado do Espírito Santo com 33,1% da população evangélica, sendo superior a média nacional, que aponta 22,2% da população, assinalando que em dez anos os evangélicos passaram de 26,2 milhões para 42,3 milhões em todo o território nacional⁹.

Ferramentas metodológicas de pesquisa

Desde a definição da IURD como denominação escolhida para a pesquisa me propus a indagar como a sexualidade feminina é concebida em outras denominações, ou mais especificamente, como a sexualidade que apraz ao cristianismo é construída e apreendida pelos sujeitos religiosos. Ao me questionar: tal “lógica do discurso” se reproduz em outras igrejas? Se sim, como elas operam? Por que permaneci 16 anos em um lugar sem me perceber como capturada por tais discursos que se lançam sobre a sexualidade?

Antes do mapeamento da pesquisa de campo, me debrucei sobre livros, dissertações, teses e artigos acadêmicos para a apreensão assertiva quanto ao método de inserção ao campo que os pesquisadores que enfocaram a Igreja Universal do Reino de Deus utilizaram em suas pesquisas. Me flagrei surpresa com alguns detalhes próprios desse campo, pois nele atuam diversos agenciadores que são dispostos no átrio com vistas de policiamento de possíveis “atores indesejáveis”, como disse o pesquisador Leonildo Silveira Campos (1997). Em sua pesquisa, Ricardo Mariano (2014) também relata de controle.

Além da revisão desse arcabouço historiográfico, me vali de leituras de estudiosos clássicos da Sociologia, Antropologia, Ciência Política e Filosofia, bem como tratei os resultados produzidos em campo conjuntamente com o aporte teórico-metodológico, no intento de fornecer uma melhor contemplação analítica dos dados produzidos durante a pesquisa. Cumpre sinalar que o marco teórico-metodológico sobre o qual me alicerço para análise dos dados empíricos desta pesquisa, leva em consideração conceitos de autores clássicos citados anteriormente, mas a ênfase recai sobre as noções propostas por Michel Foucault. Isso em decorrência de que o filósofo francês propôs uma vasta e rica análise do

⁹ Site da Folha Vitória, disponível em < <http://www.folhavitoria.com.br/geral/blogs/caminhos-de-fe/2015/03/18/igreja-universal-e-uma-das-cinco-instituicoes-de-maior-prestigio-do-pais/>>. Acesso em 15 de setembro de 2018.

plexo entre religião, política e sexualidade, observando a gestão da sexualidade e produção do sujeito a partir de variadas tecnologias e mecanismos de exercício do poder.

Dito isto, apraz enunciar que Foucault tenciona noções de relação entre o sujeito e o poder, atento às distintas formas de constituição do sujeito a partir das tecnologias de poder. Por “sujeito”, o autor inscreve dois significados: “sujeito ao outro através do controle e da dependência, e ligado à sua própria identidade através de uma consciência ou do autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e sujeita” (FOUCAULT, 2009, s/p). Deste modo, acerca da pesquisa sobre a objetivação do sujeito, Foucault sugere a necessidade de ampliar as dimensões do poder quando se almeja investigar sobre tal objetivação. Quanto às observâncias das teorias e conceitos, o filósofo não as dispensa, todavia enfatiza que os conceitos não devem estar assentados sobre o objeto que se pretende pesquisar ou analisar, tão somente, dado às conjunturas históricas que influenciam o objeto.

Deste modo, faz-se necessária uma observância histórica da conjuntura presente, bem como apurar o tipo de “realidade com a qual lidamos” (FOUCAULT, 2009). “Gostaria de sugerir uma outra forma de prosseguir na direção da nova economia de relações de poder, que é mais empírica, mais diretamente relacionada à nossa situação presente, e que implica relações mais estreitas entre teoria e a prática” (FOUCAULT, 2009, s/p). Em conformidade com a afirmação, Bourdieu (1989) reitera tal preceito metodológico, pois concebe o empirismo indissociável do arcabouço teórico que envolve o objeto pesquisado. Assim, enuncia o *habitus* que emerge no conhecimento prático e recusa os metadiscursos que envolvem a ciência ascética. Deste modo, justifico a escolha do marco teórico-metodológico a partir do próprio campo, onde encontrei discursos úteis de sacerdotes da Igreja Universal, amplamente aceito pelos sujeitos religiosos.

Outra ferramenta vastamente utilizada foi a cibercartografia, que remonta o tempo presente a partir de tecnologias da comunicação. Segundo Rosa (2019), na virada do século XX para o século XXI, o período histórico demandou outras ferramentas de análise do ciberespaço, resultando em uma reivindicação metodológica de tratamento dos dados circulantes por meios virtuais, que é norteadada por uma “razão algorítmica” moduladora de dados no ciberespaço, perfilando como uma nova arte de governar. Assim, para ele a cibercartografia “(...) presume uma espécie de metodologia de investigação e análise do tempo presente construída

interdisciplinarmente (...)” (*ibid*, 2019, p. 204)”. São, portanto, “mapas, de tudo aquilo que foi utilizado de diferentes formas e modalidades discursivas” (*ibid*, p.204). Segundo Rosa, a cibercartografia se constitui como:

metodologia assentada baseada, sobretudo, na tradição pós-estruturalista, uma vez que considera e aproveita todas as possibilidades de obtenção de elementos discursivos, independente de seus formatos, métodos, técnicas, tecnologias e mecanismos de produção de narrativas. Todavia, foi por meio desta estratégia que conseguimos obter relatos e discursos que possivelmente não seriam localizados de um modo tão particular, justamente porque parte deles foi retirado das redes virtuais e canais visitados neste ciberespaço onde são produzidos e difundidos os seus conteúdos, além das perspectivas extraídas das referências bibliográficas utilizadas (ROSA, 2019, p.204).

Outro método que se deu pelo viés das demandas do tempo presente foi a “netnografia”, pois ao frequentar meu campo, principalmente no Templo de Salomão, estabeleci contato através de rede social, estabelecendo convívio com uma interlocutora, através do aplicativo *Whatsapp*. Tal contato permanecerá por tempo indeterminado, já que pretendo evoluir na imersão desta pesquisa através do doutorado. O método utilizado para produção de dados por essa rede social específica é nomeado por Kozinetz (2014) de netnografia. Segundo o autor, trata-se de um método etnográfico específico que se vale das comunicações interpostas pela internet como fonte de dados para o entendimento de um fenômeno cultural inscrito no ciberespaço, sendo apropriado para a pesquisa de fóruns, blogs, redes sociais e outros. Ainda segundo a autora:

As comunidades online e outras culturas da internet e da TIC são uma parte cada vez mais importante de nosso mundo social contemporâneo. Os pesquisadores podem se beneficiar adotando a abordagem da netnografia, um tipo de pesquisa etnográfica adaptada às contingências especiais dos diversos tipos de interação social mediada por computador (KOZINETS, 2014, p. 26).

Isto posto, enviei um e-mail para a pesquisadora da USP, Jacqueline Moraes Teixeira, que fez pesquisa empírica em um dos ritos da IURD que eu iria frequentar, a saber, a Terapia do Amor, ao que me respondeu prestimosamente. Assim, o mapeamento de campo passou a ser feito em setembro de 2018. A princípio se deu na Catedral da Universal em Vitória-ES, mas posto que o campo me ofertava novas chaves de leitura, me propus a fazer pesquisa de campo no Templo de Salomão -SP e por fim, em um terreiro da Umbanda em Vila Velha-ES, para apurar sobre o traço demonizante a que são atribuídas às entidades de seus ritos, pela prédica da IURD.

No projeto inicial, pretendia uma participação-observante para a produção dos dados qualitativos, no entanto, o campo me aduziu à observação-participante a partir do momento em que, por uma questão ética, não me coloquei enquanto nativa, a não reproduzir falas, laivos ou declarações às quais não sou tributária. Quanto ao banco de dados, além de livros acadêmicos, adotei também o método documental, que se fizeram a partir de livros do Edir Macedo, trabalhos acadêmicos sobre a IURD, blogs, páginas em redes sociais, como *Facebook*, site da Terapia do Amor, site oficial, “Portal da Arca Universal”, que reúne todos os sites da Igreja Universal do Reino de Deus na internet, bem como os jornais que narram a história presente. Por fim, as transcrições de áudio que estão sendo feitas na Catedral de Vitória - ES. Cumpre dizer que, para a preservação do anonimato dos diversos atores das transcrições de áudio, adotei o uso de codinomes.

CAPÍTULO 1 – FOUCAULT E OS TENSIONAMENTOS DOS DISPOSITIVOS E TECNOLOGIAS OPERADOS SOBRE OS SUJEITOS

Satisfaz nesse vértice uma elucidação das noções elaboradas por Foucault e que foram utilizadas como ferramenta de análise dos dados empíricos coletados. Dito isto, intento esclarecer quais circunstâncias neste campo me levaram a lê-lo pela lente de Foucault. Antes mesmo de enveredar na produção de dados, no período de leituras sobre a Igreja Universal, localizei que nela estão dispostos vários agentes destinados a um desempenho de polícia. Como narrei anteriormente, frequentei a Igreja Metodista por 16 anos e não percebia uma vigilância substancial atuando em agência, mesmo atuando em cargo de liderança na igreja.

Já na primeira experiência de trabalho de campo¹⁰ na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), tais agentes se direcionavam a mim no intento de me arguir sobre o motivo que me levava a ir até o rito¹¹. No sermão do pastor da Igreja Universal continha algumas alusões à bíblia (principalmente ao velho testamento), mas eram muito pontuais e pouco enfatizadas¹². Não obstante, havia uma extensa sucessão de discursos voltados para a promoção de uma aproximação com Deus por meio do matrimônio heterossexual e pelo empreendedorismo de si, com fins de gozar da vida abundante¹³ no plano terreno.

É válido ressaltar que tal asserção escapa à proposição da Reforma Protestante, gênese das igrejas evangélicas históricas, entre elas o Metodismo, que orientava a vida dos sujeitos religiosos pelo desencantamento com o mundo (Weber, 2009), e a crença em uma vida pós-morte.

Outro fator que me despertou de súbito, foi o recorrente apelo a ofertas e dízimos. Já no primeiro culto percebi quatro pedidos de ofertas no período de aproximadamente uma hora. Em todo o tempo, os apelos eram colocados como uma premissa irrevogável para obtenção do favor de Deus, principalmente no que se

¹⁰ Primeiro campo realizado no dia 6 de setembro de 2018 na Catedral de Vitória – ES.

¹¹ A esposa do bispo, nomeada 'dona' pelos sujeitos religiosos da IURD, ao fim do culto pediu que as obreiras me chamassem e me perguntou: "Qual é o seu problema? Por que você está aqui?". Tais questionamentos são transcrições literais de áudio gravado no dia 06 de setembro de 2019.

¹² Por vezes, percebi a falta de domínio da leitura bíblica, tanto por parte dos pastores quanto bispos, pois citavam alguns trechos que eu conhecia bem. Erravam nomes de profetas, ou assimilava a algum conteúdo que não constava na narrativa bíblica. Dar um exemplo e dizer em qual capítulo proporei uma analítica.

¹³ Nas prédicas da Igreja Universal da Catedral de Vitória, bem como no Templo de Salomão é fomentado que os fiéis gozem de vida abundante na terra, no que toca a bens patrimoniais (ter casa própria, um bom emprego, carro) como prova da existência de Deus na vida do sujeito religioso.

refere às ações das ‘entidades demoníacas’¹⁴ destinadas a destruir o casamento. Tais entidades foram ‘manifestas’ em algumas mulheres e em uns poucos homens, episódio que nunca havia presenciado como fiel metodista.

Deste modo, a partir do segundo campo me propus a observar o *modus operandi* do rito no que toca ao agenciamento, aos pedidos de oferta, às prédicas reincidentes sobre a submissão feminina aos maridos e às manifestações supostamente demoníacas, nas quais tais entidades incorporadas em fiéis eram convidadas a falar ao microfone. Em quase todas essas manifestações, pelo menos na Catedral de Vitória (um dos meus campos), tais manifestações ocorriam singularmente com mulheres, cujas entidades diziam recorrentemente que seus objetivos eram a destruição do casamento, através da imoralidade, promiscuidade, traição, uso de drogas e outros.

Depreendida a recorrência das prédicas sobre os motes da sexualidade, da prosperidade, da expulsão demoníaca, do controle da natalidade pelo casal, ao cuidado de si por parte das mulheres¹⁵, a obstinada pugna contra a “ideologia de gênero”, o incitamento dos sujeitos à votarem em Jair Bolsonaro e em candidatos do PRB (partido da Igreja Universal), me perguntei se não se tratava de um discurso útil, como diria Foucault (1997). Assim, o empreendedorismo fomentado se relacionaria com a noção do *homo economicus* (Foucault, 2004; 1999), o controle da natalidade à Biopolítica (Foucault, 1999; 2015), a obediência dos membros por meio da governamentalidade (Foucault, 2010a; 2010b; 2014; 2015) e aos cuidados estéticos da mulher e de seu respectivo marido pelo viés da conjugalidade, ligados à noção do cuidado de si (Foucault, 1985; 2004; 2009), o agenciamento de sujeitos, operados pelo poder disciplinar (Foucault, 1997) e, finalmente a difusão dos discursos úteis pelo exercício dos poderes pastoral (Foucault, 1990; 2008a; 2015) e o poder soberano (Foucault 1990; 1999; 2009; 2015), que constitui uma estrutura legal que sustenta a moralidade através da razão de Estado.

Ao perceber tais noções concorrentes, elegi Foucault precipuamente como lente de análise sem, contudo, abandonar outros estudiosos da religião, da sociologia e da antropologia, cujo arcabouço foi imperativo para a promoção de uma analítica aprazível. Assim, cumpre discorrer sobre o autor. Foucault se inscreve em um espectro do fazer ciência que se dá na transversalidade da atualidade com a história. O filósofo elaborou diversos estudos de confluência entre a religião, a

¹⁴ Explanarei sobre a Guerra contra o Diabo no Capítulo 2.

¹⁵ Que operava por meio de convites feitos à mesmas (a mim também) para participar de cursos, tais como “A mulher decidida” e o “namoro blindado”. Discutirei tais questões no Capítulo 3.

sexualidade e a política e esta idiossincrasia me conduziu a elegê-lo como ferramenta analítica.

Foucault se facultou, sobretudo, sobre o cuidado de si, a arte de governar e a gestão da sexualidade. De acordo com McLarem (2016), o trabalho de Foucault se lança sobre a análise constitutiva da subjetividade do sujeito, que opera por meio dos “modos de objetificação”, que se lançam sobre a produção de sujeitos, à práticas de divisão, onde ocorre a categorização polarizada do sujeito e à produção de subjetividades. Faz-se profícuo elencar as noções tensionadas pelo filósofo e que serão utilizadas nesta pesquisa, para melhor compreensão do leitor. Cumpre sinalar sobre a produção da subjetividade, cuja noção tencionada por Foucault (2016) é a que segue:

a subjetividade não é concebida a partir de uma teoria prévia e universal do sujeito, não é relacionada com uma experiência originária ou fundadora, não é relacionada com uma antropologia que tenha um valor universal. A subjetividade é concebida como o que se constitui e se transforma na relação que ela tem com a própria verdade. Não há teoria do sujeito independente da relação com a verdade (*ibid*, p.13).

Para Foucault, o sujeito se instaura também em grupamentos dogmáticos e normativos a partir da sua relação com verdades sugestionadas a ele, as quais ele atribui veracidade. O autor tenciona, ao longo das suas obras, diversos mecanismos, dispositivos e tecnologias cujos fins são de ofertar ‘verdades’ a sujeitos específicos, em diversas conjunturas históricas, institucionais e políticas.

Conhecido como o filósofo que propôs uma arqueologia do saber e uma genealogia do poder, Foucault, em 1984 (ano de sua morte), concede uma entrevista que posteriormente fora transformado em um artigo intitulado “A questão do sujeito em Foucault” (Souza e Furlan, 2018), onde o filósofo enfatiza que seus esforços de pesquisa recaíam preponderantemente sobre a relação do sujeito com a verdade.

Para Foucault (2009), o objetivo do seu trabalho não foi propor uma analítica do poder em si, mas sim, se debruçou em duas décadas, à construção histórica dos distintos modos como em nossa história e cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos a partir da objetificação destes. “Assim, não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minha pesquisa” (FOUCAULT, 2009, s/p).

Foucault (2016) aponta ainda que em toda cultura, sociedade ou civilização, apropriados discursos acerca do sujeito que são apreendidos como verdade, ressaltando que tais discursos são disseminados ‘institucionalmente’ ou por aquiescência do próprio sujeito. Tais discursos recebem atributos de ‘verdades

universais' (*ibid*, 2016, p.13). Assim, os discursos úteis são difundidos por dispositivos e mecanismos operacionalizados por instituições, com fins de produção de verdades, que são apreendidas por sujeitos, favorecendo uma aquiescência de sujeitos específicos, em contextos distintos, de acordo com os agentes promotores de tais discursos, tencionando a anuência e obediência a normas e prescrições que se inscrevem em várias esferas da vida do sujeito. Uma das instituições que enfatizo nessa pesquisa é a igreja, cuja profusão de tais discursos é exercida pelos líderes religiosos, cujas tecnologias de poder que enlevo destaco o poder pastoral.

Sobre essa proposição, Foucault (2008) depreende que nenhuma sociedade, desde o mundo antigo, foi mais pastoral do que a sociedade cristã. Deste modo, através do que o autor nomeia como "poder pastoral", o poder do sacerdote cristão opera pelo revestimento de uma arte de governar os homens. O pastor cristão está ligado às suas ovelhas por uma relação de extrema responsabilidade, pois ele deve ser o responsável pela salvação dos fiéis (FOUCAULT, 2008). O Estado Moderno constituiu uma nova configuração política que se traduz em uma antiga tecnologia do poder, germinada pelo cristianismo e suas instituições, que é a tecnologia do poder pastoral (FOUCAULT, 2009). As tecnologias de poder orientadas para os indivíduos são dirigidas a governá-los de modo ininterrupto. Assim, "se o Estado é a forma política de um poder centralizado e centralizador, denominemos "pastorado" (*pastorat*) o poder individualizador" (FOUCAULT, 1990, s/p).

O cristianismo consolidou a função pastoral como atuante em mecanismos de poder, lhe atribuindo o governo das almas. O pastorado, que vem se desenvolvendo desde os séculos II e III depois de Jesus Cristo até os dias atuais, instaura suas leis aos sujeitos religiosos atribuindo-lhes, deste modo, uma heteronomia cristã. A relação pastoral com as ovelhas é fundamentalmente a materialização da relação entre Deus e os homens. É um poder religioso que tem no cerne de sua legitimação, o conjecturado poder que Deus exerce sobre o seu povo. O pastor, portanto, é aquele que instaura a lei na proporção em que é ele mesmo quem dispõe mantimento e que guia o rebanho (FOUCAULT, 2008a).

O poder pastoral também propõe novas táticas de imposição e tecnologias de poder para instaurar imperativos morais que foram introduzidos pelo pastorado. Isto posto, os sacerdotes são vistos como condutores se cotejados a outros membros da sociedade, conquanto são revestidos de autoridade, assumindo assim, o ofício de guiar os indivíduos por toda sua existência (FOUCAULT, 2004). O

caráter individualizante inscrito no poder pastoral adequou-se ao poder político do Estado, já que este último engendra poder sobre as famílias (FOUCAULT, 2009, S/P).

Quanto à pauta discursiva sobre o sexo como um mecanismo político-discursivo, Foucault (2015) afirma que, ao contrário do que se pensa sobre uma repressão em si mesmo, ou seja, pela perspectiva moral cristã no que toca a sexualidade, a repressão e interdição do sexo não é o fulcro, e sim a sua gestão através de dispositivos discursivos úteis e públicos que atendam a objetivos biopolíticos. “Essa técnica talvez tivesse ficado ligada ao destino da espiritualidade cristã ou à economia dos prazeres individuais, se não tivesse sido apoiada e relançada por outros mecanismos. Essencialmente, por um interesse público” (*ibid*, p. 26). Satisfaz ao interesse público falar do sexo para que se promova a gestão do mesmo em técnicas de utilidade, fazendo-o operar segundo um critério proveitoso para a gestão do Estado. Assim, a gestão do sexo remete-se ao poder público, que atua por meio de mecanismos de poder, principalmente discursivos, e que produzem nos sujeitos um autopolicimento de suas condutas. Quanto à propagação dos discursos que circundam sobre a sexualidade, Foucault (2015) assinala:

Toda essa atenção loquaz com que nos alvoroçamos em torno da sexualidade, há dois ou três séculos, não estaria ordenada em função de uma preocupação elementar: assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora? (*ibid*, 2015, p.40).

Foucault (1985) acentua que a moralidade cristã tomou de empréstimo temas que circundam sobre a austeridade sexual, reprovando os costumes considerados libidinosos, como a homossexualidade e outros concebidos como anormais, a saber, o adultério, a prostituição, o onanismo. Dito isso, se faz oportuno avultar que apropriados discursos se assentaram sobre a constituição da família heterossexual e às obrigações da conjugalidade com uma valoração singular. “A majoração da austeridade sexual na reflexão da moral não toma a forma de um estreitamento do código que define os atos proibidos, mas o de uma intensificação da relação consegue pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito dos seus atos” (FOUCAULT, 1985, p.47).

Há, segundo Foucault (1985), um visível empenho de moralidade operado de forma um tanto autoritária pelo poder político. Estes esforços implicam em diligências legislativas que resguardam o casamento, corroborando com a constituição da família, normatizando comportamentos, como por exemplo, a

fidelidade conjugal. Assim, Foucault (2015) elege os séculos XIX e XX como período em que se dá a gênese de heterogeneidades sexuais, ao mesmo tempo em que se criou uma movimentação em direção à instauração da monogamia heterossexual como diretriz comportamental.

Foucault (1999) aventa, além disso, que quanto ao ato de governar, ou aquilo que ele nomina "a arte de governar", remete-se de forma ascendente à forma que se intenta governar. O Estado dedica-se, primeiramente, à sapiência de saber governar, governando as famílias e seus patrimônios. Isto posto, o Estado logra êxito na governança, na medida em que as famílias são bem governadas pelos seus líderes, neste caso, os 'pais de família'. Estes atuam no esforço de promover a confluência comportamental dos integrantes da mesma com a gramática estatal.

Logo, o Estado é bem governado sob a ótica descendente, quando os pais de famílias gerem seus lares, favorecendo o êxito do governo do Estado. Finalmente, para Foucault (1999), o Estado tem seu triunfo de governança, na medida em que governa as famílias. Assim, a gestão da família, apreendida como uma instituição central no bom governo do Estado é a gestão da conduta de seus membros, remetendo-se, portanto à economia, e a gestão das famílias por parte do Estado é alcunhado por Foucault (1999) como "polícia". Esse agenciamento de polícia por parte do Estado pode ser entendido como a vigilância e controle exercidos sobre as famílias. Nesse sentido, governar o Estado se remete a governar homens e coisas:

De modelo, a família vai tornar-se instrumento, e instrumento privilegiado, para o governo da população e não modelo quimérico para o bom governo. Este deslocamento da família do nível de modelo para o nível de instrumentalização me parece absolutamente fundamental, e é a partir da metade do século XVIII que a família aparece nesta dimensão instrumental em relação à população, como demonstram as campanhas contra a mortalidade, as campanhas relativas ao casamento, as campanhas de vacinação, etc. Portanto, aquilo que permite à população desbloquear a arte de governar é o fato dela eliminar o modelo da família (FOUCAULT, 1999, p.169-170).

É factível, portanto, conjecturar sobre como a pastoral cristã propôs a "hermenêutica do desejo" e a "elucidação de si" visando o controle dos prazeres e a renúncia da "carne". Só através da "decifração de si" era possível abandonar o desejo. As seduções, fantasias e tentações encontradas deveriam ser rejeitadas. O sujeito religioso obediente, portanto, realiza sobre si um intenso trabalho de inspeção para em seguida repudiar o que lhe pareça vulgar e despudorado.

Foucault (1997, p.11) nomeia como 'regime da verdade' o "conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro

efeitos específicos de poder.” Dessa forma, nossas subjetividades são transversalizadas a partir daquilo que apreendemos como verdade. Esta discussão é profícua se pensarmos que, ao longo da vida do sujeito, “discursos úteis” se apresentam como verdadeiros, todavia engendram o assujeitamento e a produção de corpos dóceis, operando através de normatividades legitimadas. Para Foucault (2015), tais discursos são concebidos como dispositivos secundários no que se refere a uma sujeição social, mas que atenda à função de tornar tais discursos “moralmente aceitável e tecnicamente útil” (*ibid*, p.23).

É oportuno explanar sobre as tecnologias e dispositivos de poder que internamente se referem ao governo das famílias e suas sexualidades, e mais intrinsecamente, ao governo de si. Para Foucault, “o poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2015, p. 1001).

No que tange às relações de poder, elas não são dissociáveis das atividades finalizadas, seja daquelas que permitem exercer este poder (como as técnicas de adestramento, procedimentos de dominação, maneiras de obter obediência), seja daquelas que recorrem, para se desdobrarem, a relações de poder (como na divisão do trabalho e na hierarquia das tarefas) (FOUCAULT, 2009, s/p).

Foucault (1985) propõe a observância de um fenômeno reiteradamente evocado, o individualismo, que por sua vez, diz respeito a uma conquista cada vez maior no espaço privado da existência, aos princípios da própria conduta do sujeito, e ao empenho a si mesmo. Assim, “o objetivo comum dessas práticas de si, através das diferenças que elas apresentam, pode ser caracterizado pelo princípio do bem geral da conversão a si” (*ibid*, p.69).

Rago (2006) assevera que para Foucault, o indivíduo a partir da ótica da individualidade é instigado cada vez mais à manifestação de si mesmo, daquilo que lhe é mais íntimo e pessoal, bem como externalizar suas questões mais pessoais, proporcionando um ‘governo por individualização’, que opera cotidianamente, enleando-o à sua própria identidade. Tal ‘governo por individualização’ conduz a manifestações do que é privado do sujeito, mas realizado por iniciativa própria. A partir dessa noção, há uma publicização da vida privada, que opera por meio de testemunhos e narrativas de si que são absorvidas como a autonomia do sujeito. Foucault (1985) propõe a noção da ‘arte de governar’, tecendo que ela se dá a partir do próprio sujeito, a partir das práticas de si, nomeadas pelo filósofo como ‘o

cuidado de si'. Destarte, tal liame constitui uma verdadeira "arte da existência" que se pretende ser.

Tal disposição se relaciona à noção do cuidado de si, na medida em que nas relações familiares acha-se a obstinação acerca do desvelo consigo mesmo, no qual os sujeitos aspiram contemplar uma austeridade comportamental, descendente do moralismo cristão, tornando o sujeito em seu próprio agenciador. Assim, o governo de si mesmo remete-se à moral, enquanto arte de governar satisfatoriamente uma família (relativo ao *oikos*), ou seja, à economia, e quanto à arte do governo de Estado, refere-se à política (FOUCAULT, 2010).

De fato, convém distinguir três coisas; a atitude individualista, caracterizada pelo valor absoluto que se atribui ao indivíduo em singularidade e pelo grau de independência que lhe é atribuído em relação ao grupo ao qual ele pertence ou às instituições das quais ele depende. A valorização da vida privada, ou seja, a noção do cuidado de si proposto por Foucault (1985) indica uma "cultura de si" a partir da arte da existência, que se lança sobre o preceito de que "é preciso ter cuidado consigo". Tal princípio orienta e alicerça o seu desenvolvimento e organização do seu exercício.

Foucault depreende ainda sobre o mote da conjugalidade, que se transformou desde os séculos II e III, em uma instituição sujeita ao domínio da esfera pública por meio de critérios legislativos. O empenho da valorização da família heterossexual pelo cristianismo remete-se aos efeitos sobre os corpos, inscrita na racionalidade da gestão da sexualidade. O poder move-se sobre aptidões registradas no corpo ou "mediatizadas por dispositivos instrumentais" (*ibid*, 2009, s/p). O 'saber' sobre o corpo para além do seu funcionamento e o domínio de sua força é reputado por Foucault (1997) como 'tecnologia política do corpo'. Acerca desse poder exercido sobre corpos, Foucault inscreve o "poder disciplinar" como uma categoria da teologia e do asceticismo, onde:

qualquer pormenor é importante, pois aos olhos de Deus nenhuma imensidão é maior do que um pormenor, e nada há suficientemente pequeno para não ter sido querido por uma das suas vontades singulares. Nesta grande tradição da eminência do pormenor vão alojar-se, sem dificuldade, todas as meticulosidades da educação cristã, da pedagogia escolar ou militar, de todas as formas de adestramento (FOUCAULT, 1997, p.118).

Assim, sinaliza que através do exercício desse poder a sociedade está posta sob constante vigilância e controle. Como o poder não é atributo e sim um exercício, cada indivíduo passa a ser o agenciador do seu próximo. Esse

agenciamento é produzido nas instituições disciplinares como as prisões, as escolas, as fábricas e as religiões. Deste modo, em todas as instituições são policiadas e orquestradas ações cotidianas individuais, comportamentos e práticas (FOUCAULT, 1997).

O disciplinamento produz corpos subservientes e treinados, configurando-os como 'corpos dóceis', suscitando a sujeição da pujança do corpo (no que se refere à sua utilização econômica), ao mesmo tempo em que promove a redução dessa mesma pujança (no que tange ao aspecto da obediência política). É a configuração dos 'corpos politicamente dóceis e economicamente úteis' (FOUCAULT, 1997). "A mecânica do poder atribui uma realidade analítica, visível e permanente: encrava-o nos corpos, introduze-o nas condutas, torna-o princípio de classificação e inteligibilidade e constitui a razão de ser e ordem natural da desordem" (FOUCAULT, 2015, p.49). No assujeitamento do indivíduo a preceitos morais, comportamentais, políticos e econômicos de interesse do governo do Estado na gestão de uma determinada população, atribui-se a noção de "governamentalidade" (FOUCAULT, 2006).

Conforme enuncia Foucault (2015), dentro do escopo da gestão da sexualidade e da pujança dos corpos dóceis, o cristianismo opera pelo exercício do poder pastoral, que coíbe e normatiza os arranjos familiares, interditando e impetrando pugnas contra as sexualidades que escapam à heterossexualidade, que são tomados por "anormais", sendo portanto, alvo de punições e sanções. "Se for mesmo dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, se não nos circuitos de produção, pelo menos do lucro" (FOUCAULT, 2015, p.8). Sobre o assente da família heterossexual à função reprodutiva e conseqüente aumento da população, o autor assinala que a partir do século XVIII, com o surgimento da população, a sexualidade recebe outro delineamento:

problema econômico e político: população-riqueza, população mão de obra ou capacidade de trabalho (...) (...) Os governos percebem que não têm que lidar somente com sujeitos, nem mesmo com um "povo", porém com uma "população", com seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência de doenças, forma de alimentação e habitat (FOUCAULT, 2015, p. 28).

Essa configuração da gestão da sexualidade onde a população passa a ser um problema econômico e político do Estado para a produção de uma sociedade politicamente dócil e economicamente útil ao capitalismo, é o que configura os

fundamentos de uma “biopolítica” da população, que diz respeito a como o poder soberano, neste caso, o Estado, promove a gestão da proliferação, dos nascimentos, da longevidade, através de intervenções e controles reguladores.

O “biopoder” se inscreve na medida em que os governos percebem que não têm que lidar simplesmente com sujeitos ou povos, mas com uma população. Aplica-se então um poder sobre a vida ou morte, cuja função mais elevada não é a de matar, mas investir nas vidas que possam se tornar corpos úteis economicamente. É a administração dos corpos e gestão racional e calculista da vida. O biopoder é operacionalizado pela disciplina, através das instituições. As igrejas, nesse caso, operam como colaboradoras do Estado, no exercício do biopoder¹⁶. O “biopoder” foi instrumentalizado desde o século XVIII como técnicas de poder presentes em todos os níveis sociais e utilizados por instituições diversas, dentre elas, a família. (FOUCAULT, 2015). Há ainda um delineamento sobre a população, que é o “racismo de Estado” (*ibid*, 2010, p.201), que produz a morte de uns para proteger a vida de outros. Trata-se de um dispositivo do “poder soberano” que paradoxalmente se mantém ativo na biopolítica, como recurso de proteção e defesa da população por parte do Estado.

O efeito do poder soberano sobre a vida só se exerce a partir do momento em que o soberano pode matar. Em última análise, o direito de matar é que detém efetivamente em si próprio a essência desse direito de vida e morte: é porque o soberano pode matar, que ele exerce o poder sobre a vida. (...) Não é o direito de fazer morrer ou de fazer viver. Não é tampouco o direito de deixar viver e de deixar morrer. É o direito de fazer morrer ou de deixar viver (FOUCAULT, 2010, p.202)

Foucault (2010) assinala que tal poder, no limite, se lança sobre a população que produz uma multiplicidade de homens, vidas, corpos, que são distintos e que são alvos de vigilância e controle e que, eventualmente são alvos da sanção de morte. Foucault nomeia tal poder como “biopolítica da espécie humana” (*ibid*, 2010, p.204). O filósofo descreve tal exercício de poder como um poder originado ao fim do século XVIII, que emerge com a medicina, assumindo um caráter higienizante, ou seja, promovendo a higienização da população, eliminando os sujeitos considerados ‘inferiores’, a partir de uma racionalidade que regulamenta a vida em todos os aspectos da população.

Tenciono agora uma breve análise que perpassa sobre as noções da arte de governar operada pelo Estado na gestão das famílias e o próprio governo de si, pela noção do “governo por individualização”, enfatizando a valorização da vida

¹⁶ Como por exemplo, o planejamento familiar, a ser explanado durante esta pesquisa.

privada que emerge na singularização na vida cotidiana. Mais do que a produção de sujeitos cujas subjetividades são enviesadas pelo exercício de poderes, há a disposição do indivíduo para consigo mesmo, que opera pelo empreendedorismo de si, sendo tal escopo tantas vezes sugestionado nas prédicas religiosas.

Cumprir trazer a noção de *homo economicus* que, conforme Foucault (2004) ocorre quando o sujeito empreende sobre si mesmo, “sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu empresário, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda. (*ibid*, p.311). Deste modo, o próprio sujeito se pensa pelo viés econômico e engendra empreender-se para a geração da sua riqueza, utilizando seu próprio capital humano.

Por fim, Foucault (1998) circunda sobre a não sujeição a uma política fascista no que se refere à sexualidade, ao conhecimento e à política. Deste modo, Foucault, em seu prefácio à obra *Anti-Édipo*, de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1977), traz uma abordagem que sugere uma alternativa de conduta contra a “máquina” do capitalismo no que tange à relação do desejo com a realidade. Foucault propõe uma indagação que delinea suas proposições: “Como se introduz o desejo no pensamento, no discurso, na ação? Como o desejo pode e deve despender suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de mudança da ordem estabelecida?” (*ibid*, p.1).

A indagação circunda sobre a ordem estabelecida sobre a arte erótica, à teoria e à política, sendo estes três vértices, esferas que circundam em diferentes gradientes de intensidade e são alvos de uma conjuntura fascista, ao que, segundo Foucault, há um meio para que a sociedade não se sujeite. Dito isto, Foucault (1988) propõe:

1) Libere a ação política de toda paranoia unitária e totalizante. 2) Faça crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, antes que por submissão e hierarquização piramidal. 3) Libere-se das velhas categorias do negativo (a lei, o limite, a castração, a falta, a lacuna) que o pensamento ocidental por tanto tempo manteve sagrado enquanto forma de poder e modo de acesso à realidade (...) (*ibid*, p.2).

Foucault (1988) encerra sua alocução ao recomendar aos indivíduos não esperarem da política o restabelecimento dos seus direitos, já que “o indivíduo é o alvo do poder”. Deste modo, segundo Foucault, é necessário que o indivíduo se organize coletivamente para a promoção do deslocamento de agenciamentos, que se faz a partir de múltiplas formas, por parte do Estado. Assim, pela “desindividualização” que emerge na coletividade, decorre uma sociedade erigida sobre um critério que não demanda hierarquia, sendo esta, um princípio para o

estabelecimento de uma conjuntura fascista. Por fim, Foucault (1988) sugere: “Não se apaixone pelo poder” (*ibid*, p.2).

Diante do exposto, cumpre salientar que as noções tencionadas por Foucault acerca de dispositivos, tecnologias e práticas utilizadas sobre o indivíduo (denominado por Foucault como sujeito) me permitem dialogar e propor análise dos dados coletados, já que os indivíduos inscritos nos *locus* de coleta de dados desta pesquisa são atravessados por discursos e práticas voltados para a modelagem dos mesmos, com fim de corresponderem às propostas da IURD na esfera individual, familiar, sexual e política.

Intento encerrar esta alocução, enfatizando que Foucault dispõe seus tencionamentos que compõem as esferas supracitadas, pela intersecção entre a religião, a sexualidade e a política, me permitindo propor uma análise mais assertiva dos dados coletados na Catedral da Igreja Universal em Vitória-ES e no Templo de Salomão-SP. Enfatizo que esses locais são compostos de diferentes indivíduos, considerando suas regionalidades, crenças e práticas, nas quais as noções de Foucault me permitem ler as locuções e práticas destes ambientes distintos entre si, frente às práticas hodiernas neopentecostais da IURD.

CAPÍTULO 2- A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Cumpra agora, adentrar sobre o *locus* religioso eleito para a produção de dados desta pesquisa, que atravessa um desdobramento do pentecostalismo, entendido aqui como neopentecostalismo (Mariano, 2014). Perpassar pela historicidade em que se deu a gênese da Igreja Universal do Reino de Deus se faz relevante, já que trata-se de historiar o tempo presente, considerando que sua fundação se deu no fim da década de 1970.

2.1. Do surgimento do pentecostalismo e suas três concepções ao longo do século XX à eclosão neopentecostal

Ante o grande volume de estudos sobre o que Cox (2003, p.7) nomeia como “o movimento religioso que mais transcende fronteiras e mais crescente hoje no mundo”, a Universal do Reino de Deus (IURD), faz-se profícuo buscar abordagens históricas de pesquisadores como Mariano, Oro et al. (2003) Proença (2011), Rodrigues (2015), Freston (1993), Ferrari (2007) e Campos (1997) entre outros, que concebem de forma sincrônica essa igreja como fenômeno religioso cuja abrupta expansão e atuação transnacional os impulsionou a debruçarem sobre a historicidade da IURD.

Apresentada como igreja constituinte da terceira onda do pentecostalismo (FRESTON, 1993) ou como neopentecostal (MARIANO, 2014), propor reflexões sobre as condições históricas em que se deu sua fundação, bem como seu crescimento em meio às transformações sociais, culturais, políticas e econômicas representa um desafio significativo para o pesquisador, já que se trata de historiar o tempo presente (PROENÇA, 2011; RODRIGUES, 2015).

Finalmente os estudiosos da religião podem deixar de lado o debate cansativo e vão sobre a chamada tese da “secularização” e dar um passo adiante, examinando chaves de leitura que sejam mais ricas para a compreensão da religião no mundo contemporâneo. (...) a categoria que mais ajuda nessa compreensão não é o “ressurgimento” nem a “re-sacralização”, mas sim a “transformação” (COX in ORO et al, 2003, p. 7).

Estudar a IURD, a partir de uma abordagem histórica, significa ter que trabalhar com a história do tempo presente, que lida com os processos e os fenômenos recentes, os quais são estudados na turbulência dos acontecimentos que se encontram em pleno desenvolvimento. A história do tempo presente enfrenta

dificuldades próprias de abordagem para delimitar o seu campo de análise, sobretudo, em função da proximidade temporal do pesquisador em relação ao processo histórico, uma vez que o mesmo se encontra em curso, portanto, ainda inconcluso e suscetível a variações próprias de acontecimentos em andamento (RODRIGUES, 2015, p. 35).

Em sua pesquisa, Freston (1993) aponta que o pentecostalismo, até a produção da sua tese, já possuía 80 anos de existência e possivelmente 13 milhões de adeptos no Brasil sem, contudo, dispor de uma história acadêmica. Argumenta com isso, que tal fato produz lacuna ao trabalho do sociólogo, ressaltando ser imprescindível a intercepção do trabalho dos historiadores da religião para a compreensão do fenômeno religioso do pentecostalismo. “Os bons estudos sincrônicos já produzidos não nos permitem captar o movimento” (FRESTON, 1993, p. 64).

É válido ressaltar que segundo o historiador Proença (2011), a baliza histórica do pentecostalismo mundial é concebida em 1901 em Topeca, no estado do Kansas, Estados Unidos, através do evangelista Charles Fox Parhan, procedente da denominação Metodista que, por sua vez, adveio de movimentos benevolentes e de santidade dos séculos XVIII e XIX. Parhan, fundador da Escola Bíblica de Betel, engendrou instruir o alunado a crer na possibilidade da reprodução dos laivos de êxtase ocorrido entre os cristãos do primeiro século, no qual em um movimento intitulado de Pentecostes, cerca de 120 cristãos que estavam agrupados na cidade de Jerusalém teriam recebido o “dom do espírito” de “falar em outras línguas” (PROENÇA, 2011). Tal dom é também denominado por glossolalia (MARIANO, 2014). A palavra Pentecostes deriva de uma festividade judaica de mesmo nome, fazendo menção aos cinquenta dias que a separam da Páscoa. Daí provém o termo “pentecostalismo”.

Tal manifestação do fenômeno de enlevo, atribuído ao Espírito Santo e contemplado como análogo ao narrado pela Bíblia, ocorreu inicialmente com uma jovem chamada Agnes Ozman, aluna de Parham. Esse fenômeno aconteceu posteriormente com outros discípulos, se alastrando por diversas outras igrejas. Sugestionado pelo movimento em Topeca, em 1906, em Los Angeles, Estados Unidos, o evangelista William J. Seymour, partícipe da Igreja Holiness, motivou-se a praticar rituais carismáticos em uma edificação alugada, situada na Rua Azuza, 312, espaço inaugural da primeira denominação pentecostal de nome “Missão Evangélica da Fé Apostólica” (PROENÇA, 2011).

Campos (2004) ressalta que William J. Seymour era negro, filho de ex-escravizados, tendo se tornado celebridade após os acontecimentos da Rua Azuza. A biografia de William Joseph Seymour acabou ficando muito mais conhecida e difundida do que a de Charles Parham (CAMPOS, 2005). A presença de Parham na historiografia pentecostal por vezes fica encoberta provavelmente por conta de sua suposta homossexualidade e pela acusação de racismo, já que foi tributário de ações em conluio com a *Ku Klux Klan*, além de sustentar que os anglo-saxões fossem descendentes das dez tribos israelitas perdidas após o exílio na Assíria.

Um negro, filho de ex-escravos da Louisiana, então com 36 anos de idade, começou, em abril de 1906, num templo abandonado de uma Igreja Metodista Africana, no bairro negro de Los Angeles, uma caixa-preta, da qual começaram a sair gritos, convulsões, profecias, glossolalias, curas, milagres, prodígios e toda sorte de coisas, que rapidamente chamou a atenção da imprensa e, por meio dela, de todo o país. Em 18 de abril de 1906, o jornal Los Angeles Times publicava uma matéria que começava afirmando estarem os seus repórteres diante de “uma sobrenatural babel de línguas” e de uma “nova seita de fanáticos” formada em sua maioria por negros e imigrantes pobres, liderados por um pregador negro, William Seymour (CAMPOS, 2005, p.110)

Acerca do estabelecimento do Pentecostalismo, Mariano (2014) explana:

Nascido nos Estados Unidos no começo deste século, o pentecostalismo, herdeiro e descendente do metodismo wesleyano e do movimento *holiness*, distingue-se do protestantismo, grosso modo, por pregar, baseado em Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais sobressaem os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos. Para simplificar, os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com os seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de Seu (sic) supremo poder e inigualável bondade (MARIANO, 2014, p. 10).

A gênese do pentecostalismo no Brasil se deu com a fundação das igrejas Congregação Cristã em 1910 e Assembleia de Deus, em 1911 (MARIANO, 2014; FRESTON, 1993; PROENÇA, 2011; RODRIGUES, 2015; FERRARI, 2007; CAMPOS, 1997). Ambas com dissemelhanças eclesiais e doutrinárias que promoveram inserções sociais distintas, mas que são concebidas como clássicas por muitos pesquisadores, pelo seu pioneirismo no Brasil (MARIANO, 2014).

Freston (1993) adota uma classificação específica para historiar, desde a radicação do protestantismo no Brasil até o que ele denomina como pentecostais da terceira onda. Tal tipologia aloca desde o século XIX, narrando como as igrejas que tiveram origem no que ele denomina de protestantismo de imigração, se desloca para o protestantismo histórico, que tinha um escopo missionário e posteriormente, o surgimento do pentecostalismo no início do século XX que, a seu turno, se desdobra

ao longo do século em pentecostalismo da primeira onda, da segunda onda e finalmente o pentecostalismo da terceira onda, onde a instituição religiosa mais expoente é a Igreja Universal do Reino de Deus.

Quanto à primeira onda, integram a Congregação Cristã e a Assembleia de Deus (AD), fundadas em 1910 e 1911, respectivamente. De acordo com Freston (1993), tais igrejas detiveram o domínio eclesial pentecostal por 40 anos, já que as outras denominações originadas nesse período se mostraram insípidas. A Congregação Cristã, apesar da considerável notoriedade e alavancagem territorial inicial, se mostrou mais inexpressiva nos anos que se seguiram após o seu surgimento, enquanto a AD se espalhou pelo território brasileiro assumindo o vulto de “igreja protestante nacional por excelência, firmando presença nos pontos de saída do futuro fluxo migratório” (FRESTON, 1993, p.66).

As denominações que compuseram a segunda onda se inserem entre as décadas de 1950 a 1960, quando a atuação pentecostal se desdobra, ampliando sua relação com a sociedade, se fragmentando em três vértices: a Quadrangular (1971), Brasil para Cristo (1955) e a Deus é Amor (1962). É válido ressaltar que o surgimento dessas denominações se deu em concomitância com o surgimento de dezenas de outras menores e que o cenário dessa propagação aconteceu em São Paulo (FRESTON, 1993).

Quanto à terceira onda, seu surgimento intercorreu no final da década de 1970 e início dos anos de 1980. As principais representantes da nova onda são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Ambas ofertaram uma inovadora inserção social e instauraram características singulares no que se refere à liturgia, teologia, ética e estéticas do pentecostalismo. Quanto ao espaço territorial de surgimento, se deu no Rio de Janeiro (FRESTON, 1993).

Cumprido dizer que, quanto a historicidade do pentecostalismo, Mariano (2004) afirma não ter havido desde o princípio, uma conformidade entre os pentecostais, havendo, portanto, inúmeras discrepâncias. A partir disso, adota a tipologia das três vertentes pentecostais: o pentecostalismo clássico, deuterpentecostalismo e neopentecostalismo. Para isso, Mariano (2014), assim como Freston (1993) também adotou o critério histórico-institucional, tendo em vista as transformações ocorridas em mensagens religiosas inscritas em cada uma das vertentes.

Segundo Mariano (2014), na vertente do pentecostalismo clássico, equivalente a primeira onda nomeada por Freston (1993), se situam também a Congregação Cristã (1910) e a Assembleia de Deus (1911). Todavia, a ênfase para essa classificação incide para além do pioneirismo, a saber, para o metamorfismo de uma sociedade sectária em uma instituição que se elevou ao longo da história, no que tange a aspectos sociais e econômicos e que, em busca de um decoro confessional, fomentou a instrução teológica aos líderes eclesiásticos que, por sua vez, resultou em um afastamento entre os líderes das igrejas e os devotos.

Conforme Mariano (2014), essa prática suprimiu as expressões carismáticas promovendo a burocratização do pastorado, instaurando novas premissas além da fruição do carisma, intrincando a ascensão à hierarquia dos líderes eclesiásticos. Mariano assinala que preliminarmente o pentecostalismo clássico era constituído predominantemente por indivíduos de baixo nível de instrução, não abarcados pelo protestantismo histórico e perseguidas pela Igreja Católica, levando tais igrejas à adoção de um anticatolicismo, prática da glossolalia (também conhecido como dom de línguas), convicção em Jesus Cristo e na proposição da salvação do paraíso eterno, assumindo como característica de distinção, o acatamento de comportamento radical sectário, bem como a ascese de renúncia do mundo externo. Até o início do século XXI, tais práticas se moldaram parcialmente ao contorno social vigente, apesar de até o início de o presente século conterem mormente as esferas sociais pobres e de baixo grau de instrução, se alastraram por novos setores da sociedade, incluindo os profissionais liberais e empresários (MARIANO, 2014).

Até a publicação da sua obra (originalmente em 1999), Mariano (2014) realça que em quase 90 anos de existência, as duas igrejas constituintes do pentecostalismo clássico ainda mantinham vivaz a conduta sectária e ideais ascéticos. Não obstante, a Congregação Cristã experimentou sutis transformações doutrinárias, a saber, nos usos e costumes. A Assembleia de Deus, por sua vez, ofertou-se mais adaptável e inclinada a atender as demandas da sociedade deste período. O ingresso na esfera político-partidária e no veículo da mídia televisiva, sinaliza o intento de perceptibilidade e pendor à busca pela consonância com a sociedade, concebendo para tanto uma certa dessacralização por conveniência.

O Deuteropentecostalismo originado na década de 1950 em São Paulo, adveio do trabalho missionário de Harold Williams e Raymond Boatright, ambos

associados à *International Church of the Foursquare Gospel*¹⁷. Deste modo, foram implantadas no Brasil, a Igreja Quadrangular (São Paulo, 1953), cuja prédica centrava-se na cura divina. No enalço das diligências da cura divina sobrevieram as igrejas Brasil para Cristo (São Paulo, 1955), Deus é Amor (São Paulo, 1962), Casa da Bênção (Belo Horizonte, 1964) e outras tantas de menor vulto (MARIANO, 2014).

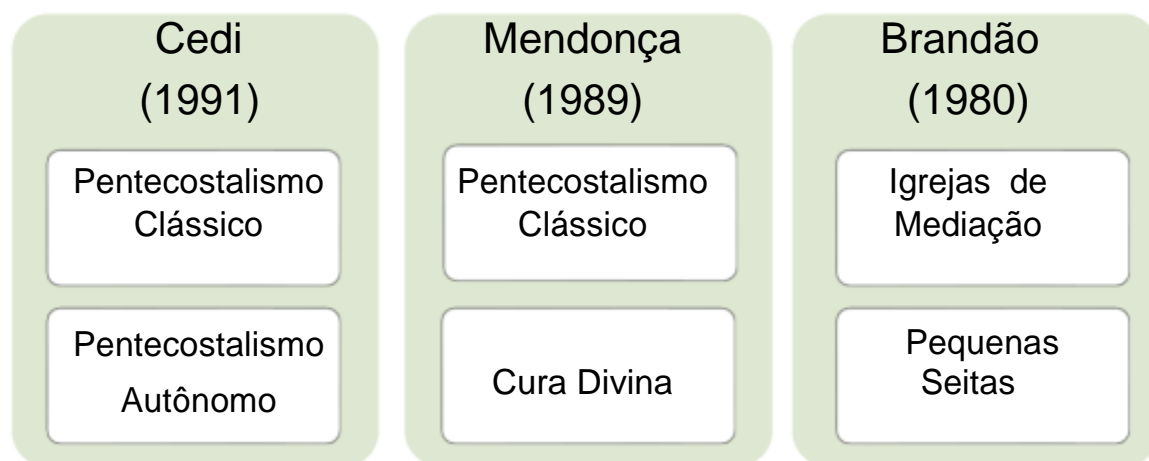
O neopentecostalismo, que tem sua origem em meados da década de 1970, expande e adquire robustez pelas duas décadas seguintes. Originárias da Igreja Nova Vida (Rio de Janeiro, 1960), as duas igrejas de grande expressão inscritas no neopentecostalismo são a Universal do Reino de Deus (Rio de Janeiro, 1977) e Internacional da Graça de Deus (Rio de Janeiro, 1980). Nessa vertente surgiram outras denominações neopentecostais como a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Goiás, 1976), Comunidade da Graça (São Paulo, 1979), Renascer em Cristo (São Paulo, 1986) e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (São Paulo, 1994) (MARIANO, 2014).

Mariano (2004) faz ainda uma subsunção para a tipificação dos neopentecostais. No âmbito teológico enfatizam a pugna espiritual contra o Diabo e seus enviados à terra. A prédica da Teologia da Prosperidade que, no que lhe concerne, propaga a asserção de que o fiel a Deus deve ser próspero na esfera financeira, gozar de boa saúde, ser feliz e obter êxito em seus empreendimentos terrenos. Por último, a proposição doutrinária de santidade pentecostal diz respeito a usos e costumes, como vestir roupas de moda, usar produtos de beleza, frequentar praias, cinemas, torcer para times de futebol, assistir televisão e outros.

Quanto ao contexto histórico do pentecostalismo no Brasil, não houve entre os pesquisadores, consenso quanto a tipologia, sendo concebido de formas diferentes por outros pesquisadores, no que tange não só à nomenclatura, mas também quanto ao escopo da abordagem. Freston (1993) sintetiza as diferentes tipologias adotadas por esses, desde o pentecostalismo clássico até a formação do movimento pentecostal pós-década de 1970, suprimindo o movimento em apenas dois momentos históricos.

¹⁷ “O estranho nome do Evangelho Quadrangular decorre dos quatro atributos de Cristo nos quais a Igreja baseia a sua mensagem: Cristo Salvador, Santificador (ou batizador no Espírito Santo), Curador e Rei que voltará” (MARIANO, 2014, p.30).

Quadro 1: Tipologias binárias do Pentecostalismo no Brasil



Fonte: Freston (1993). Dados adaptados pela autora.

Brandão (1980 apud FRESTON, 1993) faz o delineamento tipológico pelo critério de classe, alegando que a fronteira entre a religião douta e a popular são as ditas igrejas de mediação. O Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI apud FRESTON, 1993) classifica o pentecostalismo pelo seu vultoso alcance de fiéis, destarte, as igrejas precedentes da década de 1950 são caracterizadas por grandes igrejas populares, nomeando-as como Pentecostalismo Autônomo. De outra sorte, a “cura divina” de Mendonça (1989, apud FRESTON, 1993) faz menção a um caráter milagroso.

Campos (1997) pontua que a multiplicidade de critérios e métodos utilizados nos diversos alinhavos do pentecostalismo, resultou em um enleado de concepções. Disso derivou um plexo de concepções variadas quanto a tipologia histórica do objeto de pesquisa, fazendo com que pesquisadores adotassem variadas locuções para o traçado histórico.

Se faz oportuno trazer em relevo, a historicidade da denominação escolhida como objeto de análise da pesquisadora, a Igreja Universal do Reino de Deus, que clarificarei a seguir.

2.2. Contexto histórico do fenômeno do Neopentecostalismo no Brasil: do surgimento e expansão da Igreja Universal do Reino de Deus até a contemporaneidade

Mariano (2014) pontua que o declínio constante da hegemonia da Igreja Católica desde o início do século XX, que se deu sincronicamente ao alicerçamento da institucionalização e expansão demográfica das religiões de caráter basilar cristã, ocorreu por conta da dessacralização da cultura, promovendo um rompimento da devoção dos católicos à arbitrária inserção desses a outras religiões. A pluralidade religiosa advinda desse êxodo cristão fomentou a criação de um amplo mercado religioso que contemplava produtos e empregos vinculados a empreendimentos de cunho religioso, incluindo aqui os protestantes e pentecostais. Tal conglomerado constituía a minoria demográfica religiosa, se cotejada ao domínio da Igreja Católica, por sua permanência como a religião dominante.

Somente a partir da segunda metade dos anos 80, com a irrupção dos pentecostais na política partidária, a expansão do televangelismo, a compra da Rede Record pela Igreja Universal e os escândalos fiscais, policiais e políticos, amplamente divulgados pela imprensa, envolvendo pastores e parlamentares, cresceu consideravelmente o número de pesquisadores empenhados em investigar tal fenômeno religioso. Até o momento, porém, muito pouco se conhece sobre o novo pentecostalismo que emergiu nos últimos vinte anos (MARIANO, 2014, p.15).

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) foi instituída por Edir Macedo Bezerra, seu cunhado Romildo Ribeiro Soares e Roberto Augusto Lopes em julho de 1977, no Bairro da Abolição, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. É oportuno estampar, inicialmente, sobre o cenário socioeconômico e político em que se deu o surgimento da IURD. Mariano (2003), pontua que a conjuntura socioeconômica, cultural, política e religiosa propiciou a eclosão da Igreja Universal desde a sua criação pois o país no final da década de 1970 enfrentava uma intensa crise socioeconômica, com o alto índice de desemprego, violência e elevada criminalidade. Considerando-se a destradicionalização, a liberdade religiosa e notável declínio do catolicismo desde a década de 1950, o acesso aos estratos populares mais pobres através dos meios de comunicação de massa com proposta de práticas religiosas de cariz mágico-milagrosas fomentou rápida adesão de devotos.

Proença (2011) reitera a explanação supra, solidando que o advento iurdiano se localiza em um decurso temporal de abundante urbanização, bem como a degradação das condições sociais de vida e que à vista disso, seu proselitismo

granjeou reverberação por meio de um apropriado discurso com intenso aceno popular que se buscava na época. A IURD se desenvolve, desse modo, como materialização desse universo.

O país é outro, e o pentecostalismo de terceira onda adapta-se às mudanças: o aprofundamento da industrialização; o inchamento urbano causado pela expulsão de mão-de-obra do campo; a estrutura moderna de comunicações de massa que no final dos anos 70 (sic) já alcança quase toda a população; a crise católica e o crescimento da Umbanda; e a estagnação econômica dos anos 80 (sic) (FREESTON, 1993, p.95).

A agrura socioeconômica, política e cultural supracitada pelos pesquisadores, refere-se ao que o historiador Rodrigues (2015) põe em tela. A IURD foi criada em pleno regime militar que, por sua vez, se achava em constante embate com os movimentos sindicalistas, representado como o maior instrumento sociopolítico de confronto à Ditadura Militar. Com a mudança do centro de poder federal para Brasília na década de 1960, o Estado do Rio de Janeiro experimentou intensa queda na qualidade de vida. O então movimento sindical defendia as eleições diretas em todas as esferas, precipuamente o cargo de Presidente da República. Esse foi o marco inicial que culminou na campanha “Diretas Já”.

Com a conquista do sufrágio pelo movimento “Diretas Já”, a retomada de ações sindicalistas contra as injustiças e atrocidades cometidas no período militar foram asfixiadas por José Sarney (antigo integrante do PDS, partido dos governistas controlados por militares), que fundou o PFL para disputar a presidência como vice de Tancredo Neves, falecido um dia antes da posse. Depois da morte de Tancredo, Sarney governou com seu conservadorismo autoritário que remonta o coronelismo do Nordeste. Seu encargo foi dar continuidade ao autoritarismo, driblando o projeto de transição da Nova República e protegendo todas as provas, registros e documentos das práticas do regime militar (RODRIGUES, 2015).

Nada pôde ser aberto ao público, sobretudo para pesquisas acadêmicas. Sarney chegou a ter índice de aprovação bastante elevado, a despeito dos altíssimos índices de inflação, uma vez que a informação era censurada, resultando em uma sociedade alheia à crise instaurada no domínio econômico. Foi nesse cenário de intensos desajustes que a IURD se fortaleceu e ganhou, em escala jamais vista, fiéis através do seu discurso mágico-milagroso (RODRIGUES, 2015). Idealizada por Edir Macedo Bezerra, Romildo Ribeiro Soares e Roberto Augusto Lopes, a Universal foi instituída. Salienta-se, oportunamente, que seus fundadores eram fiéis dissidentes da Igreja Nova Vida (MARIANO, 2014, PROENÇA, 2011,

RODRIGUES, 2015). O *locus* da constituição da primeira igreja foi um galpão de uma antiga funerária.

Almeida (1996) afirma que a Universal foi arquitetada sob critérios de uma arrojada disposição em sua estrutura de crescimento e que se intentarmos uma narrativa quanto à sua ascendência, verificaremos que ela é resultado de uma intrincada ramificação, pois Roberto Augusto e os cunhados Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares eram dissidentes da Igreja Nova Vida, cujo fundador, Roberto Maclister, teve transcurso na Assembleia de Deus.

Isto posto, Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares, antes mesmo da gênese da IURD, já teriam criado o Salão da Fé, designada como Cruzada do Caminho Eterno, associado à Samuel Coutinho, partícipe dissidente da Igreja Batista (ALMEIDA, 1996). Mariano (2014) postula que Edir Macedo iniciou como tesoureiro na IURD em virtude das suas estâncias em universidades, pois cursou Matemática na Universidade Federal Fluminense e Estatística na Escola Nacional de Ciência e Estatística, todavia, sem concluí-los. Tais saberes também lhe conferiram atributos para trabalhar na Loterj antes de engendrar o projeto da IURD.

Tão logo a Universal dera início às suas atividades, Romildo Soares assumiu a liderança eclesiástica, mas que rapidamente foi suprimida pela atuação implacável e centralizadora de Edir Macedo, que dispunha também de um inegável carisma, entusiasmo e pragmatismo. Ao ver o cunhado em ascensão entre os fiéis, Romildo Soares entrou em conflito com Macedo, que sugeriu que ficasse a critério do presbitério, por meio de votação, a escolha do líder. Macedo foi o escolhido e Romildo Soares se desligou da denominação, criando a Igreja Internacional da Graça de Deus (MARIANO, 2014).

Em que pese aludir oportunamente acerca do ingresso no cenário político desta instituição, Roberto Augusto foi propellido pela IURD no ofício político, elegendo-se Deputado Federal constituinte em 1986 pelo PTB/RJ. Não obstante, um novo desafeto com Edir Macedo, resultou no egresso da denominação, volvendo à sua igreja primacial, a Nova Vida (ALMEIDA, 1996).

A partir de então, com a centralidade do poderio eclesiástico, Edir Macedo defrontou ainda com a objeção de outros pastores. Um deles, Carlos Magno, que fora líder da denominação no Brasil no ínterim em que o líder da Igreja Universal esteve nos Estados Unidos (em 1986), se ascendeu e em 1990 rompeu com a diligência da IURD, constituindo uma nova alcunha, a Igreja do Espírito Santo. Apesar de não obter êxito estrutural com a nova denominação dissidente, Carlos

Magno arquitetou acusações contra Edir Macedo e em 1991, por intermédio do programa Globo Repórter na Rede Globo, declarou que o líder da 'Igreja Universal do Reino de Deus' recebera dinheiro do narcotráfico colombiano (ALMEIDA, 1996).

As incriminações não receberam profícuas repercussões judiciais no período. Contudo, tanto Carlos Magno quanto a Rede Globo mantiveram a efervescência do intento das acusações, e no segundo semestre de 1995 retornaram com as acusações, expondo um vídeo onde o líder da Igreja Universal orientava seus pastores em como adjuar dízimos e ofertas junto aos fiéis com êxito (ALMEIDA, 1996). Mariano (2014) endossa essa asserção narrando que a Rede Globo transmitiu arduamente tal filmagem:

durante um intervalo de um jogo de futebol com a cúpula da igreja, ensinando, de modo debochado e em meio a termos chulos, pastores e bispos a serem agressivos, persuasivos e eficazes na arrecadação de recurso dos fiéis. Para lubrificar sua "máquina registradora", entre outras pérolas, Macedo dizia a seus subalternos: "Você tem que chegar e se impor. Você nunca pode ter vergonha. Peça, peça, peça. Quem quiser dá, quem não quiser não dá. Ou dá ou desce" (ibid, p.86).¹⁸

Convém explanar que o controverso líder da IURD, de acordo com Mariano (2014), frequentou a Igreja Católica e a Umbanda antes da conversão ao pentecostalismo, em 1963, aos 18 anos. Quanto ao período umbandista, tal fato é confirmado pelo próprio líder da Universal através do seu livro *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?*

Uma certa ocasião, quando meu tio veio do interior para se tratar de uma enfermidade aqui no Rio de Janeiro, tivemos uma boa experiência. O velho ficou hospedado em nossa casa e, embora os médicos tivessem feito tudo que puderam, não o curaram. O levamos ao centro (é bom lembrar que naquela época eu também estava no engano) e na hora do passe eu e minha tia o carregamos até um dos médiuns para que tomasse os passes (MACEDO, 1993, p.91, grifo meu).

Envolvido em diversos processos criminais sob acusações de charlatanismo e vilipêndio religioso, em 24 de maio de 1992 Macedo foi preso em São Paulo por prática de charlatanismo, curandeirismo e estelionato. Sua prisão teve origem em um inquérito aberto por cinco fiéis que declararam terem doado bens e dinheiro à igreja em compensação de milagres. Depois de três dias na prisão, o líder da Universal foi indiciado, com base no artigo 15 da Lei do Colarinho Branco¹⁹. Segundo o Ministério Público, o patrimônio pessoal de Edir Macedo equivalia a 100

¹⁸ Disponível também em vídeo disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nIzGhfJ8atE>>. Acesso em 08 de janeiro de 2020.

¹⁹ Edir Macedo foi "acusado de usar a Universal como instituição financeira clandestina" (O Globo, 25 de maio de 1992 apud Mariano, 2014).

milhões de reais. Depois de 12 dias, Macedo foi solto por meio de um *habeas-corpus* (PROENÇA, 2011).

Outro escândalo envolvendo a IURD foi o episódio propagado pela mídia como “chute na santa”, onde o bispo Von Helde, em um programa da Rede Record, desferia pontapés e socos na imagem de Nossa Senhora da Aparecida, ironizando sua disfuncionalidade como imagem, que em tom de zombaria, chamava a imagem de “boneco feio, horrível e desgraçado” (MARIANO, 2014, p.83).

Mesmo diante dos fatos supracitados, Edir Macedo construiu e propagou sua efígie de vítima, alegando que por fazer a ‘vontade de Deus’, era perseguido pela Globo em conluio com a Igreja Católica (PROENÇA, 2011). Rodrigues (2015) atribui à expressão imagética de Edir Macedo, uma profusa aptidão para o discurso. Posto assim, no tocante à IURD, “o discurso constitui a principal ferramenta de acesso e conversão de seus fiéis e de propagação de sua doutrina religiosa” (*ibid*, p.22). Assim, as instâncias elucidativas do fenômeno religioso operam por meio da confluência dos predicados do líder máximo da Universal. Por isso o poder discursivo foi determinante para opulência iurdiana.

Venerado por fiéis e subalternos, criticados por adversários religiosos e pastores concorrentes, acusado pela polícia, pela Justiça e pela imprensa de charlatanismo, estelionato, curandeirismo e de enriquecimento às custas da exploração da miséria, ignorância e credulidade alheias, Macedo vai em parte graças ao Diabo que tanto ataca, interpela e humilha, construindo a passos largos o seu império (MARIANO, 2014, p.54).

Isto posto, admite-se uma análise quanto à veneração dos fiéis, mesmo ante aos escândalos e acusações. É possível localizar a noção do poder pastoral, proposto por Foucault (1990), que observa que o vínculo das ovelhas com o pastor é um vínculo individual e de sujeição pessoal ao sacerdote. Tal liame é tão forte que faz com que a vontade do pastor seja cumprida pelas ovelhas, não por uma esfera legal, mas essencialmente por ser anelo do pastor. Finalmente, tal conceito pressupõe uma condição de constante subalternidade ao sacerdote. Em um dos campos feitos na Catedral da IURD no Município de Vitória ouvi o pastor dizer, usando um erguido tom de voz: “Crede no senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas e prosperareis”²⁰ (PASTOR DAVI)²¹.

A Igreja Universal é concebida por Oro, Corten e Dozon (2003), como um império financeiro em razão do seu movimento dinamizador e pecuniário, haja vista

²⁰ Citação do Livro de 2 Crônicas 20:20.

²¹ Transcrição de áudio coletado na Catedral da IURD do município de Vitória no culto Terapia do Amor, dia 1 de novembro de 2018.

suas suntuosas catedrais que remontam, junto a outros investimentos imobiliários, um significativo patrimônio. “A fortuna de Macedo, a vertiginosa expansão da Universal e de suas empresas de comunicação e a participação direta no jogo político partidário estão entre os principais motivos de assédio da mídia” (MARIANO, 2014, p.73). O êxito patrimonial de Edir Macedo resultou em sua inclusão no rol de bilionários da Forbes, revista estadunidense de cunho econômico e empresarial:

Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, está entre os líderes religiosos mais ricos do mundo e um magnata da mídia brasileira. Criado como católico, se converteu ao cristianismo evangélico no início dos anos 70. Em 1977, fundou sua própria seita no Rio de Janeiro, que segue a "teologia da prosperidade", afirmando que a fé e o comprometimento com uma igreja são recompensados com riqueza. Em julho de 2013, ele também se tornou banqueiro depois de adquirir uma participação de 49% no banco privado Banco Renner, que está entre as maiores taxas de juros do Brasil. A transação causou surpresa, em parte porque o banco central do Brasil tratou Macedo como investidor estrangeiro, já que ele mora nos EUA. A maior parte da fortuna de Macedo deriva de sua propriedade da Rede Record, a segunda maior emissora do Brasil, adquirida em 1990 do artista Sílvio Santos. Não está claro como ele conseguiu o financiamento para comprar a empresa: o Ministério Público do Brasil investigou a questão por mais de dez anos, enquanto alguns relatos alegam que ele usou fundos da igreja. Macedo se recusou a comentar. Seu império de mídia também se estende a uma afiliada da Telemundo em Atlanta, a W67CI. Em 2014, Macedo inaugurou uma enorme réplica do Templo de Salomão em São Paulo, que acomoda 10.000 fiéis e tem o dobro da altura do icônico Cristo Redentor, localizado no Rio de Janeiro. A mega igreja custou US\$ 200 milhões para construir e servir como sede da Universal (REPORTAGEM “#1638 EDIR MACEDO & FAMILY”, REVISTA FORBES, 201522).

Rodrigues (2015) sinala que o espraiamento logrado pela IURD atribui-se à sagacidade de Edir Macedo e de seus empenhos de cariz empresariais, conferindo-lhe um posicionamento de poder, pertencente a uma seleta estirpe de empresários ou representantes religiosos da contemporaneidade. Observa-se assim, o vigor na aquisição patrimonial empreendido pela Igreja Universal por meio do seu líder que detém o “controle absoluto de todas as empresas, inclusive os templos” (RODRIGUES, 2015,p.97).

De acordo com Oro et al (2003), a Igreja Universal do Reino de Deus certamente logrou destaque na contemporaneidade entre as igrejas provenientes do Terceiro Mundo no decurso do século XX, não pelo seu contingente de fiéis, mas sim, indubitavelmente pela compleição multinacional e seu virtuosismo no que se refere aos aparatos da mídia, sobretudo a televisiva.

Quanto aos investimentos na aquisição de emissoras de Televisão, o ponto de partida foi a compra da TV Record pela soma de quarenta e cinco milhões de dólares, em 1989, sendo que até 1996, Edir Macedo investiu, segundo a “Folha Universal”, cerca de 200 milhões de dólares, visando a

²² Reportagem do dia 3 de fevereiro de 2015 da Revista Forbes, disponível em <<https://www.forbes.com/profile/edir-macedo/#796cf9bb2fcf>>. Acesso em 29 de maio de 2019.

sua modernização, transformando a Rede Record na terceira empresa do setor no Brasil em quantidade de emissoras e em uma das primeiras em termos de qualidade de equipamentos (ibid, p.95).

Campos (1997) versa que, para a Igreja Universal, a sociedade vive em um transtorno ininterrupto, ocasionado pelas forças demoníacas. Segundo Campos, Edir Macedo ostenta a figura de um verdadeiro expert em 'demônios' e elege a IURD como a ofertante de serviços espirituais de combate efetivo às entidades causadoras de todos os males que afetam a humanidade na esfera familiar, enfermidades, problemas financeiros, perturbações da mente e outros.

Rodrigues (2015) realça esse caráter maniqueísta da IURD, salientando como nos ritos da igreja os partícipes manifestam emoções por meio de gritos e gestos brutos, ao que o pastor ou bispo do rito proporciona o "combate" e a "expulsão" das entidades. "Deste caso, a 'eficiência' de suas práticas ritualísticas contribui para o seu sucesso ou crescimento, expressando certo tipo de 'poder' quando realiza a mediação entre a esfera do cotidiano e do sagrado na vida dos neopentecostais" (ibid, p.61).

Com a (...) adesão exclusiva dos fiéis às suas igrejas, os evangélicos acentuaram no Brasil a ideia do pluralismo religioso. A Igreja Universal não fugiu à regra. Seu processo de expansão é pautado por um forte proselitismo exclusivista que resultou no confronto aberto com outras religiões e na negação das suas respectivas mensagens. Com essa postura beligerante ela conquista sua clientela e, simultaneamente, obtém a vitória ritual sobre a concorrência (ALMEIDA, 2003, p.336).

Cumprido aludir, acerca dos propósitos de expansão, que se dá na acomodação com a sociedade vigente, pois Mariano (2014) acentua que, sem perder sua diferença dogmática dentre as denominações neopentecostais, a IURD se mostra a mais inclinada a acomodar-se às demandas da sociedade atual, ofertando prédicas de cunho mágico-milagrosos, de serviços terapêuticos, norteados pelas promessas de condescendência divina na prosperidade material, emocional, afetiva, familiar, amorosa e na cura de enfermidades.

De acordo com Freston (1997), as diretrizes iurdianas quanto aos critérios comportamentais são usados tacitamente como meio de acomodação social, visando o granjeio de devotos e conseqüente expansão da igreja. Diante disto, o autor (1997) atribui ao sucesso da IURD, o entrelaçamento entre o tradicionalismo religioso e a cultura urbana brasileira.

Quanto os ditames iurdianos no que toca à conduta feminina, Mariano (2014) aponta que prescreve-se que as mulheres devem ser distintas, mães exemplares, dedicadas e submissas aos maridos. Conquanto a esposa de pastor

assume o papel de suporte ao seu ministério, sujeitando-se a limpar templos e evangelizar em presídios, de maneira totalmente voluntária. “Ester, admitiu experimentar na carne: “O Edir acha que mulher não pode mandar em casa, que deve ser discreta na hora de se vestir, que deve falar pouco, que deve ser boa mãe e boa dona de casa”²³” (*ibid*, p.210).

Campos (1997) versa sobre um paradoxo acerca dos imperativos à mulher iurdiana, pois, mesmo assumindo um lugar subalterno no átrio, ainda assim perfaz a maioria dos devotos da IURD. Tal incongruência se dá na medida em que a mulher se sente valorizada por poder assumir o encargo de obreira ao mesmo tempo em que concebe o discurso da submissão ao marido com resignação. “Embora tente ser moderno, ainda assim esse discurso é uma tentativa frustrada de conciliar a modernidade e arcaísmo” (*ibid*, p.443).

Por fim, destaca-se a Teologia da Prosperidade como mola propulsora de crescimento que, como explana Rodrigues (2015), tem seu mote na vida abundante na terra a partir da apreensão da prédica iurdiana de que, como filhos e herdeiros de Deus, podemos realizar um pacto com a divindade por meio de ofertas e dízimos, visando à consecução das bênçãos materiais.

2.3. A Igreja Universal do Reino de Deus: Representatividade do expansionismo midiático e radiofônico e a consequente contribuição efusiva na IURD

A império midiático da IURD é concebida pelos seus pesquisadores (Campos, 1997; Mariano, 2014; Oro et al, 2003) como critério fundamental de crescimento e expansão. A partir do êxito por meio de comunicação em massa, sobretudo o rádio, a denominação pôde alcançar fieis em escalas gigantescas.

Seu primeiro programa , na Rádio Copacabana, durava irrisórios 15 minutos. Mas em pouco tempo a igreja expandiria sua presença nas ondas radiofônicas. Em abril de 1983, já transmitia 27 programas de rádio. A compra da primeira emissora, a Copacabana, no rio, ocorreu no ano seguinte. Mas foi a partir de 1988 que a igreja, com mais de 400 templos, deslançou a comprar rádios. Em 1990 já havia adquirido emissoras nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Rio Grande do sul e Paraná. Bastaria poucos anos mais para que possuísse uma rede em cerca de 40 emissoras (MARIANO, 2014, p.66)

A especificidade da IURD quanto ao discurso na mídia foi decisiva para a rápida adesão à denominação, visto que, enquanto outras igrejas ofertam preleções

²³ Revista Veja, 6 de dezembro de 1995 (MARIANO, 2014).

de caráter doutrinário, “a Universal destaca o poder transformador de Deus, exibindo conteúdo de cunho propagandista feitos pelas declarações dos fieis da ação de Deus. Curas, milagres, intervenções e bênçãos divinas de toda espécie” (MARIANO, 2004, p.124). Assim, o televangelismo se traduz em um vultuoso aparato de propagação, já que alcança milhares de ouvintes através das linhas de transmissão, logrando êxito propagandístico.

Por isso não há necessidade de propaganda ou de publicidade religiosa, quando existe uma situação de monopólio ou de estabilidade no campo religioso. Elas surgem quando há pluralismo, conflito e formas diferenciadas de organizar a vida. Fazer propaganda implica no reconhecimento da insuficiência da mera informação sobre a qualidade deste ou daquele produto, ideias ou crenças, assim como também significa aceitar como evidente, o colapso das formas até então vigentes de inculcação de valores (CAMPOS, 1997, p.242).

Rodrigues (2015) alude que o poder de discurso fundamentado na dominação dos desejos dos sujeitos. Tal noção se dá por meio das promessas de cariz milagrosa e imediatista, no que se refere à riqueza e saúde e produz uma poderosa ferramenta de arrecadação de recursos financeiros destes, por meio da qual os sujeitos são seduzidos.

O proselitismo em rádio e TV constitui o mais poderoso meio empregado pela Universal para atrair rapidamente grande número de adeptos das mais diversas localidades geográficas à igreja. Por sua capacidade ímpar de introduzir a igreja, sua mensagem e seu apelo religioso nos lares, o evangelismo eletrônico apresenta a vantagem de poder alcançar aqueles que não possuem contato ou relação de confiança, amizade e parentesco com os pertencentes à denominação. (MARIANO, 2004). “Embora seja a denominação brasileira que mais investiu na aquisição de emissoras de televisão, a Universal prioriza a evangelização pelo rádio” (MARIANO, 2004, p.10).

Como salientado em seção anterior, comprada por cerca de 200 milhões de dólares, a Rede Record constitui a expressão da modernidade, no que tange à qualidade de seus equipamentos, o que lhe atribuiu a posição de terceira empresa do setor.

Quadro 2: Estados e emissoras da Rede Record.

ESTADO	CIDADE	EMISSORA
Distrito Federal	Brasília	Record TV Brasília
Goiás	Goiânia	Record TV Goiás
	Jataí	TV Sucesso
Mato Grosso	Cuiabá	TV Vila Real
	Rondonópolis	TV Cidade
	Pontes e Lacerda	TV Guaporeí
	Sinop	TV Capital
	Sorriso	TV Sorriso
	Tangará da Serra	TV Vale
Mato Grosso do Sul	Campo Grande	Rede MS
Espírito Santo	Vitória	TV Vitória
Minas Gerais	Belo Horizonte	Record TV Minas
	Gov. Valadares	TV Leste
	Uberlândia	TV Paranaíba
	Varginha	TV Rede Mais
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Record TV Rio
	C. dos Goytacazes	Record TV Interior RJ
São Paulo	Bauru	Record TV Paulista
	Campinas	TVB
	Franca/Ribeirão	Record TV Interior SP
	Santos	Record TV Litoral
	S. J. do Rio Preto	Record TV Rio Preto
Paraná	São Paulo	Record TV
	Curitiba	RIC TV PR
	Londrina/Cornélio/Procópio	RIC TV PR
	Maringá	RIC TV PR
Rio Grande do Sul	Cascavel/Toledo	RIC TV PR
	Porto Alegre	Record TV RS
Santa Catarina	Florianópolis	RIC TV SC
	Blumenau	RIC TV SC
	Chapecó	RIC TV SC
	Itajaí	RIC TV SC
	Joinville	RIC TV SC
Alagoas	Xanxerê	RIC TV SC
	Maceió	TV Pajuçara
Bahia	Salvador	Record TV Itapoan
	Itabuna	Record TV Cabralia
Ceará	Fortaleza	TV Cidade
Maranhão	São Luís	TV Cidade
Paraíba	João Pessoa	TV Correio
Pernambuco	Recife	TV Clube
Piauí	Teresina	TV Antena 10
Rio Grande do Norte	Natal	TV Tropical
Acre	Rio Branco	TV Gazeta Rio Branco
Amapá	Macapá	TV Equinócio
Amazonas	Manaus	TV A Crítica
Pará	Belém	Record TV Belém
Rondônia	Porto Velho	SIC TV
Roraima	Boa Vista	TV Imperial
Sergipe	Aracaju	TV Atalaia
Tocantins	Palmas	TV Jovem

Fonte: Site da Rede Record²⁴. Dados adaptados pela autora.

Como fator de expansão denominacional, o governo verticalizado e centralizado da Universal, com efeito, é tão ou mais importante que a decantada competência religiosa, gerencial e empresarial de sua liderança eclesiástica. Nesse sentido, cumpre destacar que o governo episcopal tal como exercido pela igreja reforça a unidade e a coesão denominacional,

²⁴ Disponível em < <http://recordtv.r7.com/emissoras-record/rede/> >. Acesso em 18 de maio de 2019.

dinamiza o processo decisório, agiliza a transmissão das ordens superiores e a realização dos trabalhos administrativos, organizacionais e de evangelismo, permite centralizar a administração dos recursos coletados e fazer investimentos caros e estratégicos, como a abertura de novas congregações e frentes de evangelização, a construção de templos de grande porte, a compra de emissoras de rádio e TV, a criação de gravadoras, de editoras e de outros empreendimentos (MARIANO, 2004, p.126).

Isto posto, Oro *et al* (2003), salientam que o aparato midiático e radiofônico constituem o alicerce da IURD a qual lhe atribuem predicados de uma igreja transnacional, cujo ritmo de crescimento se deu de forma abrupta e acelerada.

Pode-se admitir que, tendo em vista a robustez midiática e radialista da Igreja Universal, os discursos ofertados de inúmeras formas têm maior capacidade de capilaridade para sugestionar os sujeitos a apreenderem seus conteúdos, conferindo ao líder da Igreja Universal e, conseqüentemente, à denominação, uma tácita forma de espraiamento das noções difundidas. Retomando a noção da governamentalidade (explanada no capítulo 1 deste texto), que se lança sobre o assujeitamento do indivíduo a normas morais, comportamentais, políticas e econômicas de interesse estatal na gestão da população, é possível a observância de que esta capilaridade midiática iurdiana favorece a governamentalidade (Foucault, 2010a;2010b;2014;2015), já que a Igreja Universal e seu líder estão alinhados com o Estado nessas vertentes.

2.4. A Igreja Universal e a guerra contra o Diabo

Na cosmologia teológica da Igreja Universal do Reino de Deus, a completeza da vivência na terra assume um porte central, sendo o dinheiro concebido como algo sagrado. Segundo sua doutrina, os sujeitos inscritos nos átrios granjeiam “a neutralização do hipotético **demônio** causador de mazelas acedendo às benesses da vivência terrena, a saber, o gozo de plena saúde, a plenitude simétrica na vida conjugal e a conquista de posses materiais” (LIMA, 2010, grifo meu).

Ela não apenas cresce em número de fiéis, figurando entre as maiores denominações pentecostais no Brasil apesar de sua juventude, como tem papel importante na consolidação ampla de alguns aspectos religiosos a vicejarem desde a década de 1990 entre os setores populares da sociedade: hostilidade à idolatria católica; combate ao Demônio que, no seu entender, maldisfarçadamente se manifesta através de cultos afro-brasileiros; exigência de exclusividade no pertencimento religioso (LIMA, 2010, p. 353).

As “sessões espirituais de descarrego”, elaboradas pela Igreja Universal firmam um dos populares projetos sincréticos. Essa proposição de rito não se inclina a um culto a Deus mas de ‘sessão’ que objetiva o esconjuro de encostos ou demônios que se projetam sobre os sujeitos religiosos da Universal. O trecho estarrecedor de uma matéria de jornal abaixo, narra algumas minúcias desses ritos, sugere uma congruência entre crenças e ritos da Universal e da Umbanda (MARIANO, 2004):

Um homem todo de branco comanda o culto, cercado por pomba-giras, exus e pretos-velhos. Os auxiliares também se vestem de branco mais puro e acreditam nos poderes do sal grosso e do galho de arruda. Que religião é essa? Ihih, se vossuncê, respondeu umbanda, está errado, mizim fio. O culto – bata a cabeça – é da Igreja Universal do Reino de Deus. Saravá. A Sessão do Descarrego – esse é o nome propagado pela própria igreja – faz sucesso às terças feiras, na Catedral da Fé [...]. É o momento, pregam os pastores, de retirar os encostos dos fiéis.²⁵

Conforme Fonseca (2011), Edir Macedo elaborou uma cosmovisão caracterizada, entre outras coisas, pela assimilação e satanização de elementos do catolicismo popular e das religiões afro-brasileiras, em especial a Umbanda.

Se o povo brasileiro tivesse os olhos bem abertos contra a feitiçaria, a bruxaria e a magia, oficializadas pela Umbanda, Quimbanda, Candomblé, Kardecismo e outros nomes, que vivem destruindo as vidas e os lares, certamente seríamos um país bem mais desenvolvido (MACEDO, 1993, p.71).

Pra compreender satisfatoriamente o significado desse processo aparentemente paradoxal, importante se faz trazer a relevo que Oro et al (2003) nomeiam como o religioso ativo, a saber, que não há um ressurgimento do religioso e sim uma transformação, a qual a IURD estampa de forma notável.

O desencantamento alardeado por todas as teorias da secularização não se realiza, como se a racionalização não conseguisse dar uma resposta àquilo que a bloqueia, Um novo encantamento toma corpo e mobiliza especialmente a figura do demônio para responder aos desafios do nosso mundo: a miséria, o crescimento das desigualdades, a Aids, a exploração das crianças, as guerras que se tornam mais civis do que entre nações, etc (sic) (ORO et al, 2003, p. 14).

Deste modo, a Universal irrompe claramente com os imperativos advindos da Reforma Protestante, que extinguiu, com ressalva da Bíblia e do sacerdócio, toda espécie de intermediação por qualquer outro sujeito ou objeto, na relação entre o homem e a divindade. Isto posto propicia acletismos (não conciliáveis) com a devoção popular brasileira, operando pelo aparato proselitista que instaura zonas de contato com a cultura religiosa e seus ascéticos. Tais zonas de contato podem ser

²⁵ Dia online, 6 de agosto de 2001 (www.odia.ig.com.br/geral/ge060815.htm) *apud* Mariano (2004).

localizadas quando os bispos e pastores da Universal esborrifam galhos de arruda nos fiéis para a consecução do “descarrego”, abertura dos “caminhos fechados”, a “corrente da mesa branca”, a distribuição mediante ofertas de utensílios benzidos, supostamente providos de poderes deíficos, tais como rosas, sabonetes, água fluidificada, saquinhos de sal, entre outros (MARIANO, 2004).

A aquisição dos ditos objetos dotados de poderes pôde ser verificado em campo, na visita ao Templo de Salomão, quando obreiros e obreiras se posicionavam a porta do templo para despejar, em garrafas de água (que normalmente são levadas pelos partícipes), um fluido que representava a água do poço de Samaria²⁶. Por acaso, eu dispunha de uma garrafa de água que porto por hábito em todos os campos. Tendo passado pela revista feita pelos obreiros posicionados nos acessos, ao ver aqueles à porta do templo maior (com capacidade para dez mil pessoas) vestidos de túnicas brancas e com uma larga faixa dourada na cintura, abri a minha garrafa e perguntei o que era ao que ouvi de uma delas: “essa água representa a água do poço onde Jesus encontrou a samaritana”.

Almeida (1996) salienta que os ritos destinados ao exorcismo de ‘demônios’ são denominados “Correntes da Libertação” e ocorrem às sextas-feiras, mesmo dia da semana em que normalmente realizam-se os rituais da Umbanda e do Candomblé. “Não se trata, porém de pura coincidência. A igreja Universal dedicou propositalmente, segundo declaração dos próprios pregadores, este dia à “libertação” dos espíritos malignos que habitam os terreiros dessas religiões” (*ibid*, p.39).

Aos poucos, a pessoa vai se entregando cada vez mais aos demônios, que começam dominando o corpo e continuam até poderem dominar a mente daqueles que foram laçados. Algumas obras são recomendadas e as experiências com os demônios vão aumentando. Livros falsamente científicos e filosóficos, falsa filantropia, consultas e passes, passam a ser o “pão nosso de cada dia” que escraviza o ser humano que se envolveu com essas coisas (MACEDO, 1993, p.84).

O mal que advém dos demônios é capaz de possuir o corpo do indivíduo e assim promover uma desordem reconhecida como seres associados ao panteão dos cultos afro-brasileiros. Entidades e orixás são concebidos como malignos em tais sessões. A concepção do panteão afro-brasileiro como exteriorização do Mal contrário ao Bem “tem efeitos importantes não só do ponto de vista da cosmologia

²⁶ Essa passagem na Bíblia diz respeito ao encontro de Jesus Cristo com uma samaritana, quando ao vê-la junto a um poço em Samaria, pede um pouco de água à mesma. A mulher fica surpresa por estar falando com um judeu (porque a maioria dos judeus não gostavam dos samaritanos), ao que Jesus lhe diz: ‘Se soubesse quem lhe pediu água para beber, você lhe teria pedido água que dá vida e ele lhe teria dado.’ Essa história é narrada na íntegra no livro de João 4: 5-43.

que encerra essa concepção do Mal, mas também do ponto de vista das atividades religiosas desenvolvidas através dessa expressão neopentecostal” (BIRMAN, 1996, p. 211-212). Nesse sentido, a sentença do bispo Edir Macedo é emblemática: “Tudo o que existe de ruim neste mundo têm sua origem em satanás e seus demônios. São eles os causadores de todos os infortúnios que atingem o homem direta ou indiretamente” (MACEDO, 1993, p.190).

Nem sempre as pessoas que estão sendo usadas pelos demônios têm consciência do fato. Em nossas reuniões públicas, perante milhares de pessoas, quando oramos, muitas vezes se manifestam espíritos demoníacos nos assistentes. Costumamos pegar aqueles que se manifestam de maneira mais atrevida para fazer demonstrações, diante do povo, de quem realmente se trata aquela entidade incorporada. Existem pessoas que estão possuídas por milhares de demônios, e costumamos mandar os demônios ficarem de joelhos, de castigo, baterem cabeça, andarem de costas, olharem para a parede, etc. Após mandarmos embora os demônios, a pessoa fica num estado de espanto total. Pasma-se diante da cena que representou, pensa até que está em outro mundo. (MACEDO, 1993, p.63)

Sobre as religiões de matriz africana mais populares no Brasil, Umbanda, Quimbanda e Candomblé, assinala Edir Macedo:

Essas facções do espiritismo colocam sobre seus adeptos os mais pesados fardos e recebem as mais diversas “obrigações” para aqueles que procuram seus favores. Essas obrigações têm as mais diversas finalidades, desde matar uma pessoa, até tomar o marido de alguém. Empregos, casamentos, morte de inimigos e coisas desse tipo, são conseguidas em consultas com exus ou preto-velhos. Por exemplo, uma mulher, inspirada pela pomba-gira, se apaixona por um homem casado e faz um trabalho na Umbanda, Quimbanda ou Candomblé, para resolver o seu problema; fala com um pai-de-santo ou uma mãe-de-santo, que incorpora um guia e promete uma solução desejada pela consulente (MACEDO, 1993. p.116).

Sobrelevo a relação da mulher com as entidades demoníacas, pois, segundo Edir Macedo (2017), “o diabo usa frequentemente o poder de influência das mulheres para desvirtuar a fé do homem.”(*ibid*, 58-59). Dito isto, destaco que tanto no Templo de Salomão-SP, quanto na Catedral de Vitória-ES, o momento dedicado à expulsão das entidades demoníacas era denominado de “troca de espírito”. Segundo a obreira Isabel²⁷, da Catedral de Vitória, a troca do espírito referia-se a “trocar o espírito demoníaco pelo Espírito Santo de Deus”²⁸. Quanto a asseveração do bispo Edir Macedo de serem as mulheres o principal alvo das ações malignas, ressalto que as chamadas possessões demoníacas ocorriam em maior número entre as mulheres da Catedral de Vitória. Todavia, no Templo de Salomão, não

²⁷ Codinome escolhido para a obreira da Catedral de Vitória.

²⁸ Transcrição de áudio feito dia 13 de setembro de 2018.

havia uma distinção significativa de gênero, no que toca a esses episódios. Assim, homens e mulheres tiveram episódios de manifestações de entidades malignas.

A peculiaridade dos acontecimentos no Templo de Salomão fica por conta da faixa etária dos sujeitos possuídos, pois não havia uma homogeneidade neste quesito, assim, homens e mulheres, entre 20 anos a pessoas com mais de 60 (aparentemente), foram alvo da ‘troca de espírito’. Na Catedral de Vitória, além de ocorrer em um quantitativo maior de mulheres, as mesmas se situavam entre 25 a no máximo, 40 anos de idade (aparentemente), pois esse dado etário não pôde ser coletado junto aos homens e mulheres destes ritos.

É proveitoso retomar a noção de “racismo de Estado” proposto por Foucault (2010) como um poder que para gera vida, por meio da higienização da sociedade, operada pela eliminação dos sujeitos considerados inferiores, tendo por gênese a racionalidade biologizante da vida dos mesmos. A partir disto, tenciono um deslocamento do racismo de Estado para um “racismo religioso”, já que as religiões de matriz afro, por sua origem geográfica, histórica e racial, são consideradas como “inferiores” e passíveis de higienização, haja vista os diversos levantes dos pentecostais contra terreiros em diversos locais no território brasileiro.

2.5 A Universal e a Política

A atuação religiosa e a sua associação com a política tem sido alvo de estudos na Ciência Política, Antropologia, Sociologia e Teologia. Segundo Asad (2010), desde o século XX os antropólogos concebem a religião como “um espaço distintivo da prática e da crença humanas que não pode ser reduzida a nenhum outro” (ASAD, 2010, p. 384).

Em muito do pensamento evolucionário do século XIX a religião era considerada uma condição humana primeira a partir da qual o direito, a ciência e a política modernos emergiram e se separaram. Neste século, a maioria dos antropólogos abandonou as ideias evolucionárias Vitorianas, e muitos desafiaram a noção racionalista de que a religião é simplesmente uma forma primitiva e, portanto, ultrapassada das instituições que hoje nós encontramos em sua forma verdadeira na vida moderna (direito, política, ciência) (...) Disso parece seguir que a essência da religião não deve ser confundida com, digamos, a essência da política – embora em muitas sociedades as duas possam se sobrepor e se entrelaçar (ASAD, 2010, p.384, grifo meu).

2.5.1. A instauração da religião e a família como sujeitos civis pelas constituições brasileiras

Proponho, oportunamente, uma diegese sobre o posicionamento da Religião e da Família como alvos da legislação brasileira no que toca à institucionalização desses como sujeitos civis. Levo em consideração os critérios de atuação que foram alvos do Código Penal do ano de 1890, as balizas de institucionalidade desses por meio das constituições de 1891, 1934 e, finalmente, a Constituição Federal de 1988. Essa narrativa histórica se faz propícia para pensar a atuação civil, principalmente da religião, junto ao Estado, que se promulga como laico desde a Constituição de 1891. A participação das igrejas na esfera pública sempre foi alvo de vários estudos do fenômeno religioso, como Giumbelli (2008), Mariano (2011), Asad (2010), Montero (2006), Montero et al (2018), Dullo (2012), dentre outros.

A institucionalidade da religião e da família em um país que se declara laico, como é o caso do Brasil, é assim pontuado por Giumbelli:

No Brasil, em se tratando de laicidade, nos deparamos com a aurora republicana como marco. É quando se adota de modo assumido o princípio da separação entre Estados e igrejas. Em termos mais concretos: rompe-se com o arranjo que oficializava e mantinha a Igreja Católica; o ensino é declarado leigo, os registros civis deixam de ser eclesiásticos, o casamento torna-se civil, os cemitérios são secularizados; ao mesmo tempo, incorporam-se os princípios da liberdade religiosa e da igualdade dos grupos confessionais, o que daria legitimidade ao pluralismo espiritual. (GIUMBELLI, 2008, p.81-82, grifo meu).

A Constituição de 1934 legitimou civilmente o casamento, deslocando-o de um mote que era exclusivamente religioso, para o âmbito público e civil. No âmbito da religião, foi engendrado o posicionamento da igreja como uma instituição que atua pelo viés da colaboração junto ao Estado, salientando que, especificamente, a denominação que emerge na Constituição de 1934 como parceira do Estado é a Igreja Católica (GIUMBELLI, 2008). Diante de tais elucubrações, é admissível observar que a institucionalização civil da família e da religião é atravessada por um poderoso engajamento político. Ao longo do século XX, até meados da década de 1980, a Igreja Católica tem sua área de atuação junto ao Estado voltada para a assistência social, fato que favoreceu o fortalecimento de sua atuação religiosa e política naquele século.

É factível também considerar o viés político que atravessa a família, já que o imperativo sufragista que emerge no decurso das Constituições faz com que

os sujeitos inscritos na família passem a ser mais que sujeitos civis, pois possivelmente perfilariam como sujeitos religiosos-políticos, levando em conta que esta decorre das escolhas dos mesmos. Não obstante, o caráter de sujeito político que tenciono é atravessado pela pedagogia de voto, empreendida pelos atores políticos diversos que empreendem pleito de governança pelos seus representantes na esfera legislativa e, para tanto, já elaboram dispositivos que contemplem tal anelo.

Norteados pela publicização do sujeito que a institucionalização da família propõe, faz-se oportuno contemplar quais dispositivos e tecnologias passaram a agir isolada ou de forma híbrida sobre os sujeitos inscritos na família com o intuito de modelagem dos mesmos. É proveitoso salientar que, segundo Foucault (1999), o governo do Estado se remete ao governo das famílias. Conforme Montero *et al* (2018), as tecnologias de publicização do sujeito operam por uma construção moral de si, que se desenvolve ao mesmo tempo no público e no privado. Essas tecnologias se laçam sobre o sujeito como aquele que promove o relato de si e que são utilizadas para produção e representação de sua causa na cena pública (BUTLER, 2015).

Butler (2015) propõe uma importante asserção no que toca a relação entre os sujeitos e as comunidades religiosas: “essas instituições podem se traduzir em verdadeiras tecnologias produtoras de sujeitos²⁹, na medida em que conduzem os sujeitos a práticas e à reelaboração de conceitos próprios, que resultam em uma ‘nova retórica de si’”. Monteiro *et al* (2018) depreendem tal proposição de Butler sobre a retórica de si pelos sujeitos publicizados :

Darem, enfim, sentido à vida e ao seu entorno a partir da educação de uma nova regra de enunciação de si a ser exercida em dois âmbitos que se sobrepõem na experiência: o íntimo e o público. Isto é, não basta simplesmente se descobrir ser. É necessário experimentar essa existência sendo reconhecido publicamente (ibid, p.48).

É oportuno promover uma explanação da publicização da religião nas esferas de poder, bem como a relação que se estabelece no que tange à laicidade, sendo essa última, fruto da Constituição de 1891, que separa o Estado da Igreja.

²⁹ Tenciono, enquanto comunidade religiosa, a Igreja Universal como tecnologia produtora de sujeitos (como consta no título desta pesquisa), a partir da “arte de governar a si mesmo”, proposta por Foucault (1985) que se enleia ao governo por individualização e às práticas de si e a manifestação do que é mais íntimo do sujeito.

2.5.2. A presença do religioso na arena pública e a laicidade

Proponho, oportunamente, uma narrativa que envolva a secularização e a publicização da religião nas esferas do poder público frente à laicidade, sendo esta última, reiterada como um princípio constitucional deliberado na Constituição de 1988. Com isso, trago à baila questões importantes para se pensar os desdobramentos que esse engajamento político da religião promove na vida dos sujeitos, precipuamente no Brasil, onde percebemos uma disposição de um pluralismo político partidário, com pautas diversas. Em boa medida, essas atuações macropolíticas se confluem em torno de interesses que envolvem a constituição familiar e as transitabilidades de gênero e sexualidades, se convertendo em verdadeiras pedagogias de gênero (Teixeira, 2014), por meio da atuação política e religiosa na contemporaneidade.

Início tal explanação com a afirmação de Asad (2010): “Inúmeras vezes antes da Reforma, a fronteira entre o religioso e o secular foi redesenhada; mas a autoridade formal da Igreja permaneceu sempre preeminente” (*ibid*, p.269). Asad (2003) tenciona que na relação Estado e religião são operados uma soma de tecnologias que resultam em “sensibilidades, estéticas e moralidades distintas” (*ibid*, p.14). Para Giumbelli (2008) “o que estão em jogo são dispositivos que configuram a relação entre Estado e religião dentro das exigências da laicidade³⁰” (*ibid*, 2008, p.82)

Assim, de acordo com Dullo (2012), a secularização se apresenta em vértices distintos:

a secularização³¹ propriamente dita passou a ser descrita não apenas como um processo, mas também como um projeto sociopolítico inacabado; o secularismo, por outro lado, é a doutrina política que sustenta o mundo secular e que se opõe à religião, sendo descrita por uns como uma ideologia e, por outros, como uma visão de mundo (*ibid*, p.383).

Diante do exposto, trago o contexto em que se deu a instauração da laicidade. Conforme Giumbelli (2008), em 1891 decretou-se a lei de separação entre o Estado e a Religião Católica, reconhecendo as distintas religiões como sujeitos civis. Trevisan (2013) explana que:

³⁰ O conceito sobre a laicização, conforme Dullo: “laicização” seria o caminho mais comum nos países católicos da Cristandade Latina, em que o antagonismo laico/clerical é mais rígido e a oposição entre religioso/civil se fez mais forte junto ao anticlericalismo, empurrando a religião para as margens da sociedade e rumo a uma maior privatização — tendo o caso francês e sua *laïcité* como paradigmático (Rethinking 2011:57 apud Dullo, 2012, p.383).

³¹ Conceito teológico “original”, de transformação do binarismo, ao insuflar o religioso no mundo, isto é, “traz do monastério para o mundo secular a vida religiosa de perfeição” (Rethinking 2011:56 apud Dullo, 2012, p.383).

A proclamação da República em 15 de novembro de 1889 e a consequente nova Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, promulgada em 24 de fevereiro de 1891, separou juridicamente o Estado da Igreja Católica, vedando aos Estados e à União, o estabelecimento, subvencionamento ou embaraço do exercício de cultos religiosos (cfe. Art. 11 §2o) (ibid, p.2)

A promulgação da separação dessas esferas obteve aprovação da Igreja Católica, que já se apresentava como a religião detentora de maior número de adeptos, na ocasião da lei. A partir da Constituição de 1934, a Igreja Católica emerge como colaboradora do Estado, através da atuação na assistência social, como enunciado na seção anterior.

Giumbelli (2008) assinala que, para uma boa apreciação do contexto em que se deu o ingresso religioso na esfera pública, deve-se ter acuidade no que se refere à conjuntura em que os atores se circunscrevem na sociedade, pois a concepção da publicização religiosa envolve, permanentemente, o liame constitucional e a atuação do Estado. “Estamos, assim, ainda às voltas com o argumento da secularização e suas expectativas para a relação entre religião e espaço público” (ibid, p. 97). Montero (2019) corrobora com Giumbelli ao afirmar que o enleio que se dispõe no contexto da publicização religiosa e os papéis do Estado e da Religião, envolve diversos agentes, de inúmeras áreas de atuação e que, ocasionalmente, por conveniência, se apresentam sobrepostos. Estas esferas estão em constante pugna sobre pautas, através de discursos diversos.

O entendimento do “público” como emanção do “oficial” ou da “palavra estatal” não é mais capaz de descrever a complexidade desses processos de articulação e de invenção dos agentes e da correlativa expansão de uma “esfera pública” que vai ganhando densidade crescente como espaço de fundamentação e justificação das escolhas (MONTERO, 2019, p.140)

Dito isto, a produção de discursos diversos não pode ser lida por um viés essencialista, já que se apresenta como dinâmicas propostas em sentidos diversos e obductos. Assim, deve-se assimilar a “religião pública” como fruto das dinâmicas apresentados pelos atores nela inscritos, na busca da visibilidade pública:

Quando observamos, por exemplo, o leque das práticas de inúmeros atores que se apresentam na arena pública em nome da religião, vemos que, para além dos cultos, elas estão imbricadas com agentes governamentais, políticos, intelectuais, personagens mediáticos e profissionais de toda sorte, tais como médicos, advogados, psicólogos, etc (MONTERO, 2019, p.145).

Montero complementa observando que diferentes agentes atuam na arena pública em nome da religião. Desse modo, “a publicização da religião se deu através do “domínio de tecnologias de mobilização e engajamento de diferentes públicos e, por outro, o desenvolvimento de pedagogias de si de modo a

desenvolver competências para a participação nos confrontos públicos” (MONTERO et al, 2018, p.134). Após a década de 1980, as distintas instituições religiosas se propuseram a lograr mais espaço na esfera pública, visando contemplar o pluralismo e o direito à diversidade religiosa, enveredando nas esferas governamentais. Deste modo, a laicidade foi erigida sobre o propósito da inserção das religiões no âmbito da privatização, propiciando que os sujeitos, por iniciativa própria, ingressassem na esfera religiosa. Segundo a autora: “as mais diversas agências religiosas, entre outros agentes sociais, têm apresentado inédito ativismo nas arenas públicas, provocando os tribunais, manifestando-se nas ruas e ocupando diversos espaços nas agências governamentais” (MONTERO, 2016, p.128).

Giumbelli (2008) salienta que o abrupto crescimento numérico dos evangélicos é menos avultante, se cotejado ao impacto que o ingresso dos mesmos provoca na sociedade brasileira. Tal fato se dá na medida em que essa categoria religiosa engendra, cada vez mais, se inserir nas esferas políticas colaborando com candidaturas de seus representantes junto ao parlamento. Para isso, movimentam inúmeras denominações evangélicas para a consecução de tal pleito, como no caso da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), que opera pela intervenção política que contemple distintas pautas denominacionais.

De igual modo, os evangélicos têm usado suas identidades religiosas como artifício no que toca à esfera eleitoral, para lograr êxito junto à esfera do poder político central. Acerca do engajamento eleitoral que tenciono como ‘pedagogia do voto’, proponho a observância da indagação de Oro *et al* (2003, p.34) em torno do eleitorado cristão: “Onde posicionar aqueles que seguem de forma disciplinada as instruções eleitorais de pastores? Como explicar um percentual de sucesso de 95% nessa mobilização do eleitorado?”

Mariano (2011) ratifica a asserção de Giumbelli ao sinalar que os pentecostais relegaram o fato de que, a princípio, não deveriam se envolver com a política, e estão se posicionando como ativistas dispostos à pugna contra as singularidades diversas inscritas em nossa sociedade tão pluralista. Instauram com isso, desde a Constituição Federal de 1988, o combate a declarados opositores como, por exemplo, contra a Igreja Católica, os homossexuais, as feministas e os sujeitos adeptos de religiões de matriz africana. Assim, se pretendem intervir em pautas morais, precipuamente sobre a instauração da família heterossexual como única forma legítima de arranjo familiar, o combate ao uso de drogas, a liberdade religiosa, entre outros.

A desprivatização desse movimento religioso, no entanto, não contou tão somente com a disposição de líderes pentecostais para ampliar sua participação política e seu poder político. Contou também com o empenho de candidatos, partidos e governantes para enredá-los no jogo político-partidário. Tamanho empoderamento político desse grupo religioso só foi possível graças ao fato de que os principais partidos laicos do país, seus candidatos a cargos legislativos e executivos e seus governantes têm procurado, a cada pleito, estabelecer alianças com e cooptar o apoio eleitoral dos evangélicos, na tentativa de transformar seus rebanhos religiosos em rebanhos eleitorais. A cultura política nacional e, em especial, os dirigentes partidários, políticos e governamentais têm contribuído, de forma decisiva, para reforçar a instrumentalização mútua entre religião e política e para legitimar e estimular o ativismo político-partidário de grupos religiosos e a ocupação religiosa da esfera pública (MARIANO, 2011, p.251, grifos meus).

Mariano (2011) postula ainda que, em uma conjuntura sociocultural, que contempla um delineamento pluralista, grupos tributários do Estado laico têm impulsionado diversos embates em prol dos direitos humanos, direito de transitabilidades na sexualidade, bem como os direitos reprodutivos. Para tanto, acionam assiduamente a laicidade no combate às intervenções religiosas em diversas esferas, a saber: “na educação, na saúde, no corpo, nas pesquisas científicas, nas políticas públicas, no ordenamento jurídico-político e nos órgãos estatais” (MARIANO, 2011, p.252).

De outro lado, em contraste, católicos e evangélicos têm ampliado seu ativismo religioso, político e midiático para ampliar a ocupação religiosa do espaço público, influenciar a esfera pública e estatal, promover sua moralidade cristã tradicional e tentar estendê-la ao conjunto da sociedade por meio de lobby e da participação política-partidária (MARIANO, 2011, p.252).

Cumprido sinalar que, quanto ao engajamento que opera pelo ativismo político partidário evangélico, tal fato não se propõe suficientemente para um enquadramento generalista de todas as denominações inscritas na categoria “evangélicos”. Pontuo sobre a atuação de “evangélicos” na cena pública que se posicionam a favor das pugnas morais, sobre um cariz familista e heterossexual, bem como contra o feminismo e o movimento LGBTQI, sem, contudo, sugerir a generalização das inúmeras denominações “evangélicas”.

Assim, não se pode tencionar que todas as denominações evangélicas, ou sujeitos religiosos nelas inscritas, se propõem tanto a publicização de si, bem como a generalização de que todas são conservadoras. Segundo Almeida (2019, p.186): “nem todos os conservadores são evangélicos, nem todos os evangélicos são conservadores”. Acerca da acuidade que se deve tomar com a generalização com a “categoria “evangélicos”, Almeida (2017) também admite: “Devido a alguns estigmas adquiridos pela categoria nos últimos anos, muitos protestantes históricos

e pentecostais têm preferido identificar-se pelo nome específico de sua denominação e pelo termo genérico “cristão” (*ibid*, p.6).

2.5.3. A emergência de um neoconservadorismo

A irrupção do neoconservadorismo que proponho, emerge nos últimos anos no país, ocorrendo após a expansão de direitos e de reconhecimento social de grupos ditos minoritários – mulheres, LGBTQTS, negros e indígenas. Parte do avanço das pautas políticas desses grupos têm provocado grande incômodo em lideranças religiosas, como a liberdade sexual, o casamento civil gay, as cirurgias para transgeneridade pelo SUS, o direito ao aborto em alguns casos, assim como a popularização de religiões de matriz africana.

Diante de tal onda de expansão em direitos e liberdades, lideranças de igrejas evangélicas mais conservadoras têm se aliado a lideranças políticas conservadoras, que se utilizam da crise de corrupção do governo petista para se alçarem na opinião pública como restauradoras da ética e da moral. Essa nova direita encontra nas redes sociais o ‘terreno’ e a tecnologia férteis para disseminar suas mensagens polarizadoras, de confronto e rejeição à anterior onda de expansões democráticas.

Almeida (2013) pontua que a moralidade se apresenta como alvo de disputa pública por parte das religiões cristãs. Todavia, a Igreja Católica preserva sua postura ortodoxa nesse domínio, priorizando como atuação o amparo sacerdotal aos sujeitos religiosos no lugar de propor alterações dogmáticas mais significativas. No entanto, permanece com a fixidez dogmática no que se refere às sexualidades alternativas, como por exemplo, lésbicas e homossexuais, bem como a prática do aborto, o casamento com pessoas do mesmo sexo binário e, por fim, a adoção de crianças por casais homoafetivos.

Rolnik (2018) apreende o neoconservadorismo hodierno como um surto conservador neoliberal, que encontra ressonância na moralidade inscrita nas igrejas evangélicas de ideologia familista. Tal fato confere uma identidade religiosa heteronômica, que desconsidera o trânsito na sexualidade e atua em constante enfrentamento com as minorias consideradas divergentes, como a população LGBTQI, a população negra e as mulheres, assim como as religiões de matriz africana.

Destarte, é possível a apreciação do que Miskolci e Campana (2017) nomeiam como ‘campo discursivo de ação’ das igrejas neopentecostais, que se

entrelaçam com os encargos político-culturais e que são compartilhados para além das esferas eclesiásticas, sendo apreendidas por uma verdadeira cruzada moral que perpassa a política e a religião. Acerca da moralidade, Becker (2008) cunhou o conceito de empreendedorismo moral, no qual homossexuais, divorciadas, negros e outros, são tidos por desviantes, já que escapam aos padrões criados por um grupo de empreendedores morais, que se configuram como os 'criadores de regras'. Tais empreendedores produzem uma verdadeira cruzada moral a partir do juízo de valor que têm acerca de si mesmos, a partir de uma aceitação coletiva e dogmática no que se refere ao 'sagrado' e 'profano', desconsiderando a alteridade.

Pierucci e Prandi (1996) renunciaram o enquadramento neoconservador que se instaura nos tempos hodiernos, expondo a implicação da religião com a política e seus efeitos nocivos sobre a democracia:

Ao longo dos últimos séculos, princípios morais e éticos derivados da tradição judeu-cristã serviram recorrentemente como fonte nuclear de ativação dos valores de igualdade, justiça e liberdade, centrais à concepção democrática da sociedade política (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p.242).

Os símbolos são bíblicos e patriarcais: a família o sexo, a mulher em seu lugar, o corpo da mulher, o estupro, o feto. O sentido geral da ação política que eles propõem, portanto, é conservadora-tradicionista-restauracionista dos valores morais sexuais convencionais. A preocupação de fundo é com o sexo, com a moral sexual (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p.178)

Desse modo, proponho a observância de que o neoconservadorismo espreado no Brasil contemporâneo encontra eco nos poderes públicos vigentes, que se assentam sobre um discurso moralista e intervêm por meio de associações civis e agremiações partidárias. Engendram uma voraz "higienização" da sociedade, suprimindo direitos e liberdades dos indivíduos concebidos como os que escapam às normas alicerçadas pelos preceitos ascéticos. Tal neoconservadorismo se lança em métricas de classes, etnias, sexualidades, arte e outras formas de ser e se expressar.

Pitanguy (2019) assinala que, em defesa dos preceitos religiosos que se assentam sobre uma suposta supremacia moral, os parlamentares de cariz fundamentalista e extremista inauguram uma imperativa perspectiva monolítica das relações sociais, culturais e sexuais, resultando em um desrespeito da diversidade social.

Esses parlamentares parecem estar perdendo o sentido de nacionalidade, ou pertencimento a um país caracterizado por grande diversidade de raça e etnia, classe social, credos religiosos, espiritualidades, valores culturais e identidades. Parecem colocar em segundo plano a defesa do caráter laico do Estado brasileiro, único garantidor da livre expressão dessa diversidade e da liberdade religiosa (PITANGUY, 2019, p.94).

Para ampliar sua influência na macropolítica, os pentecostais se propuseram à tarefa de combater, no Congresso Nacional, a descriminalização do aborto e do consumo de drogas, a união civil de homossexuais e as liberdades sexuais. Também se lançam a defender a moral cristã, a família, os bons costumes, a liberdade religiosa e de culto e de demandar concessões de emissoras de rádio e tevê, assim como recursos públicos para suas organizações religiosas e assistenciais (PIERUCCI, 1989; FRESTON, 1993). Rolnik (2018) corrobora tal percepção, ao postular que os parlamentares evangélicos depreendem atuações delineadas de moralismo, heteronomatidade patriarcal e ênfase na família, com a alegação de ser a vontade de Deus.

Nascimento (2019), por sua vez, propõe que o neoconservadorismo hodierno oferta pano de fundo para um ativismo político-partidário de compleição familista e anti-petista, que se volta à pugna contra as sexualidades desviantes (Becker, 2008) e aberrantes (FOUCAULT, 2015). Deste modo, engendram a supressão dos movimentos feministas e LGBTQIs, sendo este último, supostamente fomentado pelo “Kit gay” nas escolas. Conforme Nascimento (2019):

O ativismo de líderes conservadores evangélicos na última década reacendeu o antigo discurso de que a tradicional família brasileira estava ameaçada pelo “comunismo” e pelo “socialismo”. Nas eleições de 2018, as redes sociais divulgaram amplamente que a esquerda, representada pelo PT, iria perseguir os cristãos, inflar as teses e ações do movimento LGBT e distribuir um “kit gay” nas escolas para incentivar as crianças a mudar de orientação sexual. Os pais, impedidos de educar os filhos, assistiriam indefesos à destruição das famílias brasileiras. Esse discurso, turbinado por notícias falsas em grupos do WhatsApp, fortaleceu essa tese – aterrorizante, desnecessário dizer, para grupos religiosos, sobretudo os evangélicos. (ibid, p.15)

Diante deste contexto, tenciono a eclosão do neoconservadorismo que emerge pelo conservadorismo político (no âmbito moral) e religioso neoliberal (no âmbito econômico). O que se dispõe à baila nesse enleio, conforme Dip (2018):

O ano é 2017. Assistimos uma onda reacionária se erguer no mundo. Já sabemos que já ameaça direitos, pensamento crítico e pluralidade de ideias. Discursos de ódio deixaram de ser proferidos à boca pequena e ganham cada vez mais vozes, cada vez mais força. Déspotas conquistam cada vez mais espaço na política, e os projetos que tolhem direitos avançam (ibid, p.18, grifo meu).

A direita, orgulhosa, religiosa e conservadora homenageia torturadores em carros de som nas grandes avenidas. Bruxas – na figura de grandes bonecos portando chapéus e vassouras, com o rosto de filantropos e filósofas – são literalmente queimadas e pede-se que “meninas sejam meninas e meninos sejam meninos”, numa tentativa de achatar qualquer discussão mais complexa sobre questões de gênero. Proibir o debate nesse sentido nas escolas, inclusive, tornou-se uma das maiores bandeiras da bancada evangélica, com parlamentares realizando verdadeiras Cruzadas pelo país (ibid, p.19).

Conforme Dip (2018), os parlamentares do PRB (atual Republicano), partido ligado a IURD, junto aos parlamentares ligados à Igreja Assembleia de Deus, possuem maior representatividade na FPE, salientando que 18 parlamentares ligados ao partido iurdiano integram à FPE, 12 destes, pertencentes à IURD. Conquanto o Partido Social Cristão (PSC), mais próximo à Assembleia de Deus, possui nove parlamentares na FPE. No entanto, 30 parlamentares da bancada se declaram devotos da Assembleia de Deus.

Cumprir dizer quanto ao PRB que, segundo Marcos Pereira, presidente nacional do partido e deputado federal pela sigla, em declaração ao site do partido reiterou que o PRB foi criado em 2005, como resultado de um movimento de líderes políticos insatisfeitos com seus antigos partidos:

Ao assumir a presidência nacional do PRB em 2011, iniciei um processo de transformação do pensamento e do comportamento partidário que culminou agora, oito anos depois, na mudança de nome de PRB para Republicanos e o lançamento de um novo programa que externou essa essência que sempre existiu nas mentes e corações dos republicanos³².

Dip (2018) salienta que o PRB, apesar de recente, já logrou eleição de 21 deputados federais, 31 deputados estaduais, 1 deputado distrital, 106 prefeitos e 1604 vereadores nos últimos pleitos. “Em julho de 2017, contava com 383.915 afiliados. Na mesma época, o PSC, fundado em 1985, tinha 418.023 afiliados” (*ibid*, p.32).

Quem vence essa história é o PRB, que não se apresenta como partido religioso, mas é um partido da Igreja Universal. O líder é bispo da Universal; Há uma liderança no partido que surge a partir do convite a membros da Igreja, tem uma estratégia que forma base dentro das Igrejas (sic) (CHRISTINA VITAL apud DIP, 2018, p. 32).

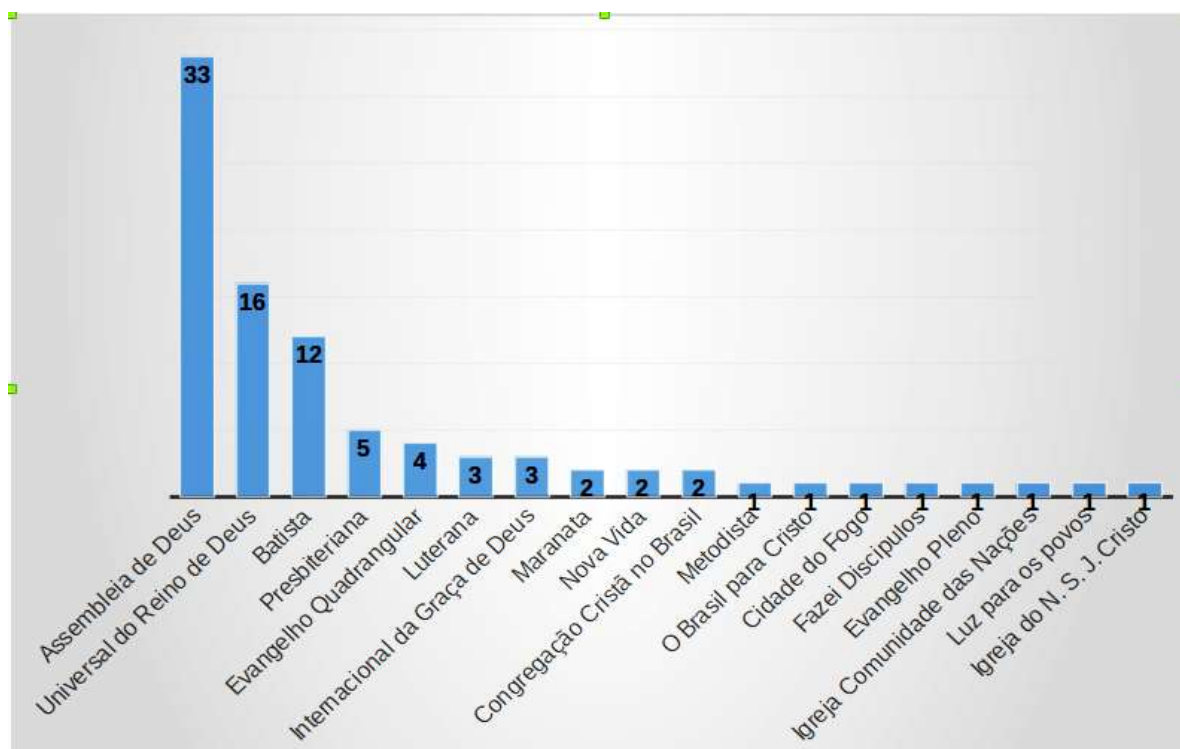
Traz-se em relevo que a bancada evangélica ganhou projeção protagônica junto ao Congresso Nacional nas eleições de outubro de 2018, pois, com a eleição de Jair Bolsonaro à presidência, a expectativa dos parlamentares evangélicos circunda sobre a conquista de maior influência junto ao Parlamento. A representação já conta com 84 parlamentares ativos, mas reconhece cerca de 90 deputados e senadores associados a igrejas evangélicas nas últimas eleições.³³

³² Marcos Pereira. Disponível em https://www.prb10.org.br/noticias/palavra-do-presidente/prb-republicanos-por-que-conservador/?gclid=Cj0KCQjwi43oBRDBARIsAExSRQFqetyvCiHehDAvpb8tq_pXHj_bqr0ATHEJQhcJGUCxb_7QmBMgbLEaAhfIEALw_wcB. Acesso em 14 de junho de 2019

³³ Reportagem de Luisa Marini e Ana Luiza de Carvalho sob o título Renovada, bancada evangélica chega com mais força no Congresso. Disponível em <<https://congressoemfoco.uol.com.br/legislativo/renovada-bancada-evangelica-chega-com-mais-forca-no-proximo-congresso/>>. Acesso em 14 de julho de 2019.

A igreja que mais elegeu parlamentares foi a Assembleia de Deus (33), da qual fazem parte João Campos (PRB-GO), Lauriete (PR-ES) e Felipe Francischini (SD-PR), filho do deputado Delegado Francischini (PSL-PR), coordenador da campanha de Bolsonaro e eleito este ano para uma vaga na Assembleia do Paraná. Em segundo lugar, aparece a Igreja Universal do Reino de Deus, que elegeu 18 nomes, entre eles o deputado Julio Cesar (PRB-DF). A Igreja Batista, de Joice Hasselmann (PSL-SP), Lincoln Portela, Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) e Flávio Bolsonaro (PSL-RJ) – os dois últimos, filhos do presidenciável – emplacou 12 parlamentares. Oficialmente, a frente conta com a assinatura de 199 deputados e 4 senadores, mas nem todos são evangélicos. Para serem formadas, as frentes parlamentares precisam da assinatura de, pelo menos, um terço dos membros do Congresso. Dessa forma, integram a frente praticantes de outra religiões, como a Católica³⁴.

Gráfico 1: Número de parlamentares integrantes da Bancada Evangélica eleitos em 2018, por denominação



Fonte: Site da Câmara dos Deputados³⁵. Dados adaptados pela autora.

Edir Macedo explicitou claramente seu empenho de inserção da IURD e seus devotos em seu livro intitulado *Plano de poder: Deus, os cristãos e a política*, por meio do qual empenna o encorajamento dos fiéis à inserção no cenário político como premissa para a consecução do propósito divino na instauração de uma nação

³⁴ <<https://congressoemfoco.uol.com.br/legislativo/renovada-bancada-evangelica-chega-com-mais-forca-no-proximo-congresso/>>. Acesso em 14 de julho de 2019.

³⁵ Disponível em https://www.camara.leg.br/internet/deputado/resultado_eleicao.pdf> . Acesso em 22 de maio de 2019.

ideal. Para tanto, se lança sobre a prédica de que os eleitores evangélicos detêm o poder de decisão sobre o voto em todas as esferas do poder. Destarte 'o projeto de nação idealizada por Deus' só se concretiza a partir da consciência da necessidade sufragista do seu rebanho. "Quando o tema é política, é importante entender que estamos tratando de um plano de poder, o que requer certa arte e habilidade. Envolve uma disputa, e, como toda disputa, exige estratégias eficazes para garantir a vitória" (MACEDO, 2008, p.29).

O projeto político da IURD já se encontrava delineado e sendo desenvolvido com bastante empenho, embora os trabalhos consultados que tratam dessa fase de sua expansão não discutem essa pretensão dos dirigentes iurdianos incisivamente na esfera de poder político no Brasil. (...) apenas em 2008, com a publicação do Bispo Edir Macedo intitulada: "Plano de poder: Deus, os cristãos e a política", foi possível perceber concretamente o real posicionamento da liderança iurdiana sobre o exercício do poder, assim como as suas pretensões em escala nacional, tendo por base a potencialidade eleitoral dos evangélicos no Brasil (RODRIGUES, 2015, p.97-98).

Diante disto, ponho em movimento a observação de uma nova controvérsia, digo nova, a partir do posicionamento favorável de Edir Macedo quanto ao aborto (em oposição à declaração de qualquer outro líder ascético contemporâneo). Seu projeto trata-se de impingir sua horda de sujeitos religiosos ao envolvimento político e agora a proposição sobre a defesa do "uso da força" por parte do aparato estatal. Como consequência de seu dogmatismo, a vasectomia emerge como uma prática biopolítica (FOUCAULT, 2010; 2015) motivo pelo qual a IURD foi alvo de atenção da mídia, como supracitado na introdução deste trabalho.

Por falta de coerção do Estado, que é constituído exatamente das punições legítimas aplicadas pelas autoridades competentes aos transgressores da lei e da ordem pública. Também **é de direito do Estado o uso da força**, se for necessário. (...) Tente imaginar como seria viver em um mundo sem governo, sem polícia e leis punitivas...deve ser uma situação bem complicada. Houve esse tempo, em que todas as formas de barbarismo ocorriam, roubos, assassinatos, estupros e outras atrocidades, e o pior é que tudo ficava impune (MACEDO, 2008, p. 36-37, grifo meu).

Hoje, entretanto, temos uma super população, e o grave problema de não haver produção de alimentos suficientes para as necessidades humanas, especialmente nos países subdesenvolvidos, onde a fome é uma constante. Em vez de promoverem, especialmente entre as famílias de baixa renda, o **planejamento familiar**, promovem a procriação (MACEDO, 2011, p.16, grifo meu).

Para ser pastor na Universal, é preciso negar a si mesmo, tomar a sua "cruz", despojar-se de tudo, abandonar tudo, trabalho e, no caso dos solteiros, família. Pastores casados, sem filhos e aqueles prestes a se casar são incentivados a fazer **vasectomia** para poderem se dedicar exclusivamente à obra divina (MARIANO, 2014, p. 61-61, grifo meu).

Isto posto, proponho uma observação quanto às noções de biopoder e o racismo de Estado versados por Foucault (2010; 2015). O biopoder se remete à gestão da sexualidade, que tem como fulcro a natalidade, a morbidade, a esperança de vida, a fecundidade e o estado de saúde da população. O racismo de Estado é legitimado discursivamente ao propor uso da violência e da punição por parte do aparato repressor estatal. Aqui, merece relevo o conceito do alterocídio (Mbembe, 2014), que perfaz a noção do indivíduo conceber o “outro” como uma ameaça pela dissemelhança que perfaz, de modo que é necessário dele se precisa proteger, desfazer ou destruir. Outra controvérsia posta em tela diz respeito à laicidade. Sobre essa temática, dispõe o líder iurdiano:

É totalmente desaconselhável ao político, mais em especial ao gestor público, que sua ótica gestora seja teocrática como se tem observado ao longo da história política nacional. A sociedade é composta por pluralidade, e cabe ao servidor público ser sóbrio e equilibrado a fim de que sejam evitadas possíveis discriminações, até porque o Estado Brasileiro é laico (MACEDO, 2008, p.57).

Contrapõe-se, entretanto, à laicidade defendida pelo líder da IURD, com o artigo 37 da Lei Eleitoral, que trata da proibição de veiculação de propaganda eleitoral (Redação dada pela Lei nº 13.165, de 2015):

Bens de uso comum, para fins eleitorais, são os assim definidos pela Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil e também aqueles a que a população em geral tem acesso, tais como cinemas, clubes, lojas, centros comerciais, templos, ginásios, estádios, ainda que de propriedade privada. (Incluído pela Lei nº 12.034, de 2009, grifo meu).

Durante os mapeamentos de campo na Catedral da IURD em Vitória-ES havia em todos os cultos que antecederam às eleições de outubro de 2018, tanto no rito da Terapia do amor quanto no Culto da Família, um momento nomeado “Essa cadeira é nossa!”. Dedicada à incitação dos membros a votarem em candidatos, de todas as esferas de governo executivo e legislativo, que fossem evangélicos, especialmente àqueles ligados à denominação.

Você acha importante essa oração que nós fizemos agora? - E a igreja em coro responde: sim. E o pastor continua - se passar essa eleição agora e nós não decidirmos através do voto, nem isso poderemos fazer! E coloca um vídeo em que Leandro Karnal³⁶ diz sobre “o que está sendo discutido no Rio de Janeiro”³⁷ “é que o satanismo também é religião e que quando um

³⁶ Vídeo exibido no culto está disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=gLg_fgVr5cl> . Acesso em 10 de dezembro de 2018.

³⁷ Diz respeito a um Projeto de lei cujo texto foi apresentado pelo então deputado Fábio Silva do PMDB, integrante da bancada evangélica em agosto de 2015, que visava vedar a “ridicularização” de crenças a qualquer religião em manifestações culturais, sociais e de gênero, prevendo multas de até R\$270.000,00 (duzentos e setenta mil reais), no estado do Rio de Janeiro. Foi submetido à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) e só contou com apoio dos parlamentares da bancada evangélica, tendo recebido parecer contrário de todas as comissões da Alerj. Reportagem

pastor mandar sair um demônio de alguém pode ser multado, já que ele está afrontando a fé do satanista que também é uma religião. Quem quiser atacar um demônio, chicotear um demônio tem que ser multado, porque está insultando a fé em satanás.” “Então existem situações em que a gente tem que avaliar bem o que vamos fazer. No que tange à eleição nós temos que ter esse critério” - E pergunta: para Deputado Estadual, você já sabe em quem vai votar? - A igreja: Devanir Ferreira. E o pastor pergunta - então essa cadeira tem que ser o quê? A igreja em coro: nossa! (PASTOR DAVI)³⁸.

Diante disso, Rodrigues (2015) pontua que a doutrina formada pelo bispo primaz Edir Macedo Bezerra promoveu o crescimento em número de seu rebanho, convertendo os membros da Igreja em eleitorado fiel. A partir de então, não se cansa de flertar com e ocupar os espaços políticos e institucionais. Tal êxito se deu graças à eficácia simbólica das representações e práticas culturais da IURD (RODRIGUES, 2015). “É no contato direto com a população que a mensagem é incorporada e, desta forma, pode legitimar um engajamento político que beneficie o seu crescimento” (ALMEIDA, 2006, p. 46).

Proponho a observância do uso das tecnologias de poder, como o poder pastoral (Foucault, 2008a; 1990), como um meio pelo qual o discurso neoconservador que não só rejeita, mas persegue as sexualidades alternativas logram êxito na governamentalidade (Foucault, 2010a, 2010b) dos sujeitos inscritos nos templos. Esse processo de dominação se desenvolve também pelo poder pastoral, pela “pedagogia do voto”, deslocando tais sujeitos religiosos para sujeitos políticos, que empreendem adentrar no cenário político por meio da participação efetiva nas urnas.

2.6 A Teologia da Prosperidade

No que tange à sua gênese, a Teologia da Prosperidade (TP) se deu nos Estados Unidos por Kenneth Hagin. Hagin era evangelista da denominação Batista mas que, por acreditar na “cura divina”, se reconheceu no pentecostalismo, logrando o cargo de pastor da Assembleia de Deus em 1937, na qual permaneceu por 12 anos. “No período pós-II Guerra Mundial participou das campanhas de cura divina nos EUA. Em 1962 fundou seu próprio ministério, caracterizado por tranSES, visões, profecias, revelações e experiências sobrenaturais, dos quais fez derivar sua “autoridade espiritual”” (MARIANO, 1996, p.28).

disponível em < <https://oglobo.globo.com/rio/gregorio-duvivier-marcelo-adnet-criticam-projeto-de-lei-que-aplica-multa-para-piadas-sobre-religiao-17233871>>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

³⁸ Transcrição de áudio coletado na Catedral da IURD do município de Vitória no culto Terapia do Amor, dia 6 de setembro de 2018

O conceito da “Fé Positiva” cunhado por Hagin articula que as afirmações realizadas sob a égide da fé abarcam o controle de transformar a realidade, ou de tornar realidade o que se declara, seja para o bem ou para o mal. “Macedo prega o mesmo: o grande poder da fé consiste em trazer à existência as coisas que não existem, tudo o que nossa boca determinar será feito” (MARIANO, 2003, p. 242).

Essa proposição é difundida pela IURD por meio dos recorrentes pedidos de ofertas. É possível observar o discurso da relação contratual com Deus como mola propulsora de enriquecimento da igreja. Em um só culto, que ocorria das 19:30 às 21:00 horas, constatei quatro petições pecuniárias, quando não de dízimos ou ofertas, que se destinavam a campanhas³⁹. Acerca da fé positiva, alude o líder iurdiano:

Quando a pessoa acredita com convicção em alguma coisa, quando tem a certeza de que ela acontecerá na sua vida, seja essa coisa boa ou má, está manifestando uma expressão de fé. Esta fé será positiva se o que ela acredita que vai acontecer for bom; esta fé será negativa se o que ela acredita for mau. Algumas pessoas, ao sentirem uma dorzinha qualquer, imediatamente começam a imaginar que aquele sintoma é de uma doença incurável. Ainda alimentam essa fé negativa com conversa fiada (sic) entre os que têm outros problemas e fé semelhantes. Os outros sempre têm um caso para contar de alguém que tinha uma dor igual e acabou morrendo de câncer. A tendência delas é de realmente contrair a enfermidade na qual tem fé. Isso é fé negativa e ativa. É muito importante que tais pessoas procurem alguém de fé positiva, conhecedor do Deus vivo, que fale positivamente, de acordo com o caráter de Deus (MACEDO, 2011, p.96)

Almeida (2017) versa que a posse de bens materiais é apreendida como dom de Deus. Deste modo, a Teologia da Prosperidade se assenta sobre uma ética econômica secular, na qual a ênfase na acumulação de riqueza recai sobre a preposição de que, quão mais afortunado, mais abençoado por Deus, do contrário atribui-se a ação demoníaca. “Essa ascensão não se ancora especificamente na disciplina e na dedicação ao trabalho, mas em uma disposição empreendedora de quem almeja tornar-se o patrão nas relações de trabalho” (*ibid*, s/p). “Para receber a graça divina de modo a ser capaz de modificar seu destino no mundo, ele deve “viver de acordo com a fé”, entregar regularmente o dízimo, fazer suas ofertas, e “tomar uma atitude” (LIMA, 2010, p.352).

Tendo como mola propulsora de alastramento a rádio e a TV neopentecostal, o neopentecostalismo engendra a aquiescência dos seus seguidores à mensagem de que o conhecimento de Jesus e a relação com a

³⁹ As campanhas têm temas diversos, tais como a campanha pelo esposo, pela família, a campanha “tábua da visão”, na qual o fiel oferta com o objetivo de lograr favor de Deus em causas financeiras ou familiares. Para isso, eram distribuídas pequenas tábuas de madeira com papel sulfite colado em cima, onde escreviam-se os sonhos de conquistas.

obediência a ele consiste, indubitavelmente, em uma vida de desfrute no cotidiano (MARIANO, 2014).

Diferentemente de outrora, agora, muitos crentes, além de desejosos, reúnem condições econômicas de desfrutar das boas coisas que o mundo podia oferecer. Para isto, entretanto, primeiro era preciso substituir suas concepções teológicas que diziam que os verdadeiros cristãos seriam, se não materialmente pobres, radicalmente desinteressados de coisas e valores terrenos (MARIANO, 2004, p.27).

A lógica que se assenta na vida abundante na terra, vai em contraposição ao puritanismo cristão aludido por Weber (2009) acerca do desencantamento do mundo. Deste modo, a aquisição de bens materiais se faz legítima a partir da concepção de uma relação contratual com Deus, na qual, as bênçãos e curas milagrosas são adquiridas por meio de dízimos e ofertas. Essa proposição é disseminada em todos os ritos iurdianos, com vistas à consecução do anelo dos sujeitos religiosos da IURD.

Quando vejo pessoas sendo curadas, recebendo o enchimento do Espírito Santo, prosperando financeiramente e vivendo constantemente num estado de vitória, me alegro grandemente e me rejubilo. Chamo a isto viver no Reino de Deus, pois a pessoa que assim vive é um verdadeiro cidadão deste Reino (MACEDO, 2000, p.13).

E também é bom para Deus que nós tenhamos bastante dinheiro a fim de que Ele possa, através de nós, alcançar perdidos deste mundo com a mensagem salvadora do Senhor Jesus Cristo. Quantas pessoas neste mundo nunca ouviram falar de Jesus? E para que possamos apresentá-las a Ele, Deus precisa usar tudo o que nós temos. E quanto mais nós tivermos, mais o Senhor poderá usar. Ou então, quanto mais Deus nos emprestar, mais Ele poderá usar (MACEDO, 2000, p.30).

Mariano (2014) realça que a efusão da TP se deu concomitantemente ao incremento televangelístico. Aspirando a projeção denominacional, as igrejas neopentecostais tributárias da TP se lançaram sobre a mídia, contraindo com os robustos projetos, dívidas progressivas. Assim, os neopentecostais televangelistas aprimoraram seus meios de angariar recursos, engendrando discursos pastorais acerca das ofertas e dízimos dos sujeitos, logrando êxito econômico substancial.

Outra enunciação iurdiana para granjear dinheiro junto aos sujeitos é a retórica dos administradores de Deus, ou mesmo, os sócios de Deus:

Daí amigo leitor, verificamos que somos colaboradores de Deus, administradores de tudo o que Ele colocou na face da Terra. Tenha isso na sua mente e vá em frente. Nunca ouça a voz dos inimigos de Cristo, que através de mensagens demoníacas, afirmam que o dinheiro é mau, que a riqueza é diabólica ou coisas semelhantes. Procure entender que o que você tem pertence a Deus, e que, quanto mais você se coloca em Suas santas mãos, mais Ele o usa como Seu embaixador, procurador ou administrador (...).

A expressão "em todas as coisas", no grego original, claramente inclui abundância financeira. Para receber as bênçãos materiais, pela fé, você

deve fazer o seguinte: 1) Estar convencido de que Deus quer que você prospere financeiramente. 2) Estar disposto a aceitar a responsabilidade de ser um dos seus sócios e administradores da obra de Deus (...).

Ser cristão é ser filho de Deus e co-herdeiro de Jesus; dono, por herança, de todas as coisas que existem na face da Terra; proprietário de todo o Universo. Isto não é arrogância nem utopia; pelo contrário, é ocupar a posição que Deus quer que ocupemos, viver na real condição de filho de Deus, manifestando a Sua glória e exuberância (MACEDO, 2000, p. 29-33)

Circundo agora sobre uma importante máquina narrativa que diz respeito ao sujeito religioso ‘empreendedor’, por meio do qual perfaz um influxo efusivo que compõe o bojo capitalístico iurdiano. A partir disso, a despeito da condição de classe social, os sujeitos religiosos são encorajados a abrirem seus próprios negócios de forma que os riscos materiais do empreendimento são assumidos como atos de fé. Almeida (2017) enfatiza que tal prédica é tão incitada, que a IURD oferece cursos para “empresários empreendedores”.

Outro ponto é sobre você empreender ser alguém que atraia a atenção de outros. Seja essa pessoa que persevera que não reclama que inspira outra pessoa. Pense que você pode até não ser tão bonito, mas pode conquistar a pessoa dos seus sonhos porque você se tornou interessante, porque tem a fé possuidora para abrir seu próprio negócio! (PASTOR DAVI)⁴⁰

Diante disto, propõe-se a observância do que Foucault denomina *homo economicus*, que diz respeito ao indivíduo que atua por uma racionalidade determinada em termos de ganhos e vantagens pessoais. Destarte, o *homo economicus* é aquele que investe em si mesmo, atendendo aos seus próprios interesses, atuando de forma sistemática para o êxito econômico. “É o sujeito ou o objeto do laissez-faire” (FOUCAULT, 2008b, p.369).

Gomes (2009) descreve também um movimento nomeado de ‘circuito da conquista’, que se constitui em um jogo de categorias, a saber “revolta, sacrifício e conquista” que regem os comportamentos e práticas dos fiéis da IURD. A lógica desse artifício serve de suporte narrativo para as biografias de Edir Macedo, que servira de base para a roteirização do filme *Nada a Perder – Parte 1*.

A pessoa está com a casa caindo aos pedaços, com o telhado furado e a goteira pingando sem parar! Enquanto a pessoa não se incomoda com a goteira, é isso que ela vai ter, **por isso você tem que se revoltar!** Então tem que haver essa ‘revolta’ para que você vença os gigantes da sua vida!” Se você não quer ficar com esse gigante na sua vida, pegue esse envelope e traga a sua oferta de sacrifício a Deus. Basta que venha uma pessoa! Não tem um valor mínimo para a sua oferta, mas o máximo que você tem para dar é mínimo para Deus! (PASTOR DAVI, grifo meu).⁴¹

⁴⁰ Transcrição de áudio coletado na Catedral da IURD do município de Vitória no culto Terapia do Amor, dia 6 de setembro de 2018.

⁴¹ Transcrição de áudio coletado na Catedral da IURD do município de Vitória no culto Terapia do Amor, dia 6 de setembro de 2018.

Diante disto, é factível cunhar uma reflexão sobre o capitalismo iurdiano, que atua por meio da TP, perfazendo uma engenhosa prática discursiva de granjeio de recursos dos sujeitos religiosos, a partir de discursos de cunho mágico-milagrosos, que é assaz favorável a uma sociedade colonizada pelo capitalismo. Sobrelevo também que o *homo economicus* (Foucault, 2008) perfaz um sujeito amplamente favorável a um contexto neoliberal como na contemporaneidade.

Weber (2009) propõe que o resultado do enleio do capitalismo e a filiação religiosa se estampa de forma singular, na medida em que, quão mais capitalista for a sociedade, maior a tendência à perfilhação religiosa, atribuindo poderes de mudança na distribuição social, de acordo com a conveniência e suscitando a estrutura ocupacional. “Quanto maior for a liberdade de ação, mais claro o efeito apontado” (WEBER, 2009, p.39). Essa afirmação é reiterada pelo autor ao pontuar que “a emancipação do tradicionalismo econômico parece ser, sem dúvida, um fator que apoia enormemente o surgimento da dúvida quanto à santidade das tradições religiosas e de todas as autoridades tradicionais” (*ibid*, p.40).

Rolnik (2018) converge com a proposição de Weber ao aludir sobre uma perspectiva do capitalismo neoliberal, que coloniza e produz subjetividades:

Para atribuir um sentido ao sem sentido do estado em que a subjetividade se encontra, o desejo fará conexões e cortes em pontos de produtos discursivos oferecidos por traficantes de receitas de uma paz redentora. A oferta é abundante: terapias de treinamento de autoestima, livros de autoajuda ou de anúncio de um suposto new age, ideologias de toda espécie, **igrejas evangélicas do tipo fundamentalista** que prolifera a tal ponto que podem ser encontradas em qualquer esquina do planeta (ROLNIK, 2018, p.71-72, grifo meu).

Rolnik (2018) sugere a leitura do cenário atual pelo viés do colonialismo capitalístico, que é reforçado pelo “abuso perverso do trabalho” (*ibid*, p.77), e que resulta em um novo desdobramento das subjetividades, tornando-as flexíveis no que se refere à modelagem dos sujeitos nele inscritos. Segundo Rolnik (2018):

Com isso, o que se gera nesse processo são formas de existência das quais se extrai livremente capital econômico, político e cultural. É, portanto, por meio das ações do próprio desejo que a subjetividade alimentará a acumulação de capital e seu poder, oferecendo-se gozosamente ao “sacrifício” (*ibid*, p.77).

Deste modo, o atual capitalismo que ressoa na esfera religiosa e no Estado se articula na instauração de uma macropolítica que:

Encarnam-se em personagens ignorantes grosseiros, abrutalhados, extremamente conservadores, remanescentes do capitalismo financeirizado

e, na maioria dos casos, de uma mentalidade ainda mais arcaica, pré-republicana, colonial e escravocrata. (...). No caso do Brasil, é fácil encontrar esse tipo de figura nos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, que estão nele instalados desde sempre, apenas atualizado seu decurso e procedimentos (ibid, p.80-81, grifos meus).

Rolnik (2018) sugere ademais, uma relação que a princípio se apresenta paradoxal, entre o neoliberalismo e o neoconservadorismo, a partir do capitalismo financeirizado, já que este precisa de uma forma mais intensa para seu crescimento. A proposição é que o neoconservadorismo religioso potencializa o neoliberalismo, na medida em que é dotado de poder indispensável para a instauração e crescimento do Estado neoliberal. Acerca do poder religioso aventado por Rolnik (2018):

A torpe subjetividade dos neoconservadores é arraigadamente classista e racista, o que os leva a cumprir seu papel nessa cena sem qualquer barreira ética e numa velocidade vertiginosa. Quando nem bem nos damos conta de uma de suas tacadas, uma ou outra já está em vias de acontecer, geralmente decidida pelo Congresso na calada da noite (ibid, p.101)

Isto posto, torna-se possível aludir sobre como a Teologia da Prosperidade emerge como um dispositivo de captação de recursos pecuniários dos sujeitos, resultando em eficaz ferramenta de acúmulo de capital para as igrejas que a praticam. Assim, sob um viés neoliberal, afloram diversas instituições religiosas que engendram crescimento e consequente difusão de um escopo que encontra eco em uma sociedade capitalista neoliberal e empreendedora. A IURD, por sua expressão econômica e política, se estampa como um expoente exemplo de instituição onde o poder pastoral (Foucault, 2008) logra êxito através de discursos de encorajamento à pactuação com Deus por meio de dinheiro, na conquista de curas, bênçãos familiares e prosperidade.

2.6.1. A teologia da Prosperidade e o seu encadeamento com a família tradicional, monogâmica e heterossexual

A família tradicional, monogâmica e heterossexual tem sido o mote central na contemporaneidade e sua representatividade no empreendedorismo moral, que possui como agenciadores, precipuamente, a FPE. Um de seus projetos de mais destaque e polêmica, o PL 6.583/2013, conhecido como Estatuto da Família, admite como família somente aquele “núcleo social formado a partir da união de um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por conformidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”.

Se trata essa batalha política na construção de valores em que o bem é o pai, a figura patriarcal, e o mal são todos aqueles que não se submetem a seus padrões: a mulher feminista, os não heterossexuais, os pobres que contestam o poder dos ricos, alçados a esse papel de mérito da fé, como defende a doutrina Teologia da Prosperidade, um dos pilares da ideologia evangélica (AMARAL in DIP, 2018, p.14).

Para Edir Macedo, a família heterossexual monogâmica constitui o alvo do seu empenho. Por isso engendra normas que visem a sua preservação, seja em suas preleções, publicações, através da mídia, internet, ou livros. Segundo ele:

A família é a célula-mãe da sociedade. Todos os grandes problemas que afligem a humanidade têm origem nesta célula. Quando ela vai mal, todos os seus membros também vão, e por onde forem levarão consigo a contaminação de um lar fracassado (MACEDO, 2017, p.66).

Na Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, há uma consciência familiar muito forte entre os seus ministros, pois todos consideramos que o nosso trabalho depende muito da auxiliadora que está ao nosso lado (MACEDO, 2012, p.32).

Para o espraiamento e governamentalidade (Foucault 2010a, 2010b) dessa trama, se faz tempestiva a eclosão de mecanismos que objetivem a normatização da sexualidade, do matrimônio e do planejamento de uma matriz familiar que vai ao encontro do processo político contemporâneo e neoconservador. A noção da governamentalidade diz respeito a um conjunto de técnicas ou, “arte de governar”, que implica em uma conexão contínua entre o saber governar a si mesmo, que se refere à moral, governar habilmente uma família, que remete-se à economia e governar com êxito o Estado, que diz respeito à política (FOUCAULT, 1999). Foucault explana a íntima conexão existente entre o comportamento do indivíduo no plano econômico com o comportamento no âmbito moral-sexual, já que ambos são geridos pela família. O empreendedorismo econômico da teologia da prosperidade encontra, portanto, respaldo no empreendedorismo do disciplinamento comportamental, que deixa implícita a sexualidade:

O Estado é bem governado, os pais de família sabem como governar suas famílias, seus bens, seu patrimônio e por sua vez os indivíduos se comportam como devem. E esta linha descendente, que faz repercutir na conduta dos indivíduos e na gestão da família o bom governo do Estado, que nesta época se começa a chamar de polícia (FOUCAULT, 1999, p.175).

Teixeira (2012) coloca em movimento a apreensão da preleção de Edir Macedo acerca da mulher como sendo naturalmente emocional, e por isso tem mais dificuldade em reproduzir os preceitos da fé inteligente e que, para tanto, se faz premente algumas diligências extras para adaptá-la. A autora chama atenção para o fato de que, mesmo sendo a mulher concebida como emocional, não obstante atua

como a substancial agenciadora da Teologia da Prosperidade. Tal fato se dá na medida em que a mulher é quem atua na continuidade de tais ditames na esfera de atuação que lhe é atribuída, ou seja, em sua casa, seu corpo e nas relações interpessoais.

Em seus sermões, os pastores iurdianos assentam a mulher como naturalmente emocional, por isso têm um esforço maior para desenvolver os princípios de uma suposta "fé inteligente", que, segundo Edir Macedo refere-se "ao raciocínio e a capacidade de julgar, avaliar, pesar, enfim, conferir a finalidade da própria fé" (MACEDO, 2012, p.54). De outro lado, há a "fé emotiva", que seria o sentimento inato das convicções humanas, sendo contingencial, pois depende do momento em que se vive. Impulsionada pelas emoções, incide sobre o poder de decisão, impedindo que o indivíduo haja com racionalidade.

Almeida (2017) sublinha um importante delineamento da sacralização da família, na qual, a busca pela moralidade pública transformou-se em uma autêntica linha de agenciamento. No Brasil, esse agenciamento sincroniza-se com os ditames do cristianismo transformando as religiões de base cristã em prevalentes dispositivos tácitos sobre a concepção de família e de reprodução da vida. Diante dessa alusão, outras formas de concepção familiar são anuladas por não cumprirem as balizas da "família tradicional" sacralizada.

Trata-se do modo como os principais estruturantes do subjetivismo e do naturalismo⁴², associáveis ao horizonte da cosmologia moderna, parecem se compor, na sociedade moderna, com dois outros princípios ou ênfase mais diretamente hierárquicas: o da preeminência de uma visão 'religiosa' do mundo e o da preeminência da reverência ao valor da 'família' (DUARTE et al., 2004, s/p).

À vista disto, Sung (2015) destaca que, quanto aos evangélicos, é estúrdio o fato de que pastores e lideranças eclesiais como Marco Feliciano e tantos outros conjugarem sincronicamente dois princípios presumivelmente discrepantes: a aderência à cultura do consumo através da teologia da prosperidade; e, concomitantemente, externarem radicalismo ante a novas idiosincrasias e concepções sexuais e familiares de uma sociedade que se insere como integrante da "nova classe média". Mais do que enlaçar dois princípios discrepantes, "o que mais chama a atenção é o modo militante e até agressivo com que esses setores da sociedade se opõem a formas alternativas de conceber a família e a sexualidade" (*ibid*, p.43).

⁴² Os autores nomearam naturalismo a natureza humana, sob a forma elementar da vida (DUARTE, 2004, s/p).

A Igreja Universal trabalha pela recuperação da unidade do núcleo familiar, o que não deixa de ser, para ela, parte do ministério da cura porque “cura é mais que ter corpo saudável, é ter sucesso, corpo e alma sã”⁴³. Todas as quintas-feiras são dedicadas à “corrente da família” e, às vezes, como aconteceu no “dia dos namorados” de 1995, dramatizou-se o amor da seguinte forma: os casais passavam sob o “arco do amor”, recebendo dos pastores uma unção com nardo, do qual se diz ser o “perfume do amor”. Por considerar a família e o casamento muito importante, a IURD promove até casamento em presídios, para onde são levadas as mulheres para se casarem com os detentos convertidos⁴⁴ (CAMPOS, 1997, p.446).

Assim, a heterossexualidade compulsória e a performatividade de gênero alinhada com a conformação biológica compõem a ordem de dominação patriarcal (Butler, 2003), necessária para a igreja exercer seu poder sobre corpos e mentes dos sujeitos religiosos. Sobre essa heteronomia, afirma Birolí:

A dimensão dos controles ressalta as conexões entre família e normalização. Gênero e sexualidade têm grande importância aqui, uma vez que estão em questão os controles sobre os corpos e a normalização dos afetos. Ideais de sucesso na regulação das relações, como o da domesticidade feminina, da maternidade e do amor romântico, estabelecem, em conjunto com a heteronormatividade, perspectivas para julgar vidas concretas que não correspondem a eles, que escapem a seus códigos (BIROLI, 2018, p.92).

A gestão da sexualidade é ao mesmo tempo a gestão do indivíduo em sua moralidade e da família em suas economias, fazendo com que o poder institucional da Igreja, com seus mandamentos e ditames sejam mais facilmente absorvidos e governamentalizados pelos sujeitos. Nesse planejamento familiar, a mulher, ainda que subalternizada diante do marido, exerce importante papel de docilização e submissão ao controle dos ditames da IURD.

2.6.1.1. A Centralidade da mulher na família de Deus iurdiana

Como mencionado na seção anterior, a mulher é concebida como depositária da fé emotiva, a qual, segundo (MACEDO, 2012a), trata-se de uma fé assentada sobre emoções e sentimentos. Ainda assim, na cosmovisão iurdiana a mulher assume centralidade dogmática que move-se sobre a família que, no limite, é a instituição fulcral das prédicas e rituais iurdianos para o sucesso do projeto da IURD.

Edir Macedo (2017) delinea a mulher como alguém que assume o lugar de “pedra fundamental” da família e que é através dela que os preceitos bíblicos

⁴³ “Segundo o pastor Mário Luís (Rádio São Paulo, 5 de maio 1994)” (CAMPOS, 1997, p.446).

⁴⁴ Folha Universal, 17 de julho de 1995 e 25 de junho de 1995” (CAMPOS, 1997, p.446).

afluem para o marido, filhos e todos os que a cercam, envolvendo até mesmo o grupo social ou comunidade a qual ela faz parte. “Mesmo que jamais tenha subido ao altar, o trabalho totalmente anônimo da mulher - de apoio ao marido e jejum (sic), em favor do seu ministério – é de vital importância para o desenvolvimento da Igreja do Senhor Jesus Cristo” (MACEDO, 2017, p.11).

Deste modo é factível o encadeamento da centralidade da mulher iurdiana com a interpretação de Birman acerca da mulher:

Temos assim uma constante entre essas mulheres ligadas à Igreja Universal - consideram que uma função essencial que lhes cabe é de ajudar os filhos e maridos a resolverem, por intermédio da atividade religiosa que elas exercem, os problemas que os afligem. Atribuem-se, portanto, por força da condição feminina que ocupam no interior da família, um lugar de **mediação na esfera religiosa** e pensam essa mediação como parte de um projeto ao mesmo tempo de ajuda imediata e de salvação a médio prazo dos seus familiares. Saúde, trabalho, relações familiares e ainda o estilo de vida desses fazem parte dos projetos que buscam empreender para dar conta dessa ajuda (ibid,1996, p.210-211, grifo meu).

Teixeira versa ainda que há “uma produção constante de dispositivos de educação do corpo da mulher” (2012, p. 94). Nos sermões dos bispos e pastores iurdianos, a mulher é tida como a principal agenciadora da prosperidade, tendo seu campo de ação na casa, em seu corpo e nas relações familiares.

Nesse aprendizado o corpo é o principal instrumento a ser disciplinado, logo é essencial compor um conjunto de aulas com técnicas para se modificar a postura, controlar o peso, as roupas e o cuidado de si. A docilidade do corpo é o caminho para se aprender a ser mulher e assim garantir que a família prospere (TEIXEIRA, 2012, p. 68).

De acordo com Birman (2009), uma ênfase de mediadora familiar recai também sobre as mulheres da IURD. Essa mediação reside no fato de que a mulher assume a missão de cooptação dos outros membros da família, bem como a manutenção destes na igreja, o que instiga a participação constante das mulheres em campanhas voltadas à família, cultos de cura de enfermidades e de resolução de problemas do cotidiano. Isso, sem desconsiderar que cabe também a elas as lides domésticas.

Esses cuidados femininos serão, desse modo, vistos como algo que lhes seria uma atribuição específica que é compreendida em função do seu estatuto de gênero na divisão do trabalho no interior da família. Esse papel de gênero pode ser mais ou menos condizente com certo *ethos* religioso (BIRMAN, 2009, p. 2008).

Em seu livro *O perfil da mulher de Deus*, Macedo (2017) revalida a afirmativa de Birman (2009) ao dizer que ‘quase sempre’ a mulher logra êxito ao direcionar seu cônjuge e toda a família ao aprisco (igreja), conquanto custosamente

o marido alcança tal progresso. Isto posto, passo a narrar sobre dados de campo concernentes ao tema, observados na Catedral da IURD de Vitória-ES. No rito iurdiano da Terapia do Amor⁴⁵, há um momento dedicado ao que denominam de “palestra”. Nela, o pastor ou bispo, ao lado de sua esposa, doutrinam sobre questões acerca da família, castidade dos solteiros, heterossexualidade e outras questões que concorrem para o enaltecimento da família heterossexual monogâmica, bem como a constituição desta. Nesta narrativa, o papel de mediadora da família é assentada sobre a definição iurdiana da “mulher decidida”, pois no que concerne a função da mulher no casamento, cabe a ela como “mulher definida”⁴⁶, empenhar-se a atrair não só o cônjuge mas toda sua família para a igreja:

Nós vamos falar hoje sobre a definição, definição significa definir, decretar, determinar. Uma pessoa definida é uma pessoa que resolve, ela não passa essa responsabilidade para alguém. Uma pessoa definida toma as decisões e arca! Deus não muda quando alguém o trai, quando alguém é infiel, ele é imutável. E ele diz pra mim que eu preciso ser definido (PASTOR DAVI)⁴⁷.

A esposa definida traz o marido para o altar, ela não aceita a palavra do marido que diz que quer se separar ou quer o divórcio. A mulher tem esse poder, de trazer o marido para o altar, porque o homem desiste fácil e a mulher não, a mulher é mais perseverante. Então mulher, você tem esse poder na mão, de trazer o seu marido para o altar, então você foi escolhida para ganhar o seu marido para Deus! Assim como Noé salvou toda a sua família construindo a arca por 40 anos, você tem o poder de salvar toda a sua família, você é o ‘Noé’ da sua casa. Então a mulher definida não desiste da sua família, ela pensa: um dia a minha família vai estar nesse altar e vai me agradecer! (ESTER, ESPOSA DO PASTOR DAVI)⁴⁸.

Cabe observar que o empenho em levar novos sujeitos e principalmente a família para a igreja é partilhado pelas bases do cristiniano histórico e o neopentecostalismo. Conforme Birman (1996) há uma produção de convívio familiar onde a atribuição da mulher no âmbito materno é reforçado, fornecendo especificidade de atuação religiosa que gerem “compatibilidades entre crentes e não crentes do que um movimento que reforçaria a separação entre eles, e em consequência disso, a necessidade imperiosa e inquestionável da conversão” (*ibid*, p.211). Essa compatibilidade diz respeito aos membros da família que não são crentes, cuja conversão à igreja fica à encargo da mulher iurdiana que é mãe e

⁴⁵ Conceito da Terapia do Amor pela Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em <https://sites.universal.org/terapiadoamor/o-que-e-a-terapia-do-amor/> Acesso em 04 de outubro de 2018.

⁴⁶ Neste culto, fui convidada por uma das obreiras a fazer um curso de uma semana, tendo como mote, as ‘mulheres definidas’.

⁴⁷ Transcrição de áudio coletado na Catedral da IURD do município de Vitória no culto Terapia do Amor, dia 1 de novembro de 2018.

⁴⁸ Transcrição de áudio coletado na Catedral da IURD do município de Vitória no culto Terapia do Amor, dia 1 de novembro de 2018.

esposa, ou seja, não só atua como mediadora na esfera do matrimônio, como engendra mediação entre a igreja e sua descendência.

É possível localizar a produção do sujeito, neste caso, especialmente a mulher, como aquela que assume a centralidade da esfera familiar, pois concebe como verdades as proposições sobre sua responsabilidade no interior da família, resultando na produção e modelagem de sua subjetividade. Pode-se ler isto pelo regime da verdade (Foucault, 2016).

CAPÍTULO 3 – A TERAPIA DO AMOR: A EQUIPAGEM CONSTITUTIVA DA GRAMÁTICA DA FAMÍLIA DE DEUS

3.1 A representação do eu na vida iurdiana

Faz-se profícuo nesse vértice, explanar sobre como se deu minha inserção no rito da Terapia do amor, bem como os detalhes próprios deste campo. No título desta seção faço alusão à obra *A representação do eu na vida cotidiana*, de Goffman (2014). Sobrelevo o conceito de representação apresentado por Goffman fora adotado como metodologia no que tange à inserção em campo, pois ponderei sobre os detalhes próprios do mesmo e considerei útil aplicar o conceito da representação para avigorar minha admissão no rito. Dito isto, apresento o que o autor nomeia como “representação”. Goffman depreende que os sujeitos usam representações de si com o objetivo de convencer seus observadores de que o papel a que se dedicam desempenhar é de fato verdadeiro. Não obstante, a representação pode ser sincera, ou seja, quando o sujeito acredita genuinamente em sua representação, ou o sujeito pode representar seu papel aos observadores de forma cínica, que intercorre quando ele tem consciência da sua representação e o executa com um fim intrínseco.

Goffman (2014) postula ainda que, com o objetivo de estabelecer a situação representada, usa-se a equipagem da fachada, que opera como “equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante a sua representação” (*ibid*, p.34). Goffman nomina de “fachada pessoal” a equipagem de viés expressiva, envolvendo trajés, sexo, conduta, vocabulário, expressões faciais e corporais.

Dito isto, retomo o que explanei na introdução desta pesquisa que, a partir das leituras prévias dos pesquisadores que tiveram como *locus* de pesquisa a IURD, os sociólogos, jornalistas e outros “observadores” são concebidos como “atores indesejáveis” (Campos, 1997) nos templos. Assim, engendrei uma inserção na qual minha representação se deu de forma cínica.

Logo, usei como equipagem, o que Goffman (2014) conceitua como fachada cínica de comportamento, tal como a criação de uma personagem. Não se tratava apenas de não me assemelhar a uma fiel praticante neopentecostal, com denotação de conhecimento de preceitos bíblicos ou a reprodução dos laivos e êxtases observados nos ritos, mas de alguém que intentava conhecer o rito e

desejosa de conhecer um companheiro, já que o Rito se volta tanto para casais quanto para solteiros.

Faz-se profícuo descrever um pouco mais sobre a construção desta que eu denomino de “fachada pessoal cínica” desenvolvida e pensada para a inserção em campo. Por possuir uma fala segura, firme e me posicionar de forma questionadora ante os fatos que desconheço, bem como possuir uma forma peculiar de vestir (falo acerca do uso de decotes, saias mais curtas, calças jeans e vestidos justos), poderia chamar facilmente a atenção dos obreiros nos átrios⁴⁹, tanto da Catedral de Vitória quanto do Templo de Salomão, e isso prejudicaria minha observação constante, já que frequentei o rito por mais de um ano sem ser questionada pelo meu vestir ou forma eloquente de falar.

Enfatizo, todavia, que não me abstive de maquiagem e nem de vestidos justos, todavia optei por vestidos mais compridos, assim como uma forma de falar com uma impostação mais suave e maquiagem leve. Ao adentrar pela primeira vez no rito, fato que se deu no dia seis de setembro de 2018, não percebi nenhuma anormalidade no que tange a ação dos obreiros em relação a mim.

Dito isto, ressalto que o poder disciplinar (Foucault, 1999), que perfaz a vigilância e controle sobre os corpos por parte dos agentes disciplinadores, opera por meio da observação constante dos sujeitos que adentram no rito. Sobrelevo que o policiamento e agência pautado na aparência não foi engendrado sobre mim, fato que facilitou minha permanência na Terapia do amor, etnografando os ritos por 14 meses.

3.2 A Terapia do Amor na Catedral de Vitória

3.2.1 Os frequentadores

A Catedral de Vitória, com capacidade para cerca de três mil pessoas sentadas, em boa medida pode ser lida como homogênea no que toca à classe social, sendo a maioria de classe média e média baixa. A faixa etária dos sujeitos do

⁴⁹ As mulheres com vestes sensuais, a saber, as que usam decotes e roupas justas, normalmente foram alvo de exorcismos no momento do rito denominado “troca de espírito”, que se volve a “expulsar” os demônios dos sujeitos. Nas mulheres, peculiarmente, observei que as que se vestiam de vermelho ou se apresentavam de roupas justas ou curtas, eram concebidas em vários ritos que frequentei, como possuídas pela entidade Pomba-gira, cujo objetivo, segundo a fala da entidade em uma das chamadas “manifestações”, era de destruir o casamento por meio da traição e luxúria, o que justificava o uso de maquiagens mais marcantes e roupas concebidas como sensuais pelas mulheres “possuídas” pela Pomba-gira. No site da Igreja Universal há uma seção dedicada a informar que é proibida a entrada de mulheres com roupas curtas no Templo.

rito da Terapia do Amor eram, em sua maioria, jovens entre 25 a 35 anos, quer seja para casais, quer seja para solteiros. Quanto à raça havia uma maioria de brancos.

3.2.2 O Rito

Satisfaz discorrer sobre minha inserção em campo na Catedral de Vitória. Como supra explanado, tendo criado minha representação de fachada cínica, minha primeira etnografia ocorreu antes das eleições de 2018, no início do mês de setembro daquele ano. Eu planejei antecipadamente quais dados pessoais eram possíveis declarar, como minha profissão de docente do Ensino Superior, mãe e divorciada. O motivo que me levava à Terapia do Amor já foi questionado ao final do primeiro campo, quando fui levada por Olívia, minha interlocutora, até a ‘dona’ (título dado às esposas de pastores e bispos da denominação). Ao me aproximar, ela me arguiu: “Qual é o seu problema?”. Esta pergunta me soou incomum já que este Rito, segundo o site da IURD era:

uma palestra focada no sucesso da vida amorosa. Nela, os palestrantes conversam, aconselham e dão dicas sobre como você pode se comportar no relacionamento ou enquanto espera pela pessoa amada. O objetivo é levá-lo (a) a ser bem-sucedido (a) nessa área da vida.⁵⁰

Ressalto minha surpresa, pois, para mim, a Terapia do Amor tinha como alvo a manutenção dos casamentos, bem como o bem-sucedimento na vida amorosa, mas havia também entre os frequentadores, aqueles que buscavam cura de doenças para si ou entes familiares, bem como a busca por libertação dos espíritos malignos, ainda que houvesse dia de culto específico para cada uma destas questões. A ‘dona’ replica com outro questionamento: “Mas pelo que você está passando?”. Eu: estou bem, não tenho nada em específico que eu necessite resolver. Ao que ela me respondeu: “Primeiramente você deve se autovalorizar e buscar o Espírito Santo.”

O culto era dirigido pelo Pastor Davi e sua esposa Ester, ambos jovens. O culto iniciava com um louvor e logo após o término, uma oração. A liturgia da Terapia do Amor na Catedral de Vitória envolvia temáticas como: castidade antes do casamento, fidelidade conjugal, empreendedorismo de si e dos casais em busca do sucesso financeiro, os cuidados de si a que as mulheres devem se dedicar, os atributos concebidos como responsabilidade da mulher, a saber, o cuidado com os

⁵⁰ Disponível em <<https://www.universal.org/terapiadoamor/o-que-e-a-terapia-do-amor/>> Acesso em 5 de março de 2020.

filhos, a submissão e o suporte aos seus cônjuges. Havia também o momento da “palestra”, momento do culto onde a esposa do pastor pode subir ao altar⁵¹ para instruir sobre questões variadas na conjugalidade e aos jovens e adultos solteiros que aspiram encontrar um namorado ou namorada. Trago a lume o fato da minha inserção em campo ter ocorrido há cerca de um mês antes das eleições. Este fato é significativo, pois havia no rito, além da liturgia normal de culto, um cariz significativo no que diz respeito à pedagogia do voto. As mulheres, sobretudo, eram encorajadas a ponderarem sobre os candidatos no que diz respeito a optarem por aqueles que continham em sua campanha, um discurso efetivo sobre a preservação da família e da preservação da heterossexualidade como norma, a saber, a heteronormatividade.

Figura 1: A Catedral de Vitória



Fonte. Site da Igreja Universal.⁵²

3.3 A Terapia do Amor no Tempo de Salomão

3.3.1 Os frequentadores

No Templo de Salomão, distintamente à Catedral de Vitória, há uma aglutinação de distintas classes sociais, não havendo estatisticamente, uma classe

⁵¹ Ressalto que, de acordo com a IURD, a mulher não pode assumir sacerdócio. Não obstante, no culto da Terapia do Amor é permitido que a esposa do bispo ou pastor palestre para as mulheres casadas, as jovens e mulheres solteiras.

⁵² Disponível em <<https://www.universal.org/endereco/espírito-santo-espírito-santo-14583>>. Acesso em 22 de mar

social que predomine. E esse dado leva em consideração também os distintos dias em que outros frequentadores que, como eu, adentram no templo pela primeira vez. Assim, o templo assume um lugar que abarca frequentadores flutuantes e de classes sociais diversas, bem como aqueles que compõem o rol de membros da igreja, também se distribuem por classes diversas. A faixa etária também é mais ampla, pois frequentam o rito, desde adolescentes até casais com mais de 60 anos. Esse critério também vale para os divorciados ou solteiros, abrangendo desde adolescentes a idosos. Quanto à raça também não pude destacar uma que predominasse. Sinalo que há uma delimitação para aferir sobre a raça, classe e até mesmo faixa etária, pois estavam comigo nos ritos quase 10 mil pessoas e eu podia observar apenas os que estavam pertos e os que iam ao altar, quer para ofertar e dizimar, quer para a “troca de espírito” ou orações de campanhas.

3.3.2 O Rito

Cumpré iniciar esta seção com a observância da proposta da prosperidade materializada no Templo de Salomão. Destaco a materialização pelos signos dispostos neste átrio que conferem um significado de riqueza e prosperidade, já que, depois de quatro anos em construção, o Templo foi erigido com uma vultuosidade de elementos que remetem ao judaísmo e à abundância financeira. Sobre isto, sinala Throup (2011, p.121): “com a transparente ênfase na grandiosidade do projeto e o “espírito” de contribuir e “ficar rico”, está claro que o propósito do empreendimento é integralmente vinculado à teologia da prosperidade”.

Para a construção da sede mundial da IURD, que se deu no decurso de quatro anos, foram trazidos de Israel vários dos materiais para remontar o verdadeiro Templo de Salomão. Segundo narrativa bíblica, o verdadeiro Templo de Salomão foi construído pelo filho de Davi, o rei Salomão, considerado o mais sábio e abastado dentre todos os reis de Israel. De acordo com Throup (2011), “além de impressionar pela grandeza, passa a ideia de prosperidade material” (ibid, p.121). É factível observar que a sede mundial da IURD se apresenta ao mundo por detalhes sofisticados.

Era dia 28 de setembro de 2018. Estava a admirar a exuberante estrutura da Eclésia sede da IURD no mundo. Conquanto, não pude me ater a observá-lo por muito tempo sem que logo fosse abordada, ainda no pátio, por alguém que me perguntou: “é a primeira vez que vem ao Templo de Salomão?” Pergunta que respondi prontamente que sim. Logo depois, sem grande lacuna temporal, foi-me

perguntado: “o que te trouxe aqui?” Ao que respondi: tenho frequentado a Terapia do Amor em minha cidade e, como estou visitando São Paulo, quis assistir à Terapia do Amor aqui no Templo de Salomão. Eu havia chegado às 19:20 horas, acreditando que o culto ocorresse no mesmo horário de Vitória (a partir das 19:30 horas). De onde estávamos eu podia ouvir um pastor fazendo uma preleção para os que se encontravam no pátio. Sinalo que, antes do culto da Terapia do Amor, ocorre o Culto dos Solteiros, que tem como alvo não só os solteiros e jovens, mas também os divorciados que procuram uma oportunidade de conhecer alguém cuja fé professa seja a mesma, bem como a mesma denominação: a Universal do Reino de Deus.

Mesmo que meus campos tenham sido feitos no mesmo rito, apresentam dessemelhanças em diversos aspectos. Ressalto, primeiramente, quanto às disposições para adentrar no templo de Salomão. Mantida a representação, pude verificar algumas peculiaridades que resultavam em objeções à produção de dados, uma delas é o fato de haver uma significativa inspeção dos frequentadores do rito. Ao me dirigir para a entrada do templo, que se dá pela garagem da edificação, tive que guardar os meus pertences em um guarda volume.

Esta retenção não diz respeito a todos os pertences, mas aqueles que pudessem servir para registro de quaisquer atividades no rito, como celulares, qualquer tipo de gravador, o conteúdo da minha garrafa de água, que teve que ser despejado e recolocado novamente do próprio bebedouro do Templo. A ação de não poder portar o celular limitou, por exemplo, a realização gravações de áudio que comumente eu fazia no templo da Catedral de Vitória. Depois de passar por outra inspeção de detector de metais, pude adentrar no Templo, cujo acesso é por uma escada que leva às portas do Templo maior, com capacidade para cerca de 10.000 pessoas sentadas.

Sinalo oportunamente que ainda que tenha ocorrido a restrição do uso do celular dentro do Templo maior, foi possível conhecer uma interlocutora ainda fora do templo, no pátio externo. Estela⁵³ é uma senhora, comerciante, membra da IURD do Templo de Salomão que após me conhecer, pediu meu telefone para que mantivéssemos contato em períodos em que eu não fosse às reuniões da Terapia do Amor em São Paulo. A partir disso, preservamos contato pelo aplicativo *Whatsapp* até a presente data. No decorrer dos próximos capítulos, trarei algumas falas gravadas e transcritas de Estela, que se traduzem em aconselhamentos

⁵³ Codinome escolhido aleatoriamente.

quanto a questões que circundam sobre a “mulher de Deus”, segundo os ditames iurdianos.

O Templo maior é disposto com detalhes luxuosos, como os candelabros dispostos nos vãos laterais do Templo, as 12 enormes pedras afixadas no altar, que se referem às 12 tribos de Israel e as roupas dos obreiros e obreiras. Vestidos de uma túnica de tecido branco e faixa dourada na cintura, as mulheres usavam adornos dourados na cabeça, como tiaras e presilhas. O altar, antes do início do culto fica encoberto por uma imensa cortina de tecido fino dourado. Há dois telões, um de cada lado do altar, para que todos os sujeitos do templo possam assistir a preleção do pastor ou bispo, bem como da “dona”, esposas destes.

Antes que se inicie o rito da Terapia do Amor, com quase 10.000 pessoas sentadas, ouvimos o toque de um shofar⁵⁴, um instrumento feito com um chifre longo de carneiro, muito usado nas festas judaicas narradas na bíblia. Assim que é tocado, abrem-se as cortinas do altar. Diferente das canções gospel tocadas na Catedral de Vitória, as quais eram executadas ao som de um teclado e sem um ministro ou cantor específico para isso, no Templo de Salomão o próprio bispo André⁵⁵ inicia o rito com uma linda voz. No Templo, os pastores e bispos não usam só calça social, camisa e gravata, como na Catedral de Vitória. Os bispos e até os assistentes usam terno e gravata.

Como na Catedral de Vitória, o rito no Templo de Salomão é voltado também para os casais, solteiros ou não, e circunda também sobre os motes da heterossexualidade, orientações para as mulheres no que tange ao seu papel na família, no zelo com os filhos e submissão e suporte aos maridos. O empreendedorismo acionado pela Teologia da Prosperidade é disposto em diversas campanhas e orações, nos quais os sujeitos fazem votos pecuniários para lograr êxito e sucesso no âmbito financeiro. As questões acerca da fidelidade conjugal e a castidade dos sujeitos também são recorrentemente sinaladas como prova de convenção com Deus. No momento da palestra, a “dona” Isabel⁵⁶ também orienta ao lado do bispo André.

⁵⁴ *Shofar* significa algo como “chifre curvado de um carneiro”, e na Bíblia sempre se refere a um instrumento musical feito com um chifre longo de carneiro, com uma das extremidades virada para cima. A palavra hebraica *shophar* é usualmente traduzida como “trombeta” ou “corneta” na Bíblia, assim como também é o hebraico *hatsotsrah*, que era uma trombeta feita de prata batida. Disponível em < <https://estilodoracao.com/shofar-significado/>>. Acesso em 15 de março de 2020.

⁵⁵ Codinome atribuído ao bispo da IURD do Templo de Salomão.

⁵⁶ Nome escolhido aleatoriamente para a esposa do bispo da Terapia do Amor no Templo de Salomão.

O bispo e sua esposa, assim como na Catedral de Vitória são jovens, mas se vestem de forma sofisticada. Sobrelevo este fato, pois na Catedral de Vitória, o bispo e sua esposa possuem um hábito de vestimenta mais simples. Realço também que, assim como ocorreu na Catedral de Vitória, uma advertência no que diz respeito à preservação da família heterossexual como bojo de campanha nas eleições de 2018 era reiteradamente evocado como uma meta a ser buscada por todos. A maioria dos sujeitos, em ambos os templos, se perfazia de mulheres.

Figura 2: O Templo de Salomão



Fonte: Site da Igreja Universal.⁵⁷

⁵⁷ Disponível em <<https://www.universal.org/bispo-macedo/post/santidade-ao-senhor/>> acesso em 22 de março de 2020.

CAPÍTULO 4 – DOS DISCURSOS E CONVENÇÕES NORMATIVAS SOBRE O MODELO DE MULHER DE DEUS IURDIANA

Contextualizado a Terapia do Amor em ambos os campos, intento neste capítulo, explanar sobre o empreendedorismo familiar, no qual a Teologia da Prosperidade é deslocada para a esfera familiar, sendo esta proposta como análoga a uma empresa. Por fim, circundo sobre o cuidado de si como um princípio ao qual a mulher deve se dedicar para perfilar como modelo de mulher a ser seguida para além dos muros da igreja.

3.1 A ética do empreendedorismo familiar

Satisfaz nesse ápice, aventar sobre o cariz empreendedor da família iurdiana, que em grande medida, se correlata com a Teologia da Prosperidade. Em campo, observei várias prédicas voltadas para o influxo da constituição familiar como expressão de convenção com Deus. Não obstante, não se trata apenas de conceber o casamento como forma de se aproximar de Deus, ou seja, casar-se e constituir família não apraz suficientemente à pedagogia da família iurdiana. O que é assaz favorável aos cânones sobre a conjugalidade da IURD, diz respeito ao empreendimento familiar na busca do alcance da “vida abundante”, ou seja, ao empenho de acúmulo de recursos financeiros para a aquisição de bens materiais e resultante desfrute da vida no plano terreno.

Proponho uma observação do empreendedorismo de si que se dá sobre a noção de *homo economicus* tencionado por Foucault (2004), onde o sujeito engendra lograr êxito na esfera financeira, se propondo e se inscrevendo como um gestor de si. Assim, através do próprio capital humano, o empreendedor de si aspira gerar recursos e conseqüente riqueza. Tenciono um deslocamento desse empreendedorismo de si para o “empreendedorismo familiar”, tão estimulada nos discursos pastorais da IURD.

Dito isto, trago em relevo que a IURD dispõe de vários projetos e ritos de cunho empreendedor, como o *intellimen*⁵⁸, destinados aos homens, o culto da

⁵⁸ “Você já deve ter sacado que o nome do projeto é uma junção das palavras em inglês intelligent (inteligentes) e men (homens). Escolhemos esse nome porque além de soar como um super-herói, que todo homem secretamente aspira ser desde criança, ele engloba tudo o que o projeto aspira: formar homens inteligentes e melhores em tudo. Não prometemos superpoderes como levantar ônibus com um dedo, voar ou invisibilidade — mas estamos trabalhando nisso.”. Definição do projeto, disponível em <<https://sites.universal.org/intellimen/>> acesso em 28 de novembro de 2019.

prosperidade, realizado nas segundas-feiras, e, nesta pesquisa, a Terapia do Amor, cujo mote recai mormente sobre a modelagem dos homens e mulheres no casamento. Reiterando oportunamente, que mesmo aos solteiros ou divorciados, o encorajamento ao casamento como forma de obtenção da comunhão com Deus e consequente possibilidade de conquista da vida abundante são amplamente assinalados. À vista disso, explana Gomes (2005):

De fato, trata-se de um de seus principais atrativos, na medida em que os fiéis também podem buscar a saúde financeira. Este discurso é muito significativo, já que a maioria dos integrantes da igreja provém de classes mais pobres, embora tal tipo de pregação seja bem acolhido também pelas chamadas camadas médias (ibid, p.103).

O planejamento familiar e o encorajamento à gestão financeira pela família são quesitos continuamente evocados para que a família logre êxito e sucesso na vida financeira. Em um dos ritos da Catedral de Vitória, cuja preleção se dirigia à preservação do casamento e ao combate contra o divórcio, atribuindo a este último, uma ação maligna, uma obreira se dirigiu a mim com o livro *Casamento Blindado 2.0* em mãos. Ressalto que fiquei surpresa com a aproximação da obreira (bem vestida e maquiada), já que eu me sentava sempre nas últimas cadeiras da Catedral. A obreira se dirigiu até mim e me perguntou como eu estava, ao que respondi: “Estou bem, obrigada!”, já de pé e cumprimentando-a, eu disse o meu nome, ao que ela respondeu: “Eu tenho te visto, Valéria!”.

Destaco aqui o que havia lido em outras pesquisas e que pude perceber desde os primeiros campos, que é o agenciamento por meio da vigilância e controle dos atores dispostos no átrio, lida pela noção do “poder disciplinar” de Foucault (1997). Concluí que aquela obreira já costumava me observar e sabia o meu nome por meio da Olívia, minha interlocutora desde o meu primeiro campo na Catedral de Vitória. Quanto ao êxito financeiro e a pugna contra o divórcio neste rito, trago a fala do pastor Davi:

Estejam certos de que se forem bem-sucedidos nessa terra, serão odiados pelo mundo, o mundo não quer ver o seu sucesso, e quem sabe, você que está crescendo diante dos homens, se vê dividido entre a vida com Deus e as coisas do mundo. Se você que está em nossa catedral, seja você obreiro em outra igreja, ministro, presbítero, venha até a frente que eu irei orar por você. E com uma canção as pessoas vão à frente, e o pastor faz uma oração em que repreende o divórcio, os problemas financeiros e que todos escolham para viver para Deus e não para o mundo (PASTOR DAVI)⁵⁹.

O deslocamento do empreendedorismo de si para o empreendedorismo familiar que eu tencionei anteriormente pode ser observado em vários trechos do

⁵⁹ Transcrição de áudio do culto Terapia do Amor, realizado em 20 de setembro de 2018.

livro *Casamento Blindado 2.0*, escrito pela filha de Edir Macedo, Cristiane Cardoso, e seu esposo, Renato Cardoso:

Há uma maneira eficaz de homens e mulheres resolverem os problemas conjugais e evitar que se repitam sem ferir ninguém no processo. Eu chamo essa maneira de “tratar seu casamento com uma empresa” (...). A ideia é se lembrar dos objetivos do casal e ter uma visão mais clara de onde vocês querem chegar para, assim, errar menos. Acompanhe o raciocínio. Por que alguém começa uma empresa? Qual o objetivo? Pode haver muitos. Ganhar dinheiro é um dos óbvios. Ser seu próprio patrão e assim ter maior independência é outro. Muitos sentem a necessidade de realizar seu potencial e veem no criar uma empresa um meio para isso (CARDOSO e CARDOSO, 2017, p.59).

Daí outro benefício de ver seu casamento como uma empresa: entender que ele é o seu maior investimento. Pessoas casadas normalmente são mais estáveis financeiramente e em todas as outras áreas da vida, como: saúde, espiritualidade e família. Não tem sentido você sacrificar suas emoções para ter sucesso no trabalho, mas não no seu casamento (ibid, p.79).

“Quando aprendi que o meu casamento é uma empresa, entendi que mesmo as minhas menores decisões e atitudes têm que estar ligadas aos nossos objetivos a longo prazo” (ibid, p.62). A relação análoga da família com uma empresa é disposta sob um *ethos* econômico, no qual é prescrito um rigoroso controle dos gastos. Assim, a forma como as famílias administram seus recursos se traduz em uma pedagogia empreendedora que contempla o uso de orçamento familiar. Para a consecução do sucesso deste projeto é disponibilizado uma planilha orçamentária no site do Casamento blindado:

Se vocês quase nunca conseguem realizar seus objetivos financeiros, costumam gastar mais do que ganham ou entram em dívidas maiores – provavelmente é porque não têm ou não seguem um orçamento familiar. Orçamento é um plano que inclui previsão de receitas e despesas futuras a fim de alcançar um objetivo financeiro. Nenhuma empresa de sucesso opera sem um orçamento. Se vocês tratarem seu casamento com uma empresa também nesse aspecto, poderão garantir o sucesso e prosperidade em pouco tempo (...). Encontre nesse link uma explicação detalhada de como criar e manter um orçamento familiar: CasamentoBlindado.com/dinheiro (CARDOSO e CARDOSO, 2017, p.234-235, grifo meu).

Mafra *et al* (2012) sublinham que a partir das práticas canônicas da Igreja Universal, os sujeitos são encorajados ao autorreconhecimento e assim, se tornam agentes empreendedores. É profícuo ressaltar que, a partir das falas do líder da IURD por meio de livros, mídias, ou sermões, bem como a reprodução de suas prédicas pelos pastores que compõem a denominação, resulta o êxito do poder pastoral manifestado como um poder individualizador. O mesmo se converte em uma tecnologia sofisticada, já que, singularmente, conglobera a pedagogia familiar com a pedagogia econômica individual. De acordo com Almeida (2017):

A doutrina religiosa é capaz de gerar disposições empreendedoras de caráter individualista. O mérito decorre do esforço ativo e da atitude empreendedora, e não propriamente do capital social e de suas distinções sociais. O discurso da prosperidade material, resultante e de atitude empreendedora, é valorizado religiosamente e adotado como ética econômica (ibid, p.15).

Quanto à posição hierárquica e patriarcal no âmbito familiar, os homens são obstinadamente incitados ao empreendedorismo de si através dos discursos pastorais. Isto posto, proponho a observância do que acentua Stanley:

A masculinidade patriarcal cria o homem com a expectativa de que a sociedade lhes permitirá o papel de únicos protetores e provedores de suas famílias. A política fascista distorce a ansiedade masculina, acentuada pela ansiedade econômica, transformando-a em temor de que a sua família esteja sob ameaça existencial por parte daqueles que rejeitam sua estrutura e suas tradições (STANLEY, 2019, p.134).

A proposição de Stanley sobre o papel provedor do homem relativamente à família é validada por Cardoso e Cardoso (2017), ao afirmarem que: “o homem foi designado o provedor da família. Quer dizer, não há como ele fugir dessa maldição (...). A pressão de sustentar a família, de ser o caçador, de não deixar a família passar necessidade, faz o homem cobrar de si mesmo o resultado do trabalho” (ibid, p.112-113). Macedo (2012) ratifica tal asserção, ao dizer que “toda mulher procura no homem a sua proteção, segurança. Ela é a parte mais dócil, frágil e, como tal, deseja encontrar alguém que a sustente e lhe dê condições. O homem agrada a mulher quando a assume” (ibid, p.70).

Conquanto, há que se considerar que as mulheres que estavam nos ritos que eu frequentei por mais de um ano, normalmente trabalham. Digo isso, pois muitas delas iam vestidas com o uniforme da empresa em que trabalhavam. Esse caráter da família iurdiana, onde ambos, mulher e homem trabalham, não é ainda suficiente para que as mulheres sejam emancipadas em relação ao marido, na concepção da igreja. Como supracitado, compete ao homem a atribuição de provedor e, em vários ritos, a ênfase da submissão feminina aliada à competência de administração financeira foi frequentemente assinalado.

O estímulo ao empreendedorismo dos “chefes de família” constitui outra recorrente abordagem nas prédicas pastorais. Assim, os homens são fomentados a adquirirem seu próprio negócio, ao invés de permanecerem como empregados de uma empresa. Em um dos ritos, o pastor Davi reiterava que os homens casados que não empreendem, são suprimidos pelo desempenho da esposa, já que ela é capaz de trabalhar, ganhar mais do que o marido e ainda cuidar de si e de sua casa. Deste modo, conforme o pastor Davi, o casamento fica suscetível ao divórcio:

Você quer ver outro grande motivo que causa o divórcio? A questão financeira. Sua esposa não se importa de comer arroz e feijão com você por uns dias, o problema é a falta de perspectivas de quando essa situação vá mudar! Então, o que angustia a mulher? É a falta de perspectiva, a indefinição por algo novo e empreendedor! O cara está em um emprego satisfeito com o cargo dele e a única ambição dele é ser promovido! Ai depois de alguns anos se aposenta e vai ganhar quanto de aposentadoria? Então a mulher que faz conta, a mulher que pensa, vai logo perceber que ela não vai prosperar do seu lado. Existe algo chamado teto salarial e que dele você não passa! A mulher começa a trabalhar e quando ela faz isso, faz com sucesso, porque ela trabalha, ela se cuida e ainda cuida da casa, costura, cozinha e daqui a pouco ela vai estar ganhando mais do que você e vai começar a cobrar de você: é só até aí que você vai? Não existe solução fácil para problema difícil! Esteja hoje fazendo algo olhando o amanhã (PASTOR DAVI)⁶⁰.

Machado (2005) corrobora com essa observância acerca da mulher, ao afirmar que “a pertença a uma igreja que reforça a autoestima, enfatiza o presente e estimula a busca da prosperidade, certamente ajuda na superação dos constrangimentos da cultura tradicional, favorecendo a participação da mulher na esfera econômica” (*ibid*, p.390).

Ponho em tela outro preceito que emerge da racionalidade empreendedora familiar, a saber, o planejamento familiar. Como vimos anteriormente, Macedo (2011) propõe que, através da fé racional, as famílias de baixa renda seriam levadas a elaborar o planejamento familiar, levando em conta a realidade social e econômica. Assim, famílias optariam por não ter filhos, já que o(a) filho(a) ficaria sujeito à precariedade da pobreza e à fome: “Há ainda os que ensinam que o casal não pode evitar filhos e que o sexo deve ser feito apenas para a procriação, contribuindo para o aumento da pobreza, da miséria e de todos os males daí decorrentes, deturpando a Palavra de Deus” (*ibid*, 2011, p.16).

O escopo do planejamento familiar também é localizado em casais que, ainda que de classe média, optam por adotar uma criança, ao invés de concebê-los biologicamente. Por último, como também já explanado, a racionalidade do planejamento familiar atravessa a opção de vasectomia pelos homens, precipuamente pelos pastores e bispos, bem como a aquiescência do aborto, tema que foi amplamente debatido pela mídia, já que o líder da IURD, Edir Macedo, posicionou-se favorável à prática. Conforme Teixeira (2012):

Para tornar-se racional ou cheio do Espírito é preciso entregar-se ao desenvolvimento prático de uma ascese para a vida e para o trabalho, tendo a disciplina e o sacrifício como características principais. Tal suposto emerge como mola propulsora das práticas rituais da IURD e dos sentidos atribuídos à prosperidade, pois, o fruto da fé racional seria a vida abundante em recursos materiais e espirituais, é nessa lógica que se faz a relação

⁶⁰ Transcrição de áudio do culto Terapia do Amor, realizado em 20 de setembro de 2018.

entre planejamento familiar, legalização do aborto e prosperidade (ibid, p.90).

Outra relevante observância acerca do planejamento familiar é proposto por Gomes (2009), ao depreender que “na mesma medida, cabe observar que a questão do planejamento familiar é inerente à noção de “harmonia familiar”, aparecendo em seus registros oficiais desta maneira” (ibid, p.111).

A busca pela “vida em abundância”, individual e familiar, é condição necessária à edificação da fé, assim como a transmissão desses valores. Ao questionar os aspectos socioeconômicos, religiosos e emocionais inscritos no debate sobre o aborto, Edir Macedo e outras lideranças da igreja utilizam categorias constitutivas da cosmovisão iurdiana, o que marca a distinção desta igreja no campo religioso, inclusive entre as neopentecostais. Nesta perspectiva, a efetividade do planejamento familiar e a descriminalização do aborto estão em consonância com a boa conformação da “família de Deus” concebida pela IURD (GOMES, 2005, p.117).

Cardoso e Cardoso (2017) ratificam estas elucubrações através do livro *Casamento Blindadas 2.0*, ao enfatizarem que ter filhos não é uma premissa para a constituição da família, deste modo, propõem que desde o casamento, homem e mulher já constituem a família:

Um dos erros comuns cometidos por recém-casados e seus parentes é achar que enquanto o casal não tem filho, não deve ser visto como uma família. Mas a família se forma no dia do casamento e, a partir de então, deve se comportar como tal. O homem se une à sua parceira e se tornam uma só carne (...) Se vocês são uma só carne, quando cuida do seu cônjuge está cuidando do seu próprio corpo e quando ele cuida de você, está cuidando dele mesmo. Infelizmente, muitas mulheres pensam que esse é o tipo de relacionamento que devem ter exclusivamente com seus filhos, sangue do seu sangue (ibid, p.149).

Diante das postulações acerca da racionalidade, é possível observar que a premissa do empreendedorismo familiar envolve preceitos individuais, recaindo sobre o homem e à mulher, sermões que engendram a formulação de uma ideia específica de família, a saber: empreendedora, patriarcal, heterossexual e racional (no que toca ao planejamento familiar). Deste modo, pelo poder pastoral (Foucault, 1990; 2008a; 2015) é estabelecido um ‘modelo’ de família, que é apreendido pelos sujeitos como sendo uma verdade, ou seja, como a vontade de Deus. Proponho ler esse contexto pelo viés do “regime da verdade” proposto por Foucault (1997; 2016), que incide transversalmente nas subjetividades individuais e, neste caso, na subjetividade familiar, conferindo uma performatividade familiar que contemple a proposta canônica da IURD sobre a conjugalidade. Ressalto a performatividade produzida por discursos sobre os sujeitos inscritos na família. Segundo Butler (2019, p.372), “se o poder do discurso para produzir aquilo que ele nomeia está relacionada

com a questão da performatividade, logo a performatividade é um domínio no qual o poder atua como discurso”.

É factível ademais observar que através do planejamento familiar, decorre também a gestão da sexualidade pelos ditames da Igreja Universal, operado pelo biopoder (Foucault, 2004), já que a natalidade se traduz em uma pauta sobre a qual há uma disposição de pujantes discursos úteis (Foucault, 2015) que se lançam sobre os sujeitos religiosos, voltados para o controle da natalidade por meio de dispositivos contraceptivos, a vasectomia e o aborto. Deste modo, se promove a gestão da família, alvo do Estado, pois conforme Foucault (2010a;2010b), a gestão do Estado é enviesado com a gestão das famílias. Isto posto, alvitro que é assaz favorável ao contexto neoconservador hodierno, a proposição da família heterossexual, pois assim, o neoconservadorismo que emerge na atualidade, encontra eco nas práticas e ditames iurdianos.

3.2. A família de Deus e o casamento blindado: a pugna contra o divórcio, adultério e a “mulher ideal”

Como mencionei anteriormente, nas alocações dos pastores e bispos da Igreja Universal, precipuamente na Terapia do Amor, rito que elegi para produção de dados, o empenho dos sujeitos inscritos nos átrios em constituir a família nuclear é evocada constantemente como uma evidência de convenção com Deus. Não obstante, é irrevogável a observância de certas concepções para que a família seja concebida e admitida como confirmação da obediência a Deus. A saber, a submissão feminina, o exercício do cuidado de si a partir da ética e estética da existência, que promovam, transformem e produzam uma subjetividade feminina que satisfaça tal arranjo.

Nessa conjuntura, há uma oferta de inúmeros cursos destinados a mulheres para que essas desenvolvam as especificidades do ‘amor inteligente’, para que a “família de Deus” atue em conformidade com as premissas da família tradicional iurdiana. A métrica da heterossexualidade é reivindicada dinamicamente como evidência irrevogável da presença de Deus, bem como, compete às mulheres, essencialmente, a busca pela preservação da família, para que a mesma não seja destituída pelo divórcio.

Ponho em movimento também, a prescrição da castidade até o casamento, como sendo uma norma tanto para os solteiros, quanto para os

divorciados. Estas alocações empreendem a instauração da família como centralidade da convenção dos sujeitos com Deus. Acentuo, oportunamente, que o líder da Igreja Universal propõe em seus livros destinados à família como o *Perfil da mulher de Deus*, o *Perfil do homem de Deus*, o *Perfil da família de Deus*, entre outros, uma peculiar doutrina sobre a mulher. Cumpre à mulher o encargo de proporcionar condições que resultem não só na preservação do casamento, mas precipuamente, a mulher emerge como dirigente do bom-sucedimento da família e, mais especificamente, do seu marido. Assim, será a responsável tanto pelo seu sucesso, como pelo fracasso.

“O sucesso de um homem, não importando a profissão que exerça, depende muito da mulher que faz parte da sua vida. Ela é, na verdade, corresponsável tanto pelo seu sucesso quanto pela sua desgraça” (MACEDO, 2017, p.12). A mulher e seu papel, conforme Macedo (2017):

é quem edifica a sua casa, cabe à mulher a responsabilidade da estrutura básica do seu lar. É a mulher que cuida da casa, providencia o alimento para as crianças, lava a roupa, enfim, cuida de tudo o que se relaciona aos membros da sua família (...) (MACEDO, 2017, p.70) O ministério da mulher de Deus é cuidar do marido, dos filhos e da casa (ibid, p.77).

À vista disto, trago a fala gravada de Estela, minha interlocutora do Templo de Salomão, quanto à centralidade e responsabilidade atribuída à mulher, segundo os ditames iurdianos:

Valéria é muito bom podermos manter este contato. Aos poucos, você vai entender e aprender que a sua salvação e de toda a sua família dependem de você. Por isso, não desista, caso haja perseguições dos seus pais (sic) e amigos, que certamente vão estranhar a nova maneira como você vai viver a vida: para Deus, atraindo toda a sua família para o altar e com os cuidados com você mesma. Eu vou te passar passo a passo, como você deve agir para que aprenda a ser uma mulher de Deus (sic). (ESTELA)⁶¹

A perspectiva ofertada por Estela refere-se à centralidade da mulher, que operacionaliza ações em nome do “amor” à família, suscitando sua função de gestora da estabilidade de seus cônjuges e de todos os outros membros que compõem sua família. Tais encargos recebem precipuamente a influência da religião, sendo esta última, a provedora de prédicas acerca da atuação feminina no casamento. Tal escopo coaduna com o papel de mediação feminina formulada por Birman (1996), na qual às mulheres é facultado o comprometimento da preservação de toda a sua família interiormente no átrio. Dito isso, compete à mulher, inclusive, a educação dos filhos, caso os tenha.⁶²

⁶¹ Transcrição de áudio do dia 9 de outubro de 2018.

⁶² Me refiro ao planejamento familiar explanado na seção anterior.

As mulheres que participam do rito da Terapia do Amor, tanto em Vitória quanto no Templo de Salomão, buscam auxílio terapêutico da igreja para a resolução de questões que envolvam suas aflições na vida cotidiana. Entre elas, podem-se mencionar questões relacionadas à esfera familiar, como a busca por um parceiro; a atuação da mulher no que tange à conversão dos seus familiares; a busca de cura de enfermidades; as práticas relacionadas ao cuidado de si, como a estética e as finanças; as campanhas profusas em prol da prosperidade, entre tantos outros motivos e, finalmente, a pugna contra o divórcio.

Dito isto, passo a narrar como em meu primeiro campo, na Catedral de Vitória-ES, ao me pronunciar como divorciada em conversa particular minha interlocutora Olívia⁶³, fui alvo de seu discurso no qual se posicionou quanto ao meu divórcio:

Por que você chegou a esse ponto (o divórcio)? Há muitos anos na minha vida, eu estava tão destruída que eu tive que vir para a igreja. Eu estava uma frangalha! E você pode perguntar: por que, Olívia? E eu te digo: sou casada, né (sic)? E me pergunta: Quando foi que você se divorciou? Eu: há 2 anos. Ela: e só agora você vem buscar um companheiro? Eu: não sei se quero um novo companheiro. Ela disse: Sabe quantas vezes eu tive que mandar meu marido para fora de casa? Todos os dias durante cinco anos. Meu esposo Paulinho é grosso, me batia muito, bebia e usava drogas, agora, graças à igreja ele mora comigo como amigo. Somos casados, mas sem relações sexuais, porque é da vontade de Deus que não haja divórcio! E eu estou aqui, orando pela vida dele. E ele não aceita o divórcio também! Ela segue: "Meu marido saiu da fé e eu permaneci e quando ele saiu, todas as desgraças recaíram sobre nós. Ele me agrediu, se drogou, me traiu e agora ele não frequenta mais a igreja, mas eu frequento e faço as campanhas de oração e sacrifício por nós dois!".⁶⁴

Em seu livro *O perfil da família de Deus*, Edir Macedo prescreve quanto ao posicionamento que as mulheres devem assumir em caso de violência verbal ou física. "Caso o cônjuge seja 'endiabrado': se for mulherengo; bêbado; perverso; malcriado? Se de sua boca só saírem palavrões? De que modo conviver com tal situação? Você diz para si mesma que vai à igreja, ora pelo marido e parece que quanto mais ora, pior ele fica" (MACEDO, 2012, p.49-50). A esposa deve proceder da seguinte forma, segundo Macedo (2012):

Em primeiro lugar, você deve olhar para o seu marido como se ele fosse o Senhor Jesus, tendo uma visão dele como se fosse o próprio Salvador. Se você tiver esta visão, naturalmente tomará atitudes compatíveis. Obviamente isso fará com que as suas atitudes caseiras em relação a ele sejam muito bem recebidas. Faça seu prato predileto; deixe sua roupa muito bem lavada e passada; arrume seus pertences pessoais em seus devidos lugares, mantenha a casa limpa; enfim, administre a casa de acordo com o gosto dele. Isto o fará ver o quanto você é virtuosa (ibid, p.49-50).

⁶³ Codinome escolhido para a interlocutora.

⁶⁴ Transcrição literal de áudio feita no dia seis de setembro de 2018 no rito Terapia do Amor, na Catedral de Vitória-ES.

Trago em relevo um sermão do pastor da IURD durante uma das minhas inserções em campo, que diz respeito ao encargo das mulheres e as lides domésticas, conferindo uma identidade de bem aventurança às estas, que concebem tal papel como sendo de propriedade das mulheres. Em meu primeiro campo, ouvi o pastor Davi dizer às mulheres: “Quer um marido que te acompanhe na igreja? Comece a cozinhar para ele! É assim que se faz!”⁶⁵.

Proponho agora, observarmos a forma como a violência doméstica é sublinhada por Olívia sem conferir a este fato um caráter de anormalidade. Dito isto, sublinho a fala de Macedo (2012) sobre essa conjuntura: “Se ele a agredir, não revide. Não fale mal dele para ninguém, muito menos comente os seus erros! Veja-o com bons olhos, repare o seu lado bom e as suas virtudes. (...) Você deve se manter calada e confiar que Deus irá defendê-la!” (MACEDO, 2012, p.50-51).

Vilhena (2009) confere um caráter utópico o fato de se atribuir à origem da violência como uma condição de classe, no caso, a pobreza, bem como a preservação do mutismo no que toca ao encobrimento do fato de que os lares de muitas mulheres e crianças se constituem um sítio das mais tirânicas agressões. “Esta forma de violência, infelizmente tem levado o sistema da justiça criminal, a opinião pública e a religião, a tolerarem por muitas vezes esta situação, e isto significa uma faceta de um problema social mais grave, que é a violência de homens contra mulheres “ (*ibid*, p.25). A Lei n. 11.340/2006 ou “*Lei Maria da Penha*”⁶⁶ diametralmente observa em seu artigo 6º que: “A violência doméstica e familiar contra a mulher constitui uma das formas de violação dos direitos humanos”.

Diante deste contexto, é factível observar a atuação do poder disciplinar (Foucault, 1997) que atua sobre os corpos, com vistas à imposição de uma modelagem de comportamento que atenda ao agenciador. Deste modo, se torna possível tencionar que o homem, na condição de ‘chefe de família’, proceda como sendo portador de um poder soberano (Foucault, 1999) sobre o lar, e que através da punição de gênese disciplinar, aja com violência sobre sua esposa, se considerando soberano sobre o seu corpo⁶⁷, fazendo com que sua esposa lhe deva submissão. Edir Macedo postula acerca da submissão feminina: “A posição da mulher é a

⁶⁵ Transcrição literal de áudio do rito Terapia do Amor, realizado na Catedral de Vitória, em setembro de 2018.

⁶⁶ Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.(atualizada até a Lei nº 13.772, de 19 de dezembro de 2018). Disponível em <http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/CSP/Lei%20Maria%20da%20Penha%20e%20Feminic%C3%ADdio%20-%202019.pdf>. Acesso em 24 de novembro de 2019.

⁶⁷ “A mulher não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido. Da mesma forma, o marido não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim a mulher”. I Coríntios 7:4

mesma da Igreja: submissa; dócil; bondosa; cheia de amor e alegria; esperando por seu marido assim como a Igreja espera pelo Senhor Jesus” (MACEDO, 2012, p.42).

Campos (1997) tencionou sobre o papel subalternizado assumido pelas mulheres iurdianas ao questionar: “Se o pentecostalismo é tão cruel com as mulheres, por que elas se constituem a maioria em suas congregações?” (*ibid*, p.443). Segundo o autor, há um delineamento ambíguo sobre a atuação feminina, já que, podendo assumir o cargo de obreira, a mulher se concebe valorizada, ao passo que, concomitantemente, se sujeita à condição de submissão ao marido como uma evidência de comunhão com Deus. Segundo Campos, este paradigma é promovido pelos pertinazes discursos pastorais que envolvem a família e o encargo da mulher, no recôndito do seu lar. Assim, os discursos são lidos pelo autor como uma “uma tentativa frustrada de conciliar modernidade e arcaísmo”.

Acerca da fala de Olívia, sobrelevo também o fato dela sugerir que eu estivesse em busca de um “novo companheiro”, ou seja, que fosse me relacionar novamente com outra pessoa do sexo masculino, como em meu relacionamento anterior. A heterossexualidade é reiteradamente assinalada por pastores e sujeitos religiosos como única forma de arranjo familiar.

Faz-se oportuno propor em revelo, o imperativo da heterossexualidade engendrada por padrões morais decorrentes do cristianismo, operados não só por pastores e bispos da Igreja Universal, mas pelo aglutinado das religiões cristãs, como desígnio de composição, que perpassa pela reprodução e monogamia. Segundo Foucault (2014), a moral cristã dispõe três princípios sobre a sexualidade. A primeira diz respeito à imposição da monogamia; a segunda, à função exclusiva do sexo como forma de reprodução; e por último, a desqualificação ampla do sexo como fonte de prazer. Não obstante, Foucault sobressalta que o imperativo da heterossexualidade apraz à gestão da sexualidade, traduzindo-se, portanto, em um dispositivo político.

Em coadunância com Foucault, Butler (2003) avulta que o gênero e a heterossexualidade são discursos políticos, por isso essa tentativa de localizar o gênero e identidade inseridos numa heteronormatividade para ditar a ordem compulsória do sexo, gênero e desejo. Foi o que a autora intitulou de “heterossexualidade compulsória”. Butler aventa ainda, que a fixidez de gênero promove sua inteligibilidade nominada como “gênero inteligível”. Deste modo, a inteligibilidade de gênero propicia uma relação de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo.

Isto posto, destaca-se que, na contemporaneidade, a FPE tem atuado com acentuada inclinação à promoção e preservação do modelo heterossexual patriarcal de arranjo familiar. Almeida (2017) pontua que a atuação dos parlamentares no que toca a mulher, em seus direitos reprodutivos, sexuais e como integrante da família nuclear e heterossexual, é promovida através de uma vivaz orientação moral e religiosa.

Isto posto, retomo o Estatuto da Família, que caracteriza como sendo família, apenas o “núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”⁶⁸. A normatividade idealizada em torno “da sexualidade por parte do Estado e a ordem sexual, se concretiza com a institucionalização e valorização do casamento monogâmico” (BIROLI, 2014, p.8).

Segundo Biroli (2014, p.8), “falar em família é falar de uma realidade social e institucional, profundamente política tanto nos fatores que a condicionam quanto em seus desdobramentos.” Rolnik (2018) corrobora, dizendo que sob a égide de uma ideologia familista, a religião e a política promovem uma consonância de cariz moralista e neoliberal, cujas ações consistem em “mobilizar a volta aos valores da heterossexualidade monogâmica da família nuclear patriarcal como forma absoluta de laço social” (ROLNIK, 2018, p.168).

Assim como Campos (1997), mencionado mais acima, Sá (2018) também indaga sobre a ampla participação do público feminino na IURD: “Esses preceitos bíblicos levam-nos a uma questão que é tanto paradoxal quanto inevitável: como é que uma igreja tão misógina tem um rebanho onde dois terços são de mulheres?”⁶⁹ (*ibid*, p.55). Isto posto, cumpre destacar que, conforme o Censo de 2010, as mulheres representam 55,7% da população denominada como “evangélicos” do país, com um contingente de 42,3 milhões de pessoas.

Dito isto, tenciono em como a pedagogia do voto, que promove o deslocamento do sujeito religioso que era apenas religioso, para um sujeito que se insere na política a partir da pedagogia eleitoral, se desloca para a produção de “sujeitos políticos”, envolvendo, portanto, o contingencial de mulheres que são

⁶⁸ Disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/472681-camara-aprova-estatuto-da-familia-formada-a-partir-da-uniao-de-homem-e-mulher/>>. Acesso em 20 de novembro de 2019.

⁶⁹ Também é uma das igrejas que apoiaram a eleição de Bolsonaro à Presidência; o PRB, dirigido pelo bispo licenciado da Universal Marcos Pereira, faz parte da base aliada do governo. Disponível em <<https://apublica.org/2019/05/mulheres-virtuosas/#.XaZmvFRQOh8>>. Acesso em 25 de novembro de 2019.

influenciadas a votarem em candidatos específicos que aprazem à denominação neopentecostal da Igreja Universal.

Sabe-se que a política eleitoral é um tema tratado no púlpito da Igreja e que isso possibilita a socialização das opiniões e a influência das lideranças religiosas sobre os fiéis que, além dos níveis elementares de educação, apresentam pouca ou nenhuma participação em movimentos sociais, organizações associativistas ou político-partidária (...). Sinteticamente, poder-se-ia afirmar que a rede de relações religiosas desdobra-se em uma poderosa rede de relações políticas e que as fervorosas fiéis aprendem a importância do ativismo político-religioso (MACHADO, 2005, p.394).

Trazendo a tona a possibilidade de resistência diante das capturas do discurso homogeneizante pastoral sobre a sexualidade, Butler (2003) afirma que:

Só o contingente de pessoas incorporadas que não está engajado em relações heterossexuais nos limites da família, que toma a reprodução como fim ou telos da sexualidade, contesta efetiva e ativamente as categorias do sexo, ou, ao menos, não concorda com os pressupostos e objetivos normativos desse conjunto de categorias (*ibid*, 211-212).

Cumpre neste vértice, sinalar sobre a sexualidade e, mais especificamente, ao sexo conjugal considerado aceitável a Deus, no que se refere aos ditames iurdianos. Conforme o pastor Davi:

A sexualidade do homem é física, ele pode até não estar pensando nisso e de repente...as pessoas sabem do que estou falando⁷⁰. Se ele está bem de saúde vai passar uma semana, na segunda, já vai passar mal. E o que vai acontecer? Vai buscar de maneira errada se satisfazer, através da masturbação, pornografia ou é olhando para outra mulher. Então a incontinência (sic) sexual do casal vai causar uma divisão. Você quer ver algo que acontece quando não se tem intimidade? É começar a brigar por qualquer motivo (PASTOR DAVI)⁷¹.

As deliberações canônicas acerca da prática sexual conjugal são dispostas sobre um assente de desfrute do desejo sexual pelos cônjuges. Não obstante, há a imposição de uma conduta sexual assentada sobre uma austeridade normativa, cujo escopo se lança sobre a santidade. Como supracitado, o pastor Davi propõe que as mulheres se disponham à prática sexual quando pretendidas pelos seus cônjuges, para que estes não sejam levados à prática do onanismo (masturbação) e à pornografia. Esta disposição, no entanto, é sugestionada tanto aos homens quanto às mulheres. É o que Macedo (2012) intitula como “leito sem mácula”, bem como atribui como anomalia comportamental, a prática do onanismo, o sexo anal e a pornografia.

Deste modo, é possível aventar que a sexualidade conjugal, bem como a satisfação dos desejos sexuais dos cônjuges iurdianos são legitimados como uma

⁷⁰ Refere-se a ereção.

⁷¹ Transcrição de áudio do culto Terapia do amor realizada em dezembro de 2018.

ordenança divina. Percebe-se, além disso, que os ditames iurdianos concebem uma simetria entre homem e mulher quanto ao desfrute do sexo. Deste modo, o ato sexual não sofre a interdição moral religiosa de desqualificação do prazer, como sugestionada por Foucault (2015). Não obstante, há a interdição das diferentes formas do desfrute sexual, que circundam sobre os tabus da masturbação, do sexo anal e da pornografia. É o que Foucault (2015) denominou como sexualidades errantes:

O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar. (...) os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente, dizer não a todas as sexualidades errantes e improdutivas(...). Seria a família do século XIX uma célula monogâmica e conjugal? Talvez, em certa medida. Mas ela também é uma rede de prazeres-poderes articulados segundo múltiplos pontos (*ibid*, p.50-51).

Cumpra também sinalar sobre a pugna contra o divórcio, que por sua vez é lida como uma transgressão à vontade de Deus. Em um dos ritos da Terapia do Amor, ouço o pastor Davi atribuir um caráter demonizante ao divórcio. Assim, os casais que engendram tal desassociação, estariam sob a égide maligna do Diabo. Em um momento em que os casais são convidados a se dirigirem à frente do altar, Davi diz:

Para que Deus possa entrar na vida de uma pessoa o mal tem que sair. Quem tem entrado na vida das famílias para causar a degradação delas é o mal. **É o Diabo quem ganha com o divórcio**, porque zomba com a cara de Deus, porque foi Deus quem criou o casamento, o divórcio é um tapa na cara de Deus. O mundo hoje começa a disseminar que o divórcio é normal. Saiu uma pesquisa hoje dizendo que as pessoas estão se divorciando mais e os casamentos durando menos. Por qualquer problema o casal se divorcia, por qualquer briga já querem se divorciar, mas eu profetizo aqui, você não vai fazer parte dessa estatística mais. Nós vamos fazer o procedimento da Libertação porque quem está por trás do divórcio, direta ou indiretamente é o Diabo (PASTOR DAVI, grifo meu)⁷².

Dito estas palavras, com os casais dispostos de frente para o pastor, foi possível ouvir laivos e gritos. Neste momento, o pastor Davi pediu que fechassem as portas de acesso ao templo e disse aos obreiros: “ele está aqui hoje”. E continua sua oração:

Em nome do Senhor Jesus, eu entro na luta dela como eu prometi que eu iria entrar, nós entramos na luta dela, eu me dirijo a você, espírito causador dessa separação, o espírito que se alojou nesse casamento, nessa família, sai daí agora, em nome do senhor Jesus!”. [Nesse momento, o pastor vai até uma mulher, aparentemente “endemoniada” e diz:] “a troca de espírito vai chegar na tua vida! E pergunta ao ‘espírito’: o que você coloca na mente das pessoas?” E o suposto espírito diz: “eu trago o passado, eu digo que não vai dar certo, eu digo que se na vida dos pais não deu certo, na vida dela também não vai dar”. Depois de muitos bramidos, a mulher se aquieta.

⁷² Transcrição de áudio do culto Terapia do amor realizada em dezembro de 2018.

É exequível alvitrar sobre a constituição paradoxal da mulher como fulcro das atuações tanto de Deus quanto do Diabo. Isso fica nítido quando ela transita em uma subjetividade instigada nas 'verdades' inscritas nos discursos pastorais que se lançam sobre a submissão, empreendedorismo familiar e monogamia. Ao mesmo tempo, na IURD as mulheres perfazem a maioria dos sujeitos religiosos onde a manifestação demoníaca ocorre. Macedo (2012) reitera tal asserção ao postular que desde a fundação do mundo a mulher é alvo do domínio do mal por ser mais emocional, assim, o diabo a usa e manifesta através dela para dissolução do projeto da família de Deus, usando-a para disseminar o pecado por meio das entidades demoníacas.

Por fim, a constituição da família que contempla o plano familiar de Deus através da blindagem do casamento, é ameaçada pelo adultério, que ocorreria com mais frequência, como supracitado, quando a mulher não se dispõe a satisfazer os desejos sexuais do marido quando pretendida por ele. Isso ocorreria também quando ela não se inclina à submissão da liderança do seu cônjuge. Mais uma vez, o caráter 'emocional' da mulher é evocado como fomentador dessa disfunção no matrimônio.

Outra questão inclina-se à atribuição do coração de um dos cônjuges ser duro e, conseqüentemente, suscetível a não adaptar-se aos ditames iurdianos, nem a frequentarem os programas e ritos de cunho familiar e relacional, favorecendo a quebra da aliança do casamento e se rendendo a práticas sexuais fora do casamento. Isso vale para homens e mulheres. Deste modo, o critério da monogamia evocado por Foucault (2015) como um dos preceitos da moralidade cristã, dá lugar à transgressão da austeridade sexual inscrita no cristianismo. Segundo Foucault (2016), o adultério da mulher:

É imoral, desqualificado, na medida em que, estando colocada sob o poder do marido e, de certo modo, fazendo parte dos bens de que ele podia dispor legitimamente, a mulher, caso se entregasse a outro, ia contra essa estrutura jurídico-social que constituía o arcabouço geral não só do casamento, mas também da economia dos prazeres (ibid, p.146).

Diante de tais elucubrações em torno do casamento, se torna profícuo sinalar que a família se apresenta como uma instituição instrumentalizada (Foucault, 2015), que contribui para o êxito da gestão do Estado. Deste modo, o deslocamento da família como padrão e arranjo para sua instrumentalização política se apresenta como fulcro da gestão do Estado. É possível assimilar, ademais, que a família instrumentalizada é permeada de prescrições e normatividades engendradas sobre

o homem e a mulher. Isso para a contemplação de um arranjo que atenda às prescrições que se voltam tanto para o atendimento canônico iurdiano como ao cumprimento de um código de conduta política inscrita sob a égide de um neoconservadorismo que se assenta sobre o mote familiar. Destarte, o modelo da família blindada proposta pela IURD se reinscreve nos tempos hodiernos como um modelo de família que atuou em tempos arcaicos, como diria Campos (1997). É factível também, ponderar que o arranjo familiar que emerge tem no limite, como fulcro, a mulher.

A mulher se apresenta nesse escopo como uma dócil esposa, submissa ao marido, mas que engendra o empreendedorismo do seu lar. Para além disso, se inscreve na micropolítica pela pedagogia do voto, governamentalizando um *ethos* religioso e político que atenda tanto ao poder soberano (Foucault 1999), quando ao poder pastoral (Foucault 2010a), já que ambos se enleiam na gramática atual. Assim, sua subjetividade é atravessada pelo regime da verdade imposto não só a ela, mas à sociedade como um todo, já que verdades universais têm circundado os meios de comunicação e perfilado a atuação política.

Quanto à centralidade da mulher no âmbito familiar, Machado (2005) postula que:

As mulheres quase sempre associam suas escolhas religiosas com as desavenças familiares e as necessidades – materiais e espirituais – do grupo doméstico. Em outras palavras, enquanto os homens procuram a comunidade religiosa em situações que põem em ameaça a identidade masculina predominante na sociedade, as mulheres se colocam como guardiãs das almas de todos que integram a família, buscando os grupos confessionais sempre que um dos seus familiares se mostre em dificuldades. Nesse sentido, as qualidades alocadas ao gênero masculino no sistema hegemônico de representações parecem distanciar os homens das prescrições religiosas de uma forma geral e, em especial, do *ethos* pentecostal, enquanto os atributos femininos favorecem as experiências das mulheres com o sagrado e os vínculos com as comunidades religiosas (ibid, p.389).

É possível observar que, conforme Machado, distintivamente, os homens optam pela religião quando se sentem ameaçados em sua masculinidade. Assim, pretendem por meio da inserção nos átrios, a consolidação do seu papel social patriarcal por meio do dogmatismo assentado sobre a métrica do protagonismo masculino, a despeito das condições em que as mulheres são dispostas nos diversos discursos pastorais.

Gomes (2009) traz em relevo que a mulher recebe atributos múltiplos para adequar-se ao encargo familiar para o alcance do *status* de “mulher de Deus”. Assim, sua atuação compreende o desempenho da mulher como alicerce da família,

mediadora, dedicada às lides da casa, ao marido e aos filhos. Dito isso, assinala a autora que o papel da mulher ultrapassa os limites da casa, sob o assente exclusivamente tradicional: “vai além desse lugar, para o espaço público (mundo do trabalho). No entanto, essas características múltiplas somente conduzirão a família ao sucesso e à prosperidade se a mulher estiver em consonância com os princípios religiosos: ser temente a Deus, mãe atenciosa e esposa honrada”. (*ibid*, p.110)

Sobrelevo que a proposição da submissão feminina da mulher iurdiana tem sido alvo da mídia, dispostos em diversas plataformas digitais, como o *YouTube* e jornais, tendo como eixo, os sermões do líder da igreja, Edir Macedo. Destaco oportunamente a reportagem da Revista Forum sobre a asserção do líder da Universal, que em um culto transmitido ao vivo, afirmou que a mulher só deve estudar até Ensino Médio, para que não haja a supressão do protagonismo masculino. A este último, é reservado o papel de “cabeça” da família. Assim, saliento a manchete da revista Forum, cuja título constitui: “Em show de misoginia e machismo, Edir Macedo diz que proibiu filhas de fazerem faculdade: “Quero que minhas filhas casem com macho” (REVISTA FORUM, 23 de setembro de 2019)⁷³. Conforme a revista:

Em um verdadeiro show de misoginia e machismo, o bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus e dono da Rede Record protagoniza um vídeo que viralizou nas redes sociais dizendo que não permitiu que as filhas, Cristiane e Viviane, fizessem faculdade porque se estudassem seriam “cabeças” da família e o fracasso seria certo (REVISTA FORUM, 2019).

Você vai fazer até o ensino médio. Depois, se você quiser fazer a faculdade, você que sabe, mas até o seu casamento você vai ser apenas uma pessoa de ensino médio. Porque se a Cristiane. Vem cá, Cristiane. Se ela fosse doutora e tivesse um grau de conhecimento elevado e encontrasse um rapaz que tivesse um grau de conhecimento baixo, ele não seria o cabeça. Ela seria a cabeça. Não é isso? E se ela fosse a cabeça, não serviria a vontade de Deus (EDIR MACEDO, *apud* REVISTA FORUM, 2019, grifo meu).

A asserção quanto à interdição do engajamento acadêmico da mulher se traduz em um veto nas aspirações femininas no que toca ao êxito acadêmico e profissional. No livro *O perfil da família de Deus*, Macedo (2012) indaga: “Imaginemos, por exemplo, uma mulher que tenha mais idade, mais experiência e cultura, ou que esteja tecnicamente em um nível superior ao do marido. De que maneira ela se submeterá à liderança dele, na vida em comum?” (*ibid*, p.24). Quanto

⁷³ Disponível em <<https://revistaforum.com.br/brasil/em-show-de-misoginia-e-machismo-edir-macedo-diz-que-proibiu-filhas-de-fazerem-faculdade-quero-que-minhas-filhas-casem-com-macho/>>. Acesso em dois de dezembro de 2019.

à proposição do homem como o “cabeça da família” e a asseveração da submissão feminina, Macedo (2012) assevera:

Conforme narrativa bíblica, da costela do homem o Senhor criou a mulher. Ele poderia tê-la formado da mesma maneira como fez o homem, ou seja, do barro, mas fez a mulher a partir do homem, a fim de deixar evidente a posição dela em relação a ele: submissão à sua liderança (...). O homem é o cabeça, mas a mulher o coração (ibid, pp. 22-23)

Beauvoir (1970) cunhou que a submissão feminina idealizada no cristianismo emerge como uma proposta à mulher para lograr êxito na aproximação com Deus. Assim, a perpetuação hierárquica do homem sobre a mulher satisfaria a vontade do criador:

Venerando a mulher em Deus, trata-a neste mundo como uma serva: mais ainda, quanto mais se exigir dela uma submissão completa, mais seguramente será ela dirigida para o caminho da salvação. Devotar-se aos filhos, ao marido, ao lar, à propriedade, à Pátria, à Igreja, é sua função (ibid, p.274).

Wollstonecraft (2016) antecipa a proposição de Beauvoir no que se refere ao zelo pela família e à dedicação aos filhos, ao tencionar que por meio desta atuação feminina, decorre uma domesticação da mulher pela precarização de seu corpo, que se lança à embotar sua mente. Deste modo, promove-se a livre circulação de rudes coerções do homem sobre a mulher, abalando-a emocionalmente. Posto assim, é possível localizar a governamentalidade (Foucault, 2014) da submissão feminina e conseqüente fortalecimento do modelo patriarcal, pois a mulher se inclina à “arte de governar” bem seu lar e, mais especificamente, ao “governo de si”, já que guarda vínculo com concepções morais fixados na faculdade de governar satisfatoriamente a família.

Tudo isso resulta em uma performatividade familiar que atenda aos anseios de uma boa fração da sociedade, da política e da igreja familista, heterossexual e patriarcal, a partir do exercício híbrido de tecnologias e dispositivos dispostos à construção de formas de ser, independente do que lhe seja mais íntimo e micropolítico. Do que lhe seja mais singular e voltado para si mesmo.

3.2.1 O cuidado de si na conjugalidade iurdiana

Conforme Foucault (1985), o cuidado de si indica um cuidado para consigo mesmo. Esta proposição pode ser lida pelo ‘governo por individualização’, que se desenvolve a partir de uma ‘arte da existência’. A arte da existência é descrita como procedimentos e práticas criativas com que um sujeito dedica-se a si

mesmo (MCLAREN, 2016). A conjugalidade e o cuidado de si se relacionam na medida em que a partir do cuidado consigo, cuida-se do outro também, revelando uma reciprocidade de práticas voltadas para o favorecimento da conjugalidade.

Isto posto, saliento que a IURD dispõe de diversos programas, aqui lidos como dispositivos voltados para mulheres, cujo objetivo se resume a um conjunto de técnicas de educação das mulheres em diversas dimensões; comportamento conjugal, que atenda aos critérios normativos da mulher e seu papel no casamento, o cuidado de si no que tange à beleza e ao desvelo com o cônjuge, estímulo à prática de exercícios físicos, vestimenta e outros.

Segundo Teixeira (2012), “tais práticas nos remetem ao conjunto de atividades desenvolvidas pela IURD, centralizadas numa noção específica de conjugalidade e na formulação de uma ética para o cuidado do corpo e da família que visam estabelecer formas gerais para o convívio no mundo” (*ibid*, p.128). A autora enumera diversas técnicas voltadas para mulher, como o programa *Godllywood*, que opera por normatividades assentadas na divisão binária de gênero, ou seja, à educação da mulher que atenda ao padrão da “família de Deus” enunciada na seção anterior, no que tange à submissão feminina, por exemplo.

No site da IURD, através de *blogs* e *podcasts*, tais pedagogias da conjugalidade e, mais especificamente, das pedagogias que engendram a docilidade feminina, são dispostos frequentemente. Teixeira (2014) salienta que até a educação postural e o controle do peso compõem tal escopo, bem como práticas que propiciem o bem-sucedimento da conjugalidade heterossexual: “os sentidos para a produção substancial deste modelo de gênero envolvem, por um lado, a dependência e dedicação a uma relação de conjugalidade heterossexual e, por outro, a autonomia para o desenvolvimento profissional” (*ibid*, p.239).

Quanto ao desvelo da mulher com a beleza, assinala Macedo (2017):

Não há absolutamente nada de errado quando a mulher se maquia, arruma o cabelo com adereços, corta, pinta, enfim, faz tudo o que acredita ser o melhor para ter uma aparência bonita. Aliás, **é dever de toda mulher**, especialmente se ela é de Deus, procurar ter a melhor aparência possível (...) (*ibid*, p.51, grifo meu).

Figura midiática da IURD, Nanda Bezerra em seu livro *Mais linda em 40 dias: dicas de beleza para o espírito, a mente e o corpo*, apresenta diversos comportamentos a serem adotados pelas mulheres iurdianas, para a consecução de um perfil ideal de mulher que agrade a Deus. Dentre vários comportamentos elencados por Bezerra e que devem ser adotados por mulheres que se pretendem

“de Deus”, estão questões como ‘não rir alto’, ser discreta nas vestimentas, praticar atividades físicas, não ingerir açúcar e outros. Bezerra (2015) propõe uma postura às mulheres: “transforme-se em um novo padrão de beleza para outras mulheres, inclusive para as meninas mais jovens, que estão na idade de procurar exemplos de beleza para seguir” (*ibid*, p.78).

Deste modo, é factível ler o cuidado de si como uma profícua ferramenta de controle sobre os corpos (Foucault, 1997), que se inclinam para a consolidação de critérios morais e religiosos no matrimônio. Assim, perfilam um conjunto de práticas pensadas para a adequação das mulheres que atendam ao perfil da família iurdiana que, por sua vez, possui cariz empreendedor, heterossexual, monogâmico e que, agora, se oferta como modelo de esposa que possui desvelo consigo mesma, se dedica a cuidados com seu corpo, é discreta no vestir e no falar.

Recupero, oportunamente a alocação de Rago (2006), que acentua que segundo Foucault, o indivíduo a partir da ótica da individualidade, é instigado cada vez mais à manifestação de si mesmo, daquilo que lhe é mais íntimo e pessoal, bem como externalizar suas questões mais íntimas, proporcionando um ‘governo por individualização’. Esse governo é operado cotidianamente enleando-o à sua própria identidade. Destaco os inúmeros testemunhos vistos em campo, onde em uma parte do rito denominado de “palestra”, as esposas dos bispos e pastores são chamadas a falar. Saliento também, os diversos testemunhos de algumas pessoas que se propõem a relatar sobre si mesmas. Selecionei abaixo algumas falas que se relacionam ao cuidado de si.

Pastor Davi: “como você chegou à terapia?” Sara: “cheguei de um relacionamento ruim, totalmente frustrada. Eu não enxergava mais a “Sara” como eu vejo hoje, depois de tantas traições eu perdi a confiança em mim mesma. Minha irmã me trouxe na Terapia e Deus falou comigo que eu teria que terminar o relacionamento com ele, eu terminei e comecei a cuidar de mim. Cuidando de mim, Deus foi me reconstruindo. Esse percurso não foi fácil, pois eu buscava nas pessoas aquilo que precisava acontecer primeiro em mim e depois buscar em outra pessoa. Depois de um certo tempo, minha autoestima estava alta e eu passei a confiar mais em mim e ver que eu não preciso de pessoas para ser feliz, eu preciso é da presença de Deus na minha vida. Eu cheguei mesmo nesse propósito de cura interior mesmo, foi pra mim. (SARA)⁷⁴.

É importante salientar que, durante os ritos da Terapia do Amor, alguns casais são chamados a relatar sobre si, enfatizando que o relacionamento conjugal fora ou está sendo transformado depois da frequência do casal no culto. Os solteiros são encorajados a falar sobre a preservação da castidade antes do matrimônio,

⁷⁴ Nome escolhido aleatoriamente como codinome.

conferindo a esse comportamento, um ato de evidência da comunhão com Deus. Butler (2015) depreende uma condição paradoxal no que se refere a falar de si mesmo pois, segundo a autora, mesmo que a deliberação moral seja o impulsionador de contar sobre si, a própria moralidade se estampa como normativa. Assim, a autonomia a que o sujeito supunha ter para expor o que lhe é íntimo, também o sujeita a sanções impostas pela própria moralidade.

Trago agora a fala da esposa do pastor Davi e Ester, no que toca ao encorajamento das esposas ao cuidado com a estética. A proposição de Ester às esposas é que, ainda que inseridas no mercado de trabalho, as mulheres são responsáveis pelas lides domésticas e devem dedicar-se ao desvelo consigo mesmas:

Algo que eu acho interessante quando um homem prova que valoriza a esposa é através de um elogio. Quando você namora, você observa os mínimos detalhes que te fazem admirar a pessoa que você ama, ao passo que quando você casa, os elogios são mínimos. Então é importante o homem valorizar a esposa e demonstrar que está atento a como ela se apresenta. Quanto à mulher, o que acontece? Quando estão namorando, ela se perfuma, se penteia, se mantém arrumada e depois que casa ela relaxa e se justifica dizendo: puxa, eu já tenho filhos, não tem como ser magra como antes. Eu sei também que você pode dizer que já chegou do trabalho cansada e que ainda tem que cuidar das tarefas do lar e ainda se cuidar? Sim. O seu marido espera por isso. (ESTER, ESPOSA DO PASTOR DAVI).

Diante do exposto, proponho a atenção à noção do cuidado de si, por Foucault:

O desenvolvimento da cultura de si não produziu seu efeito no esforço daquilo que se pode barrar o desejo, mas em certas modificações que dizem respeito aos elementos constitutivos da subjetividade moral. Ruptura com a ética tradicional do domínio de si? É claro que não, mas deslocamento, desvio e diferença de acentuação (FOUCAULT, 1985, p.72).

O propósito fundamental do cuidado de si e das práticas de si, referem-se, segundo Foucault (1985), a uma “ética do domínio”. Assim, o pertencimento a si faz com que o domínio se volte para o próprio sujeito. Deste modo, o acesso a si próprio é por si mesmo um objeto de prazer.

É admissível conceber o cuidado de si como uma tecnologia individualista que, em grande medida, atende aos cânones iurdianos que se lançam sobre a mulher. É exequível conjecturar que a mulher ou esposa iurdiana não é uma mulher que tão somente se empreende economicamente (Foucault, 2004), mas que, singularmente, se posiciona submissa ao esposo. Ela também se volve a si mesma, cuidando esmeradamente da maneira como fala, como ri, como se posiciona ante à sociedade, como se veste e como investe em si mesma, se pretendendo ser mais

bela e atlética, no que toca à estética corporal, lida aqui pelo cuidado de si (FOUCAULT, 1985).

Em um campo no Templo de Salomão, durante a palestra, no momento da fala da esposa do bispo que estava muito bem maquiada e vestida, foi possível perceber em suas palavras o encorajamento às mulheres não só ao cuidado de si, que envolve todas as práticas supracitadas, mas um discurso que dispõe a mulher como alguém forte, base do esposo e da família. Com isso pretende ser modelo a ser seguido por outras mulheres, inclusive as que estão fora do aprisco iurdiano. Assim, a mulher iurdiana é disposta como um modelo de mulher a ser seguida, para além dos muros da igreja ou da sua própria casa, mas emerge como um modelo de mulher para a sociedade hodierna de caráter conservador, familista e neoliberal.

Por fim, alvitro que todas as questões que envolvem as práticas do “cuidado de si”, têm, no limite, o propósito de imprimir um modelo de família a ser seguido. Essa família, onde o homem e principalmente a mulher, têm suas subjetividades modeladas por aquiescência de verdades a eles dispostos, assumem uma performatividade familiar que compraz o neoconservadorismo que se apresenta no presente. Para tanto, promove-se uma generificação dos sujeitos que compõem o casal, fazendo com que a mulher perfile com uma feminilidade específica que atenda aos propósitos canônicos da IURD, bem como o homem, perfile com uma masculinidade patriarcal. Assim, a família iurdiana é enviesada e produzidas por discursos (Butler, 2015).

CAPÍTULO 5 – AS PRÉDICAS E PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS DA IURD CORRELATAS AO NEOCONSERVADORISMO HODIERNO COMO EQUIPAGEM DA PEDAGOGIA DO VOTO

5.1 A IURD e o feminismo

Nas prédicas dos ritos que frequentei, tanto em Vitória-ES, quanto em São Paulo-SP, eram recorrentes as admoestações contra o ingresso das mulheres na pauta feminista. A proposta que apraz os cânones iurdianos não contempla a luta das mulheres pelos seus direitos, sejam eles trabalhistas, contra a dominação masculina no recôndito dos seus lares, na conquista de direitos sexuais e reprodutivos e na luta pela igualdade de direitos. Segundo Edir Macedo (2012): “Os movimentos feministas lutam para a mulher se impor e não ser subserviente ao homem. Isto somente é válido para aquelas que não têm na Bíblia a base da sua fé” (*ibid*, p.88).

A premissa da subalternidade da mulher ante a sociedade sexista e patriarcal atual não coaduna com o engajamento sobre a preservação do casamento, da reprodução e da submissão compulsória às mulheres. Como já visto, segundo as prédicas da IURD as mulheres devem ser, além de submissas, administradoras do lar, empreendedoras junto aos seus cônjuges, heterossexuais, comprometidas com o desvelo consigo mesmas, mulheres que falem pouco e baixo (Bezerra, 2015) e, por fim, que estudem no máximo até o ensino médio.

Assim, são erigidas preleções (por meio dos discursos pastorais) e leis (por meio FPE) que as suprimam e não lhes deem voz ante ao cenário neoconservador familista que se apresenta. Em um dos campos no Templo de Salomão, antes de adentrar no acesso ao templo, ainda no pátio central, Estela me perguntou: “Valéria, você trabalha, é jovem e ainda não se casou de novo. Você é feminista, ou concorda com o feminismo?” Ao que respondi: “Estela, nós mulheres temos que lutar pelos nossos direitos”. Ainda que me ocorresse falar mais sobre o que me foi perguntado, me ative a permanecer com uma resposta curta para não haver intercorrências quanto aos meus posicionamentos. Dias depois do nosso encontro no pátio do templo recebi um áudio de Estela:

Filha, preciso dizer algo a você que vem do fundo do meu coração: se afaste do movimento feminista, pois não é de Deus (sic). Você vai perceber que muitas bênçãos que poderia receber ainda não foram dados por Deus por uma coisa tão pequena. Deus criou o homem e a mulher de forma diferente (sic). O homem é o cabeça e a mulher o coração. Me ouça, filha.

Se afaste de amizades feministas que você tiver, para que entenda que a mulher deve ser submissa ao homem para agradar o coração de Deus. Você vai ver, quando se casar de novo, não haverá mais divórcio, como aconteceu com o seu primeiro marido.⁷⁵(ESTELA).

Essa intercessão entre a religião e a condição feminina de subalternidade fora tencionada por Beauvoir (1970), que salienta a religião como ferramenta moral e de poder para a modelagem de uma mulher que é impingida a dedicar-se à família e assentir sua condição de inferioridade, já que o feminismo se estampa como ameaça ao domínio patriarcal moralista:

Embora os bens de raiz se achem em parte abalados, a burguesia apega-se à velha moral que vê, na solidez da família, a garantia da propriedade privada: exige a presença da mulher no lar tanto mais vigorosamente quanto sua emancipação torna-se uma verdadeira ameaça; mesmo dentro da classe operária os homens tentaram frear essa libertação, por que as mulheres são encaradas como perigosas concorrentes, habituadas que estavam a trabalhar por salários mais baixos. A fim de provar a inferioridade da mulher, os antifeministas apelaram não somente para a **religião**, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental etc. Quando muito, consentia-se em conceder ao outro sexo "a igualdade dentro da diferença" (*ibid*, p.17, grifo meu).

No que toca à subalternidade da mulher e sua luta por independência, assinalam Cardoso e Cardoso (2017):

A autoestima da maioria das mulheres é naturalmente baixa. E da mesma forma que muitos homens usam o machismo, a força e o temperamento forte para mascarar a insegurança, **muitas mulheres se rebelam contra a própria maldição e se declaram independentes dos homens**. "Não preciso de homem para ser feliz", "Homem é tudo igual, só muda de endereço". "homem não manda em mim" e outras frases do tipo formam o credo delas. No fundo, porém, permanecem infelizes (*ibid*, p.117, grifo meu).

Cristiane Cardoso, filha de Edir Macedo, afirma sobre a subserviência feminina e contra o feminismo: "Enquanto nossos maridos estavam de pé, lá na frente, nós, esposas, tínhamos de estar atrás deles, dando todo o suporte necessário. Creio que por essa e outras, muitas mulheres têm defendido o feminismo" (CARDOSO e CARDOSO, 2017, p.102).

Quanto à subalternidade feminina, sublinha Tiburi (2018):

Quando pensamos em feminismo, somos levados a considerar uma sociedade para além do mérito, uma sociedade na qual todas (todas e todes também) tenham os mesmos direitos (...). Nessa sociedade, as pessoas são obrigadas a desempenhar papéis a partir de signos que são administrados e manipulados, como se fossem caixas que põem em um lugar no qual é mais fácil dominá-las. Neste momento, as exigências de desempenho que pesam sobre as mulheres são imensas, e elas não têm muita chance, mesmo quando aderem à ideologia meritocrática. As mulheres serão constantemente preteridas e talvez, de antemão, nem se coloquem em

⁷⁵ Transcrição de áudio (Whatsapp) do dia 17 de julho de 2019.

disputa com um homem, porque já se acostumaram a um lugar subalterno e negativo nessa ordem (ibid, p.60-61).

Rolnik (2018) postula que é imprescindível que as mulheres insurjam em oposição às condições de desigualdade no que se refere às questões de gênero, para que não fiquem silenciadas em suas singularidades, através da produção de subjetividades que não lhes são próprias. Posto assim, se as mulheres não estabelecerem uma condição de luta pela igualdade e preservação daquilo que lhes é próprio, a saber, seus anseios, pretensões e desejos, inevitavelmente teremos como resultado a permanência do estado de dominação masculina e sujeição a abusos de poder.

Dito isto, quanto à dominação masculina aludida por Rolnik (2018), afirma o bispo Macedo (2017):

A mulher não precisa participar de movimentos feministas para tentar impor os seus direitos, pois estes ela já os tem quando usa a sua língua. Por isso também é que o Espírito Santo orienta as mulheres a que sejam submissas aos seus próprios maridos. Essa submissão em amor encontra guarida no coração da mulher que, por causa disso mesmo, compreende esta relação. Diz-se, com muita propriedade, que no lar o marido é a cabeça e a mulher o coração (ibid, p.66).

Gabatz (2018) sinala que o cristianismo constituiu gramáticas assentadas sobre a figura masculina, atribuindo a Deus a personalidade masculina. Deste modo, passam a circundar signos cristãos firmados na figura masculina, conferindo o significado de divindade ao masculino. O que favorece o entendimento de que a obediência aos homens, sejam eles pais, esposos ou sacerdotes, seja análoga à obediência a Deus.

Dito isto, Rago (2015) propõe uma relevante leitura sobre o feminismo e sua relação com a religião e, mais especificamente, com o cristianismo:

Sabemos que os feminismos buscam autonomia para as mulheres, lutam para que sejam livres, para que se olhem e se subjetivem de outra maneira, escapando e subvertendo os parâmetros tradicionais masculinos e cristãos, e para que não se sujeitem às formas biopolíticas de controle no mundo contemporâneo, dentre as quais as que advém das religiões. Sabemos que os feminismos, de maneira geral, percebem as religiões como forma de opressão, misóginas, homofóbicas, alienantes e hierarquizantes. Em princípio, tratar-se-ia de dois mundos que pareceriam nunca poder dialogar (ibid, p.62).

Gebara (2010) oferta uma apreciação entre o feminismo e sua relação com os movimentos políticos religiosos que se posicionam como antifeministas:

Os movimentos feministas afirmaram-se a partir de uma perspectiva humanista igualitária, afirmaram-se a partir do direito e das ciências, afirmaram-se a partir das denúncias de violência contra as mulheres de todas as idades e classes sociais, denúncias observáveis a olho nu.

Entretanto, os movimentos políticos de expressão religiosa sempre afirmaram suas convicções antifeministas, a partir de argumentos religiosos ou argumentos ligados a uma tradição cultural de cunho religioso. O confronto foi inevitável, e a dificuldade de diálogo, um fato. Nós conhecemos toda uma série de agressões em diferentes partes do mundo, e particularmente no Brasil, entre feministas e antifeministas religiosos/as. Sua argumentação parece tocar o mais profundo da sensibilidade humana cristã (ibid, p.66).

Diante da exposição de Rago (2015), Gabatz (2018) e Gebara (2010), é factível localizar o paradoxo entre a luta feminista e o cristianismo, essencialmente o cristianismo atual, no qual os símbolos são patriarcais e misóginos, onde a obediência ao esposo no âmbito familiar é transmutado para a obediência a Deus por meio dos discursos operados no poder pastoral (FOUCAULT, 2015). É factível aventar que o feminismo não é tributário do cenário contemporâneo, cujas políticas são voltadas para a interdição do movimento, levando-se em conta que essas políticas de interdição são erigidas por sujeitos parlamentares oriundos da própria religião cristã.

Dito isto, de acordo com Pitanguy (2019):

Em nome de determinados dogmas religiosos ou preceitos advindos de uma posição de suposta superioridade moral, congressistas têm se empenhado em impor uma visão monolítica das relações sociais, da cultura, da sexualidade e da reprodução, desrespeitando o caráter plural de crenças, valores, culturas e religiões, que caracteriza a sociedade brasileira (ibid, p.93).

A adequação da mulher ao modelo de família erigido na contemporaneidade, seja pelo atual cenário político ou pelos próprios ditames da IURD, reclama da mulher iurdiana a adoção de algumas práticas e comportamentos para o seu aceite nos átrios eclesiásticos. Deste modo, múltiplos discursos e programas voltados para o disciplinamento da mulher são ofertados pela igreja (Teixeira, 2012; 2014; 2018), com o objetivo de captura da sua singularidade e consequente modelagem do seu comportamento.

Em um dos ritos da Terapia do Amor no Templo de Salomão, no momento da “palestra”, o discurso de Ester Bezerra, esposa do líder da Igreja Universal, propunha às mulheres, a adoção de um comportamento alinhado com a condição de “mulheres de Deus”, a saber: longânima, mas ao mesmo tempo empreendedora da família, auxiliadora e submissa do esposo, comedida no uso de maquiagem e discreta no vestir, para que não seja motivo de escandalização da “mulher de Deus”. Este último conselho se refere ao fato de que as mulheres não devem usar decotes ou roupas curtas e sensuais.

Sobre essa temática, ouvi por diversas vezes, discursos pastorais nos ritos que acompanhei na Catedral de Vitória. Saliento que no site da Igreja Universal há normas quanto à vestimenta feminina. Na seção “regras de conduta” do Templo de Salomão, diz: “Não é permitida a entrada de pessoas usando minissaias ou outras roupas indiscretas e indecorosas (...)”⁷⁶. À vista disso, de acordo com Edir Macedo (2017):

As mulheres que deixam extravasar sua sensualidade, quer através do seu comportamento, quer de suas vestimentas, agem desta forma porque têm um espírito demoníaco, chamado pombagira. Por acaso não procedem assim as prostitutas, quando querem atrair clientes? (ibid, p.52, grifos meus).

É possível localizar a governamentalidade (Foucault, 2014) dessa asserção com a reportagem sob o título: “Evangélicas bolsonaristas: Maquiagem é coisa de meretriz”⁷⁷ (Carta Capital, 5 de outubro de 2019). A reportagem traz o relato de três mulheres jovens, entre 20 a 30 anos de idade, que concederam entrevistas à pesquisadora Esther Solano, no que se refere ao uso da maquiagem. Segundo Esther, as três pertencem a igrejas fundamentalistas, uma delas, à Igreja Assembleia de Deus. O que as aglutinava era o fato de terem sido eleitoras de Jair Bolsonaro e tributárias das práticas comportamentais impingidas às mulheres pelo neoconservadorismo e por igrejas pentecostais na atualidade.

De acordo com Rosado (2001) há uma confluência entre teólogas cristãs e boa parte das feministas, no tocante à proposta ortodoxa da “natureza feminina” que reduz a sexualidade da mulher à sua condição reprodutiva, sendo essa condição axiomática. Esta ferramenta discursiva biologizante a que as instituições religiosas acionam como necessária para o estabelecimento da ordem social é lida por teólogas cristãs e uma boa fração de feministas como um discurso “androcêntrico, hierarquizante e excludente”.

Foucault (1999) aciona a sexualidade como um dispositivo de apreensão da mulher, sendo utilizadas conveniente por meio da política, religião e escolas, para a interdição ou normatização da sexualidade, com fins de instaurar um comportamento que apraz às instituições, no limite, ao Estado. No tocante ao feminismo e a sexualidade, Foucault propõe a insurreição feminina como forma de resistência aos domínios institucionais e médico-legais:

⁷⁶ Disponível em <<https://www.universal.org/templo-de-salomao/regras-de-conduta/>>. Acesso em 15 de dezembro de 2019.

⁷⁷ Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/evangelicas-bolsonaristas-maquiagem-e-coisa-de-meretriz/>>. Acesso em 14 de novembro de 2019.

Durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. "Vocês são apenas o seu sexo", dizia-se a elas há séculos. E este sexo, acrescentaram os médicos, é frágil, quase sempre doente e sempre indutor de doença. "Vocês são a doença do homem". E este movimento muito antigo se acelerou no século XVIII, chegando à patologização da mulher: o corpo da mulher torna-se objeto médico por excelência.(...) Ora, os movimentos feministas aceitaram o desafio. Somos sexo por natureza? Muito bem, sejamos sexo mas em sua singularidade e especificidade irreduzíveis. Tiremos disto as conseqüências e reinventemos nosso próprio tipo de existência, política, econômica, cultural... Sempre o mesmo movimento: partir desta sexualidade na qual se procura colonizá-las e atravessá-la para ir em direção a outras afirmações (FOUCAULT, 1999, p.131).

A inclinação feminina para sustentar sua singularidade não se opõe à sua inclusão a um coletivo feminista, pelo contrário, a luta coletiva emerge como impulsionadora de reivindicação da mulher em sua singularidade e subjetividade ante ao empreendedorismo moral, seja religioso ou político, proporcionando às mulheres, autonomia em suas escolhas em várias esferas da vida. Assim, a maternidade é apreendida como uma opção e não uma obrigação. A sexualidade feminina se abstém de quaisquer atributos biologizantes de reprodução, para a gênese de uma liberação sexual que refuta preceitos religiosos, morais ou políticos.

Trago à lume, uma reportagem do *El País* sob o título: "Para muitas mulheres o processo de empoderamento está atrelado à igreja". A pesquisadora Jacqueline Teixeira⁷⁸ diz que projetos na Igreja Universal estimulam empreendedorismo feminino e "domesticação" dos homens. "Damares é muito forte dentro do Governo. Ela pode até cair, mas teria que sangrar muito antes"⁷⁹ (El País, 14 de maio de 2019). Nesta reportagem, Teixeira destaca a gramática familista iurdiana como ferramenta útil, já que, em seu âmago, influencia mulheres a se conceberem empoderadas, por se situarem como centralidade na família heterossexual "saudável".

Quando questionada sobre o fato de que "a preservação da família tradicional heterossexual" ser o principal alvo das prédicas e projetos iurdianos se cotejados à questão de produção do "empoderamento" feminino, Teixeira responde:

Sim. E a mulher é fundamental nessa família. Você precisa encarar que essa mulher, que é o esteio da família brasileira, morre em situações de violência extrema e que, se a ideia é defender a família, você precisa proteger essa mulher, tirar ela do risco, aceitar o divórcio....(...) Ao mesmo tempo em que esses projetos foram acontecendo, emergiu no cenário

⁷⁸ Jacqueline Teixeira, antropóloga e professora da Faculdade de Educação da USP.

⁷⁹ Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/11/politica/1557527356_335349.html>. Acesso em 8 de novembro de 2019.

político nacional a necessidade de se combater a chamada ideologia de gênero, fundamentalmente nas escolas (El País, 14 de maio de 2019).⁸⁰

Teixeira sobreleva que a Lei Maria da Penha não opera pelo viés de uma pugna feminista, mas sim, porque a violência contra as mulheres no Brasil têm crescido de forma avultante. Segundo a pesquisadora: “A necessidade de se permitir o debate sobre gênero a partir da Lei Maria da Penha fez com que determinadas mulheres assumissem posições de poder principalmente nesse novo Governo e a Damares corresponde a essa ideia”. Teixeira também tenciona a ação no Congresso Nacional, que estabeleceu o PNE que circunda em torno da Ideologia de Gênero e do Movimento Escola Sem Partido.

Trago como proposição de insurreição a atos de supressão de direitos da mulher e sua perfilhação ao movimento feminista, a recusa de uma modelagem da sua subjetividade, ofertando como resistência uma singularidade que não se incline à captura por discursos, sejam eles pastorais ou advindos de pautas legislativas. Assim, a governamentalidade (Foucault, 2015) das propostas morais e comportamentais predominantes na macropolítica (Guattari; Rolnik, 1986), pode ser alvo de enfrentamento da mulher em sua micropolítica, com o fim de neutralizar os discursos de subalternidade e de biopoder (Foucault, 2004). Nesta ação de resistência, promove-se a oposição ao cariz biologizante reprodutivo da mulher, se despreendendo da lógica de opressão, que advenha do poder pastoral ou do poder soberano (Foucault, 1990).

Por fim, alvitro que a pugna iurdiana em relação ao feminismo ocorre, seja por meio de discursos ou práticas eclesiásticas, como forma de preservar a proposta da família iurdiana apresentada no capítulo 4 desta pesquisa. Posto assim, o feminismo se apresenta como uma ameaça à modelagem subjetiva feminina (Foucault, 2016) que atenda ao projeto de família heterossexual, na qual a mulher concebe a submissão aos maridos, adote o mutismo quanto a disfunções no recôndito dos seus lares e oferte docilidade de seus corpos (Foucault, 1997) para que o modelo familiar proposto pela denominação logre êxito. Sobrelevo ainda que, para que a pedagogia do voto não encontre resistência, é assaz favorável que as mulheres governamentalizem (Foucault 2014) as proposições canônicas e assim não se introduzam em pautas feministas, que se apresentam em oposição ao neoconservadorismo atual.

⁸⁰ Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/11/politica/1557527356_335349.html>. Acesso em 8 de novembro de 2019.

4.2. O neoconservadorismo iurdiano e sua confluência com o Movimento Escola sem Partido e Ideologia de gênero

Ponho em tela a temática do “Movimento Escola sem Partido” e a chamada “Ideologia de Gênero”, como ferramentas que vêm sendo acionadas pelos sujeitos religiosos-políticos, que operam por arranjos pactuais entre diversas denominações, através de seus representantes no Legislativo. Instauram leis de interdição nas esferas da sexualidade e gênero com o propósito final de promover a preservação da família tradicional, e que em grande medida, foram alvo dos discursos pastorais iurdianos no período precedente às eleições de 2018, singularmente nos ritos da Terapia do Amor, como equipagem de consolidação da pedagogia do voto . Nesse sentido, proponho a observância da fala do pastor Davi, em um dos ritos em que estive presente:

De Deus nós não podemos falar, mas tem um vídeo que vai passar de uma escola onde uma criança de quatro anos, um menino, ouve da professora que não tem problema menino usar brinco, passar maquiagem, brincar de boneca”. [Após o vídeo o pastor pergunta:] “sabe o que é isso? Isso é a ideologia de gênero que eles querem aprovar, colocar em todas as escolas, dizendo que a criança deve descobrir a sua sexualidade”. [E complementa:] Eu não tenho nada contra o homossexual, já recebi dois homens, duas mulheres nessa igreja e nós batalhamos contra o inferno para que sejam curados e libertos, **mas uma criança ser encorajada a descobrir a sua sexualidade?** Você aceita isso? E a assembleia responde em coro: “não!” Então vote em quem não esteja a favor da ideologia de gênero! Isso que você vai ver no telão aqui é o que está acontecendo nas escolas de todo o Brasil. É isso que algumas crianças e adolescentes podem viver: **iniciação na vida sexual precoce, bullying e até levá-las ao suicídio** (PASTOR DAVI, grifos meus).

Estávamos às vésperas do segundo turno das eleições de 2018 e os discursos recaíam, sobretudo, sobre a suposta ameaça às famílias heterossexuais e seus filhos. As prédicas eram voltadas para a demonização da homossexualidade, do lesbianismo e do suposto aliciamento das crianças por “ideólogos de gênero” disfarçados de professores. Era possível perceber um comportamento apreensivo e amedrontado dos sujeitos inscritos nos ritos, temendo que seus filhos(as) fossem vítimas de uma doutrinação de gênero voltada para a subversão do gênero inteligível e da heterossexualidade compulsória, como afirma Butler (2015). O referido vídeo era reproduzido recorrentemente em todos os cultos que antecederam o segundo turno das eleições. Olívia me disse certa vez, quando saíamos da igreja:

Você mora com quem na sua casa? [Eu: com a minha mãe.] Olívia: então os seus filhos não têm problema, né (sic)? [Eu: não, eles não têm

problemas.] Olívia: traga os seus filhos para a presença de Deus aqui na igreja. Você viu o 'perigo' que as crianças estão correndo fora da igreja? (OLÍVIA).

Cumpra clarificar sobre a temática e em que medida tais questões, “Ideologia de Gênero” e “Movimento Escola Sem Partido” vêm se desdobrando na contemporaneidade, tendo em vista que as leis instauradas sobre as diferentes concepções de sexualidade foram erigidas pela FPE .

Dito isto, saliento que, de acordo com Nascimento (2019, p.15) “o capitão da reserva Jair Bolsonaro, candidato do PSL à Presidência, começou a ganhar espaço entre os evangélicos, erguendo bandeiras em defesa da família e combatendo o casamento gay e aquilo que chama de “ideologia de gênero””.

De acordo com Elizabeth Macedo (2017), a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) foi alvo de negociações políticas com a incorporação do Movimento Escola Sem Partido que, a seu turno, se deu por meio de convenções políticas evangélicas engajadas a combaterem as transitabilidades de gênero, sugestionando que nas escolas supostamente ocorreriam doutrinação de gênero por parte de professores. Isto posto, de acordo com Santos (2018): “O Movimento Escola sem Partido e a ofensiva contra a chamada “ideologia de gênero” são exemplos de tentativas de reforçar a autoridade familiar na educação das crianças e restringir a autonomia dos professores e as temáticas trabalhadas em sala de aula” (*ibid*, p.119).

Assim, é possível tencionar a noção do empreendedorismo moral aludido por Becker (2008), na qual os chamados “empreendedores morais” possam ser localizados nos parlamentares evangélicos, que operam como algozes contra aquilo que para eles é concebido como desviantes. Estes que escapam à moralidade cristã familiar são estigmatizados por um viés demonizante por esses empreendedores morais, que logram intervir e legislar sobre questões de gênero e sexualidade. Tenciono, portanto que, neste caso, muitos professores são apreendidos como doutrinadores de gênero pelos empreendedores morais atuais.

Conforme Biroli (2018), o ajuste de preservação da “família cristã” remonta os arranjos familiares que contemplem o emblema neoconservador inscrito sob a égide moral. À vista disso:

A ideologia de gênero, rubrica sob a qual os atores conservadores vêm reunindo movimentos sociais, agendas e políticas públicas que estejam em sua mira, tem servido para caricaturar os avanços e justificar a recusa de políticas para a igualdade de gênero e para a superação de preconceitos e violências (*ibid*, p.163).

Miguel e Biroli (2014) corroboram ao sustentar que a “a família” ocupa centralidade nas disputas políticas e que os políticos se apoderam, inclusive, do poder de impingir qual seja a definição de família que os aprazem adequadamente. Isto posto, afirmam acerca da família:

no pensamento social e político, de modo mais abrangente, prevalece o silêncio sobre as relações de poder na família e as desigualdades e as formas de dependência e vulnerabilidade reproduzidas pelos arranjos familiares convencionais. Isso significa que, mesmo quando a família é mencionada como instituição central à socialização dos indivíduos e, como tal, à definição das relações e dos valores que organizam uma sociedade, permanecem negligenciados os problemas relativos às relações intrafamiliares e aos limites dos arranjos que são institucionalmente considerados como “família”, definindo alocações de recursos (*ibid*, p. 47).

Isto posto, é possível aventar em como a família emerge como centralidade do cenário neoconservador que políticos se dedicam em definir, inferir sob quais formas ela deve ser formada e preservada, desconsiderando até mesmo as possíveis disfunções que podem decorrer no âmbito familiar. O que tenciono neste vértice se lança sobre o fato de que os discursos sobre os motes do Movimento e Escola Sem Partido se estamparam como equipagem para a consolidação da pedagogia do voto. Dito isto, recupero as explicações feitas no capítulo 4, que trata da modelagem da subjetividade do homem e da mulher que frequentam o rito da Terapia do Amor, precipuamente os casais, nos quais as mulheres assumem centralidade. Deste modo, ao assumirem o encargo da educação dos filhos, são orientadas a optarem por votarem em candidatos que possuem em seus discursos de campanha, a preservação da família, da heterossexualidade compulsória (Butler, 2015) e conseqüente pugna contra outras sexualidades que escapam ao modelo da “família de Deus”.

Butler (2015) propõe uma observância na relação da heterossexualidade compulsória e a política, que se refere a asserção de que esta exige um sujeito estável para que não haja oposição a essa proposição. Sendo assim, a heterossexualidade e o gênero são ferramentas políticas dentro de uma heteronomia cristã. A partir disso, podemos visualizar em como a noção da gestão da sexualidade discutida por Foucault (1999;2015), opera de fato como uma ferramenta da gestão do poder soberano (FOUCAULT, 1990;1999;2009;2015).

Quanto ao desdobramento do ativismo político partidário em torno da atuação parlamentar que legislou sobre a ideologia de gênero na esfera escolar, Rolnik (2018) postula:

No campo da educação, durante as discussões no congresso em torno da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) demoniza-se nos currículos

escolares qualquer abordagem de temas ligados à política (o famoso lema: “Escola sem partido”), à identidade de gênero, à orientação sexual e às culturas africanas e indígenas. Aprovada em dezembro de 2017, na nova BNCC foram eliminados trechos que afirmavam a necessidade de um ensino sem preconceitos. Mais especificamente, foram excluídos mais de dez trechos que mencionavam as questões de gênero e sexualidade e eliminados da bibliografia textos que abordassem a mitologia dos orixás, com o argumento de que seu conteúdo seria demoníaco (ibid ,p.171).

Foucault (1999) assinala sobre o adestramento da sexualidade infantil que, em grande medida, coaduna com o escopo do Movimento Escola Sem Partido e Ideologia de Gênero. Segundo Foucault:

A reorganização das relações entre crianças e adultos, pais, educadores, era a intensificação das relações intrafamiliares, era a criança transformada em problema comum para os pais, as instituições educativas, as instâncias de higiene pública, era a criança como semente das populações futuras. Na encruzilhada do corpo e da alma, da saúde e da moral, da educação e do adestramento, o sexo das crianças tornou-se ao mesmo tempo um alvo e um instrumento de poder. Foi constituída uma "sexualidade das crianças" específica, precária, perigosa, a ser constantemente vigiada (ibid, 1999, p.129).

Destaco uma fala do Pastor Davi antes das eleições: “Nós não vamos votar em alguém que tem como vice, alguém (sic) que faz apologia à ideologia de gênero.”⁸¹ (PASTOR DAVI).

Recupero, oportunamente, que as mulheres perfazem a maioria dos frequentadores da IURD e, deste modo, eleitoras em maior número, se cotejado ao rol de membros da denominação. Mais uma vez aciono em como a pedagogia do voto se capilariza por meio dos discursos pastorais, transmutando ritos religiosos em produção de sujeitos políticos que, neste caso, decorre sobre as mulheres.

4.2. A homossexualidade instigada pelo “kit gay” e a proposição da “cura gay”

Para a apreciação dessa abordagem, resgato a fala do Pastor Davi no que toca à homossexualidade, quando diz: “Eu não tenho nada contra o homossexual, já recebi dois homens, duas mulheres nessa igreja” (PASTOR DAVI). Como narrado anteriormente, Foucault (2015) pontua que três vértices compõem a gramática sexual do cristianismo; a função reprodutora, a monogamia, que em grande medida se afina com o conservadorismo vigente e, por último, a desqualificação do prazer. Sobre a homossexualidade, afirma Macedo (2012):

Casamentos e separações têm ocorrido à revelia. Os filhos crescem sem temor aos pais e estes não têm moral para lhes falar de Deus. Por outro lado, pastores e líderes religiosos têm considerado natural o **homossexualismo**, e têm até celebrado casamentos entre pessoas do

⁸¹ Referindo-se à Manoela D’ávila do PCdoB.

mesmo sexo. Tudo em nome do amor vulgar e libertino (ibid, p.45-46, grifo meu).

Estela me arguiu, certa vez por áudio, se eu tinha amigos homossexuais ou lésbicas e que havia uma importante mensagem a que eu devesse ouvir com atenção:

Filha, você tem amigos homossexuais ou lésbicas? Te explico o motivo da minha pergunta. Se você tem, leve eles (sic) para a igreja. Isso mesmo filha, eles precisam frequentar a igreja. Sabe, essas pessoas precisam ser curadas e você pode ser o instrumento para que Deus realize esse milagre. Não precisa deixar de ser amiga deles, eles não têm culpa. Você é uma moça corajosa e forte, vai encontrar um jeito de atraí-los para Deus. (ESTELA)⁸²

É oportuno salientar que, conforme Foucault (2015), a “pedagogia sexual” instaurada pelo cristianismo admite como sendo fruto da austeridade sexual apenas a heterossexualidade. Posto assim, não somente no caso dos sujeitos inscritos nos átrios iurdianos, como no caso da Estela, mas os cristãos se lançam em rejeição às sexualidades alternativas. A heterossexualidade surge então, como uma gramática que produz austeridade sexual e inteligência de gênero, conformando o sexo binário com o gênero, e não por uma constituição de gênero construída culturalmente, como assinala Butler (2003). É importante tencionar que tal trama engendra a interdição na transitabilidade de gênero e nas liberdades individuais, proporcionando uma robusta regressão de direitos.

Miskolci (2011) pontua a heteronormatividade como um ordenamento social inscrito na pedagogia sexual com o objetivo de impetrar a heterossexualidade como norma. Para além disso a heteronormatividade propõe que, independentemente do sexo binário e o gênero, ou seja, a despeito de se possuir o gênero inteligível ou não (BUTLER, 2003), os sujeitos sejam modelados para se relacionarem com o sexo oposto. Cumpre sinalar sobre o empenho político em impetrar a heteronormatividade a partir da interdição do material didático do Programa Escola Sem Homofobia, que aglutinou parlamentares do PRB e o atual presidente da República em prol da disseminação do suposto “kit gay”, que induziria crianças e adolescentes à homossexualidade.

De acordo com Nascimento (2019):

Nas eleições de 2018, as redes sociais divulgaram amplamente que a esquerda, representada pelo PT, iria perseguir os cristãos, inflar as teses e ações do movimento LGBT e distribuir um “kit gay” nas escolas para incentivar as crianças a mudar de orientação sexual. (ibid, p.15).

⁸² Gravação de áudio do dia 2 de outubro de 2018.

De acordo com Butler (2015, p.173): “Como prática situada radicalmente “fora” da matriz heterossexual, a homossexualidade é concebida como radicalmente não condicionada pelas normas heterossexuais”. Diante disto, proponho a observância de uma das prédicas do pastor Davi em relação à homossexualidade e o suposto “Kit gay” a ser distribuído nas escolas. Destaco que a prédica fora feito no rito da Terapia do Amor que precedeu as eleições de 2018:

Eles estão tentando criar uma lei em que nós não poderemos insultar o Diabo. Então você imagina, se manifestar em alguém aqui a gente não vai poder expulsar. A gente não vai poder arrancar o mal que está na vida da pessoa. Só que o que vai acontecer é que a gente vai expulsar assim mesmo, e eles serão então obrigados a fechar a igreja e pergunta: precisa acontecer isso, pessoal? [A igreja em coro: não!] Por isso nós estamos falando da consciência necessária de vocês, para votar nessas eleições. Vocês têm o direito de escolher votar em quem vocês quiserem, desde que vocês busquem saber qual é a concepção que esses candidatos têm de fé e de família. Porque nós temos candidato à Presidência da República onde (sic) a vice dele é LGBT (sic) e quer colocar o “**kit gay**” nas escolas (PASTOR DAVI).

Rolnik (2018) postula que a apreensão da sexualidade pelo viés familista do neoconservadorismo hodierno confere a instauração de uma heteronomia patriarcal, ajustados em gêneros supostamente universais, resultando em uma captura da força vital em todas as esferas da existência. “Com o hilário lema “cura gay” pretende-se legalizar terapias (psicológicas ou religiosas) cuja função é transformar a orientação sexual de todos aqueles cujas práticas escapem das categorias dominantes de gênero e sexualidade” (*ibid*, 2018, p.170). Segundo a autora:

já na década de 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) descartou qualquer projeto que associasse a orientação sexual à doença e que, no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia proibiu essa associação em 1999, e o Conselho Federal de Medicina, há mais de trinta anos. É no mínimo surpreendente, para não dizer estarrecedor, que a questão tenha voltado à baila no Brasil em pleno ano de 2017, provocando uma acalorada polêmica (*ibid*, p.170)

Natividade (2006) também percebeu a tendência de os articulistas se apropriarem dos saberes psicológicos e estabelecerem associações da homossexualidade com as relações familiares e com os eventos de abuso sexual na infância. Foucault (1999) sublinha que por volta de 1870 os psiquiatras instituíram a homossexualidade como fulcro de análise, cujo desdobramento foi a instauração de restrições e controles sobre os sujeitos homossexuais. A partir disso, ocorreu o confinamento dos sujeitos em hospitais psiquiátricos e até asilos, com a finalidade de ‘curá-los’. A proliferação de discursos circundava em torno da delinquência, libertinagem e doença mental.

Tomando ao pé da letra tais discursos e contornando-os, vemos aparecer respostas em forma de desafio: está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que nós somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês (*ibid*, p.130).

Miskolci (2007) postula que a patologização da homossexualidade pelo critério médico-legal no final do século XIX fez com que os homossexuais fossem estigmatizados e lidos como praticantes da sodomia, em uma sociedade de rija índole moral familiar. Essa transitabilidade de gênero representava, segundo Miskolci, uma “inversão sexual”, que intentava contra a proposta familiar no tocante à reprodução, na inversão de papéis sociais entre homem e mulher dentro do arranjo familiar e, precipuamente, em um levante contra a moral da época. “Essas razões levaram os saberes psiquiátricos e as leis a colocarem o homossexual no grupo dos desviantes, ao lado da prostituta, do criminoso nato e daquele que talvez fosse seu parente mais próximo: o louco” (MISKOLCI, 2007, p.105).

Segundo Duarte e Carvalho (2005), o fortalecimento das versões biologizantes da vida psíquica e mental na psiquiatria e isso vem produzindo a “patologização do sofrimento ordinário” no imaginário popular e a difusão das terapêuticas psicofarmacológicas na sociedade brasileira. De acordo com Butler (2015):

A construção de contornos corporais estáveis repousa sobre lugares fixos de permeabilidade e impermeabilidade corporais. As práticas sexuais que abrem ou fecham superfícies ou orifícios à significação erótica em ambos os contextos, homossexual e heterossexual, reinscrevem efetivamente as fronteiras do corpo em conformidade com novas linha culturais (*ibid*, p.188).

Butler (2003) discute sobre o limite das identidades e sua relação com o discurso biologizante. A autora propõe a crítica sobre a fixidez dessas identidades, deste modo, ao nos identificarmos como heterossexuais, bissexuais, homossexuais ou lésbicas, não implica o mesmo que afirmar que, ao longo da nossa existência permaneceremos com a mesma indentidade sexual. Butler propõe que a identidade pode ser mutável ao longo da vida, sendo (re) significadas já que, segundo a autora, as identidades dos sujeitos são fluidas e não rígidas. Por fim, Butler postula que a heterossexualidade e o gênero são ferramentas políticas dentro de uma dominação patriarcal ou masculina.

Diante do exposto, se torna exequível tencionar em como a disciplina dos corpos, a ênfase biologizante e patologizante da sexualidade que escapa à heteronormatividade se torna alvo de discursos e práticas pastorais, para a consecução da pugna contra a homossexualidade e promoção da preservação da

família tradicional. Alvitra-se o alcance da hegemonia patriarcal e a produção de verdades, aqui lida pela noção do “regime da verdade” tencionada por Foucault (1997), para lograr êxito na governamentalidade (Foucault, 2010a) que atenda ao dogmatismo iurdiano, encontrando eco no anelo da pedagogia do voto e na constituição dos “sujeitos políticos” dentro dos átrios eclesiásticos, para o bom-sucedimento do governo das famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei esta pesquisa com o intuito de compreender o processo utilizado pela IURD na orientação dos sujeitos nela inscritos, precipuamente a mulher, em questões de gênero e sexualidade. Tal arranjo se revelou por meio da profusão de discursos que perfazem a heteronormatividade como gramática familiar que, a seu turno, opera como mecanismo difusor do modelo de família que conflua com a pedagogia familista inscrita na esfera religiosa neoconservadora hodierna. Tal enleio foi disposto ao longo do texto, com dados produzidos em campo que se estamparam como uma agregação de dispositivos e mecanismos discursivos de ampla profusão.

O neoconservadorismo contemporâneo que emerge no tempo presente se espraia através de múltiplos dispositivos, práticas, propagação midiática e cibernética, com vistas à produção de um cenário familista, heterossexual e monogâmico, em nossa sociedade diversa e pluralista. O neoconservadorismo religioso iurdiano assentado na família heterossexual monogâmica vem sendo expresso desde sua fundação e ao longo das últimas décadas, consolidado nos numerosos átrios da denominação, que se localizam para além dos limites do Brasil, a partir da sua expansão e estabelecimento em mais de 100 países na contemporaneidade. No caso do Brasil, a disseminação de tais prédicas e práticas pastorais vem sendo idealizadas e realizadas sem qualquer dificuldade, haja vista o robusto e efusivo monopólio midiático televisivo, bem como por meio de rádio e ferramentas no ciberespaço.

As esferas de atuação da IURD se revelam úteis à profusão de dispositivos de gestão da sexualidade dos sujeitos religiosos, sejam por discursos ou práticas pastorais e eclesiásticas cujo fulcro constitui a preservação da família heterossexual, de bem e dos bons costumes. Por meio do uso do poder pastoral, que engendra a produção de verdades universais, sendo essas últimas orientadas pela convenção com Deus por meio da consecução do casamento, do empreendedorismo familiar, da preservação da família e o consequente combate contra o divórcio, inferindo substancialmente na subjetividade dos sujeitos. Tal poder pastoral se manifesta como um poder individualizante onde o sujeito opera pelo governo por individualização, remetendo-o ao cuidado de si.

Pôde-se verificar que a laboração iurdiana se espraia para além da generificação familiar e dominação masculina. Essa conjuntura confere à IURD, atributos de uma instituição que opera como tecnologia produtora de sujeitos, já que as subjetividades dos sujeitos nela inscritos são atravessadas pela profusão das

ditas 'verdades universais'. Como tencionado por Foucault, tais verdades inferem nas subjetividades, produzindo sujeitos moralmente aceitáveis e economicamente úteis.

A IURD, através do poder pastoral e da governamentalidade de suas práticas morais, políticas e econômicas, engendra a produção de uma família que não se limite apenas à heterossexualidade e monogamia. Engendra-se a produção de uma família empreendedora, que se pense enquanto empresa, adequando-se de forma assaz favorável ao neoliberalismo que se instaura. Sobrelevo que, ainda que a família seja o fulcro das prédicas iurdianas, a mulher assume a centralidade neste âmbito. À mulher compete o planejamento, à preservação da família, a captação dos outros membros da sua família à igreja. Isto posto, verifica-se que a mulher se traduz como um modelo a ser seguido para além dos limites eclesiásticos.

A Teologia da Prosperidade, vultuosa equipagem de crescimento das denominações que a praticam, recebe na IURD um delineamento que posiciona a mulher como eixo cêntrico. A mulher é situada como a principal agenciadora da prosperidade, tendo suas práticas e corpo voltados à consecução do êxito financeiro da família. Para isso, concebe como sendo responsável, ao lado do seu marido, pelo sucesso financeiro. Para isso participa ativamente do planejamento familiar, considerando questões sobre o planejamento da maternidade, que se remete à biopolítica, a conceber sua família como uma empresa, norteadas pelo neoliberalismo atual, sujeitando-se a frequentar cursos oferecidos pela denominação cujo objetivo é de instruções sobre como gerir planilhas de custos. Para além disto, é uma mulher que empreende, trabalha e encoraja seu marido a também empreender.

As eleições de 2018 constituem um marco onde o religioso aparece interseccionado ao político, sempre atrelado a modalidades segregação. Essa nova categoria política, a partir do uso da moral, da disputa pelas moralidades passam a ser pensadas dentro da esfera pública, a partir das disputas sobre gênero e sexualidade. Como consequência deste ativismo, observou-se a manifestação nas urnas dos sujeitos. Sobrelevo oportunamente que as mulheres, que perfazem a maioria dos frequentadores dos átrios iurdianos, bem como aqueles que compõem o rol de membros da denominação, são o principal alvo das prédicas e práticas pastorais que objetivam impingir o campo discursivo assentado sobre a preservação da família como sendo a vontade de Deus. Para tanto, os discursos pastorais se apresentam úteis para a profusão da gramática sobre a família que rejeita outras sexualidades, que não a heterossexual.

Faço oportunamente a menção de que, conforme os dados produzidos em ambos os campos, a saber, na Catedral de Vitória e no Templo de Salomão, as mulheres são o fulcro da família e a elas competem a preservação da mesma, acionando o cuidado de si, engendrando a pugna contra o divórcio, assumindo a responsabilidade com os filhos e, para isso, em tempos de eleição, as mulheres são convidadas a votarem em candidatos que sustentam como centralidade de discurso de suas campanhas, a preservação da família e a pugna contra as sexualidades alternativas, fazendo com que a mulher assuma o lugar de sujeito político que, pela pedagogia do voto, se manifesta pelo sufrágio, a favor de tais candidatos. Trago isso em relevo, sem desconsiderar que os homens também acionam a pedagogia do voto para imprimir mais do que sentido religioso de suas ações, mas de sujeitos políticos também.

Estes fatores encontram ressonância na proposta neoconservadora hodierna. Deste modo, a partir da generificação dos sujeitos inscritos nos átrios, promove-se a performatividade familiar que satisfaça tal proposta, onde ambos sejam produzidos por discursos biologizantes que, em grande medida, se enleiam à biopolítica, já que satisfazem ao anelo do Estado no tocante à gestão da sexualidade. Para a conformação do neoconservadorismo que tencionei a princípio, pôde-se verificar como as temáticas que envolvem a contemporaneidade são combatidas e rejeitadas pelos cânones iurdianos e a mulher também é convidada a se posicionar em prélio contra tais motes. Destaco aqui as questões contemporâneas que incidem sobre a sexualidade, as quais a mulher, por sua compleição de centralidade na família, se volve a combater.

Pessoalmente, me posiciono como uma pesquisadora que por diversas vezes se flagrou surpresa com a forma como os discursos e os dispositivos de modelagem de comportamento e da disciplina dos corpos são dispostos. Ao fim da pesquisa, me surpreendi em como os dispositivos e tecnologias tencionadas pelo filósofo francês Michel Foucault me serviram substancialmente na leitura dos relatórios de campo. A etnografia, feita muitas vezes com o coração saltando ao peito, foi amplamente apreciado, com elucubrações e problematizações. Ao iniciar esta pesquisa eu não tinha ideia do que estava por experimentar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo de. A guerra das possessões. In: ORO, A. P.; CORTEN, A.; DOZON, J.-P. (Eds.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo- SP: Paulinas, 2003. p. 321–342.

_____. *A Universalização do Reino de Deus*. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, SP, 1996.

_____. A onda quebrada - evangélicos e o conservadorismo. *Cadernos Pagu* (50), 2017: e 175001, 2017.

_____. Bolsonaro Presidente: Conservadorismo, evangelismo e crise brasileira. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, v.38, n.01.185-213, jan-abr. 2019.

ALMEIDA, Angela Mendes. *O gosto do pecado: casamento, sexualidade nos manuais de confessores dos séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

AUGSTEN, Patrícia; AMARAL, Igor. De juramentos a Deus à intolerância: Uma análise dos discursos de Jair Bolsonaro. *III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais*. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS –6 a 10 de maio de 2019.

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n.19, p.263-284, 2010.

_____. *Genealogies of religion. Discipline and Reasons of Power in Christianity and Islam*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1993.

BECKER, Howard Saul. *Outsiders*. Rio de Janeiro - RJ: Zaar, 2008.

BEZERRA, Nanda. *Mais linda em 40 dias: dicas de beleza para o espírito, a mente e o corpo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2015.

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil*. São Paulo- SP: Boitempo Editorial, 2018.

_____. *Família: novos conceitos*. São Paulo – SP: Fundação Perseu Abramo, 2014

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro – RJ: Editora Bertrand Brasil, S/A, 1989.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2015

_____. *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

_____. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, São Paulo, 2004.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4a ed. Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 1970.

BOVKALOVSKI, Etiane Caloy. Homens e Mulheres de Deus: Modelos de Conduta Ética da Igreja Universal do Reino de Deus (1986-2001). *Tese de doutorado do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná*. Curitiba, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro - RJ: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2015.

_____. O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos pagu* (21), 2003 : pp. 219-260

_____. *Corpos que importam*. São Paulo: N-1 Edições: Crocodilo Edições, 2019

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Rio de Janeiro - RJ: Vozes, 1997.

_____. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p.100-115, setembro/novembro 2005, 2005.

CARDOSO, Renato; CARDOSO, Cristiane. *Casamento blindado 2.0: o seu casamento à prova de divórcio*. 2a ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DIP, Andrea. *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DUARTE, Luiz F.D.; CARVALHO, Emílio N. Religião e psicanálise no Brasil. *Revista de Antropologia*. Vol.48, n.2, São Paulo. Jul/Dec. 2005.

DUARTE, Luiz. F. D. et al. Família, Reprodução e Ethos Religioso: uma pesquisa qualitativa no Rio de Janeiro. *Comunicação apresentada no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 16, 17 e 18 de setembro de 2004. Anais. Coimbra - Portugal: 2004.*

DULLO, Eduardo. Política secular e intolerância religiosa na disputa eleitoral. IN. MONTERO, Paula (org). *Religiões e controvérsias públicas: experiências, práticas sociais e discurso*. Organizadora: Paula Montero. São Paulo, SP: Editora Terceiro Nome, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

_____. Após a (Antropologia/Sociologia da) Religião, o Secularismo?. *Mana* 18(2): 379-391, 2012.

DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Martins Fo ed. São Paulo- SP: [s.n.].

ENDJSO, D. O. *Sexo e religião: do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual*. São Paulo- SP: Geração Editorial, 2014.

FERRARI, Odêmio Antônio. *Bispo S/A - A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder*. São Paulo- SP: Editora Ave-Maria, 2007.

FONSECA, Julio Cesar. *De mulher do mal à mulher ideal: um estudo sobre a assimilação x satanização de objetos, símbolos e práticas da Umbanda pela Igreja Universal do Reino de Deus na construção do modelo da mulher iurdiana*. Joinville, SC.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 14 ed. ed. Rio de Janeiro - RJ: Graal, 1999.

_____. “Omnes et singulatim” para uma crítica da razão política. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 26, p. 77–99, 1990.

_____. *Vigiar e Punir*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1997.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 2a edição. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro - RJ: Edições Graal, 1998.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: /edições Graal, 1985.

_____. *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro - RJ: Forence Universitária, 2004.

_____. *Segurança, território e população: curso no Collège de France*. São Paulo- SP: Martins Fontes, 2008a.

_____. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo- SP: Martins Fontes, 2008b.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo- SP: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

_____. *Do governo dos vivos. Curso no Collège de France*. São Paulo- SP: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

_____. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b

_____. *Subjetividade e verdade: curso no Collège de France (1980-1981)*. São Paulo- SP: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

_____. “A ética do cuidado de si como prática da liberdade”. In: *Ditos e Escritos V – Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. O sujeito e o poder. In: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. *MICHEL FOUCAULT. Uma trajetória Filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2ª edição. Edição Revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009

_____. *Estratégia, poder-saber. Michel Foucault: organização e seleção de textos*. Manuel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment. Campinas. *Tese de doutorado em Sociologia*, IFCH - Unicamp, 1993.

GABATZ, Celso. Idiosincrasias religiosas contemporâneas: Qual o lugar das mulheres nas Igrejas Neopentecostais? *Revista Pistis & Praxis*. Teologia e Pastoral. Curitiba, v.10, n.1,182-198, jan/abr., 2018

GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, justiça e feminismos*. Antologia de textos. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2010.

GIUMBELLI, Emerson. A presença do Religioso no Espaço Público: Modalidades no Brasil. *Religião & Sociedade* (Impresso). v.28, n.2,p.80-101,2008.

_____. *O fim da religião: dilemas da realidade religiosa no Brasil e na França*. São Paulo: Attar Editorial, 2002

GOMES, Edilaine de Campos. “Fé racional” e “Abundância”: família e aborto a partir da ótica da Igreja Universal do Reino de Deus. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana* - ISSN 1984-6487 / n.2 - 2000 - pp.97-120., 2009.

GUATTARI, Felix.; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 2 ed. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1986.

GUTIERREZ, Carlos Andrade Rivas. A reflexibilidade evangélica a partir da produção crítica e construção de projetos de vida na Igreja Universal do Reino de Deus. *Tese de Doutorado em Antropologia Social*, IFCH - Unicamp, 2017.

LIMA, Diana. Alguns fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Mana (UFRJ) Impresso*, v. 16, p. 351-374, 2010.

KOZINETS, R. V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre - RS: Penso, 2014.

MACEDO, Bispo. *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?* 16 ed. ed. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1993.

_____. *Fé Racional*. Rio de Janeiro - RJ: Unipró Editora, 2012.

_____. *O perfil da família de Deus*. Rio de Janeiro: Unipró Editora, 2012.

MACEDO, Edir. *Vida com Abundância*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal Ltda, 2000.

_____. *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

_____. *O poder sobrenatural da fé*. Rio de Janeiro - RJ: Unipró Editora, 2011.

_____. *O perfil da mulher de Deus*. Rio de Janeiro - RJ: Unipró Editora, 2017.

_____. *Nos passos de Jesus*. Rio de Janeiro: Unipró Editora, 2019.

_____. *O perfil do homem de Deus*. Rio de Janeiro: Unipró Editora, 2012.

MACEDO, Elizabeth. As demandas conservadoras do Movimento Escola sem Partido e a Base Nacional Curricular Comum”. *Educação & Sociedade*, vol. 38, no 139, 2017, p. 507-524.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Pentecostais, sexualidade e família no Congresso Nacional. *Horizontes Antropológicos*. n.47. 351-380, 2017.

_____. Representações e Relações de gênero nos Grupos Pentecostais. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 12(2): 256, mai-ago, 2005

MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Claudia ; SAMPAIO, Camila. O projeto pastoral de Edir Macedo: Uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, vol. 27, núm. 78, fevereiro, 2012, pp. 81-96

MCLAREN, Margarete A. *Foucault, feminismo e subjetividade*. São Paulo: Intermeios, 2016.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira Católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Civitas*. Porto Alegre. v.11, n.2, p.238-258. Maio-ago.,2011

_____. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos Estudos*, v. N. 44, n.44, p. 24–44, 1996.

_____. A Igreja Universal no Brasil. In: ORO, A. P.; CORTEN, A.; DOZON, J.-P. (Eds.). *A Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo- SP: Paulinas, 2003. p. 53–78.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 121–138, 2004.

_____. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. *Rever. Revista de Estudos da Religião*, p. 68–95, 2008.

_____. Neopentecostais: *sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MAZZILLI, Matheus Pereira. Um confronto político no presidencialismo de coalizão: os resultados do confronto entre o movimento LGBT e o movimento cristão pró-vida e pró-família (2003-2014). *Tese de Doutorado em Sociologia*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa- Portugal: Antígona editores refractários, 2014.

MENDONÇA, A. G. “Um panorama do protestantismo atual”. In *Sinais dos Tempos: Tradições religiosas no Brasil*. *Cadernos do ISER*, v. 22, p. 37–86, 1989.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. *Direito & práxis*. Rio de Janeiro. Vol.7, n.15, 2016, p.590-621.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado*, n.3, setembro-dezembro, pp 725-747. Universidade de Brasília, 2017.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007:101-128.

_____. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

MONTERO, Paula; SILVA Aramis Luis; SALES, Lilian. Fazer religião em público: encenações religiosas e influência pública. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre - RS, ano 24, p.131-164, set/dez.2018

MONTERO, Paula. “Religiões Públicas” ou Religiões na Esfera Pública? Para uma crítica do Conceito de /capo Religioso de Pierre Bourdieu. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, 36(1):128-150, 2016.

_____. (org). *Religiões e controvérsias públicas: experiências, práticas sociais e discurso*. Organizadora: Paula Montero. São Paulo, SP: Editora Terceiro Nome, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

_____. Religião, pluralismo e esfera pública. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 74, p. 47-65, mar. 2006.

NASCIMENTO, Gilberto. *O reino: a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NATIVIDADE, Marcelo.; OLIVEIRA, Leandro. *As novas guerras sexuais*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v.21, n.61, p.115-223, 2006.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. *Tempo Social*, vol.5, n.1-2, São Paulo, jan/dec., 1993

ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre. *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo- SP: Paulinas, 2003.

PIERUCCI, Antônio Flávio.; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

PITANGUY, Jacqueline. A carta das mulheres brasileiras aos contituíntes: memórias para o futuro. In:HOLANDA, H. B. DE (Ed.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro - RJ: Bazar do Tempo, 2019. p. 81–96.

PROENÇA, Wander Lara de. *Sindicato de mágicos: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2007)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

RAGO, Margareth. Narcisismo, sujeição e estéticas da existência. *Verve. Revista semestral autogestionada do Nu-Sol*. v.9: p.236-250. UNICAMP, São Paulo, 2006.

_____. Comentários ao texto “Questões teóricas e metodológicas sobre gênero, feminismo e religião” de Elina Vuola. In *Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em constituição*. ROSADO, Maria José (org). Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo, n-1 edições, 2018.

ROSA, Pablo Ornelas (org.). *Facismo Tropical: uma cibercartografiadas novíssimas direitas brasileiras*. Vitória - ES: Editora Milfontes, 2019.

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*. (16) 2001 : pp. 79-96

SÁ, José Felipe Rodriguez. O mito familiar da Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação (mestrado). *Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea. Universidade Católica de Salvador*. Salvador, BA, 2018.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SANTOS, Rayani Mariano. Conservadorismo na Câmara dos Deputados: discursos sobre “ideologia de gênero” e Escola sem Partido entre 2014 e 2018. *Teoria e*

Cultura. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 13 n. 2
Dezembro. 2018

SCHELIGA, Eva Lenita. Educando sentidos, orientando uma praxis: etnografia das práticas assistenciais de evangélicos brasileiros. *Tese de doutorado em Antropologia Social. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2010.*

SOUZA, Pedro Fernandes; FURLAN, Reinaldo. A questão do sujeito em Foucault. *Psicologia USP, São Paulo, v. 29, n.3, 325-335, 2018.*

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. Porto Alegre, RS: L&M, 2019

SUNG, J. M. Prosperidade sim, família heterossexual não! A nova classe média evangélica. *Revista de Psicologia USP, Vol.23,n1, 25-51, 2015.*

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. *Da controvérsia às práticas: conjugalidade, corpo e prosperidade como razões pedagógicas na Igreja Universal*. [s.l.] Universidade de São Paulo., 2012.

_____. Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: O desafio Godllywood. *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro, 34(2): 232-256, 2014.

_____. A conduta universal:governo de si e políticas de gênero na Igreja Universal do Reino de Deus. *Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*. Departamento de Antropologia. São Paulo, 2018.

_____. A hermenêutica dos corpos: notas sobre o pastorado das mulheres na Igreja Universal. IN. MONTERO, Paula (org). *Religiões e controvérsias públicas: experiências, práticas sociais e discurso*. Organizadora: Paula Montero. São Paulo, SP: Editora Terceiro Nome, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

TIBURI, Márcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: rosa dos Tempos, 2018

TOLEDO-FRANCISCO, C. Passagens híbridas: relações de gênero e pentecostalismo. *Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2002.*

TREVISAN, Janine Bendorovicz. Evangélicos pentecostais na política partidária brasileira: de 1989 a 2010. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013.

_____. A Frente Parlamentar Evangélica: Força política no estado laico brasileiro. *Numen: revista de estudos e pesquisas da religião*. Juiz de Fora, v.16, n.1, p.581-609, 2013.

VILHENA, Valéria Cristina. Pela Voz das Mulheres: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher – Casa Sofia. *Dissertação de Mestrado em Ciências da*

Religião. Universidade Metodista de São Paulo. Faculdade de Humanidades e Direito. São Bernardo do Campo, 2009

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo- SP: Editora Martin Claret Ltda, 2009.

WOLLSTONECRAFT, *Mary*. *Reivindicação dos direitos da mulher*. São Paulo: Boitempo, 2016